



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

Linha II: Cultura, Poder e Identidades

**LUIS DA CÂMARA CASCUDO: DIÁLOGOS COM A CULTURA
POPULAR NO ROMANCE *CANTO DE MURO***

IVONE AGRA BRANDÃO

ORIENTADORA

Profa. Dra. Marinalva Vilar de Lima

Campina Grande

Abril de 2012

**LUIS DA CÂMARA CASCUDO: DIÁLOGOS COM A CULTURA
POPULAR NO ROMANCE *CANTO DE MURO***

IVONE AGRA BRANDÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção do Título de mestre em História.

ORIENTADORA

PROFA.DR^a.MARINALVA VILAR DE LIMA

Campina Grande

Abril de 2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

B8191 Brandão, Ivone Agra.
Luís da Câmara Cascudo: leituras memorialísticas, cultura popular e escrita romanesca em *canto de muro* / Ivone Agra Brandão. - Campina Grande, 2012.
117f.: il., color.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marinalva Vilar de Lima.
Referências.

1. História. 2. Luís da Câmara Cascudo. 3. Romance. 4. Cultura Popular.
I. Título.

CDU 94(043)

**LUIS DA CÂMARA CASCUDO: DIÁLOGOS COM A CULTURA
POPULAR NO ROMANCE *CANTO DE MURO***

IVONE AGRA BRANDÃO

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Campina Grande, em comissão formada pelos professores:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Marinalva Vilar de Lima – PPGH/UFCG

ORIENTADORA – PRESIDENTE DA BANCA

Prof. Dr. Marcos Antônio da Silva (PPGH/UFCG)

EXAMINADOR INTERNO

Prof^a Dr^a. Mércia Rejane Rangel Batista - PPGCS/UFCG

EXAMINADORA EXTERNA

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira – PPGH/UFCG

EXAMINADOR INTERNO SUPLENTE

Prof^a Dr^a Maria Lúcia Abaurre Gnerre (UFPB)

EXAMINADOR EXTERNO SUPLENTE

Data de defesa e aprovação:

____/____/____

A meus pais, como sempre meus incentivadores!
Obrigado meu Deus, por me amar e permitir, que eu
tenha forças para lidar com as adversidades.

RESUMO

Este trabalho tem por intenção elaborar uma leitura de Luís da Câmara Cascudo, a partir de seu único romance publicado, titulado *Canto de Muro: Romance de Costumes*. Mesmo tendo o autor potiguar experimentado as várias experiências escriturárias, como as voltadas ao estudo da Cultura Popular, da História, da etnografia e nos mais variados textos memorialísticos, especialmente neste livro, que Cascudo lança toda uma carga emotiva e sentimental inculcando, numa intensa *escrita de si*, uma leitura realizada a partir de suas memórias de infância e de vida. Desta forma, nossa pretensão em buscar uma produção neste teor é encontrar as marcas de um Câmara Cascudo escritor de romances, uma atividade inesperada, que revela as marcas de um autor que não foge dos temas que fizeram parte do *corpus* de sua obra. É a partir deste registro que analisaremos em especial seu envolvimento indireto com os Movimentos Regionalistas e, outrossim, com o Modernismo paulista; problematizaremos que esta referência ao mundo literário esteja em suas obras, ligada, pelo fato do autor se preocupar com as marcas produzidas pelos populares; então devido a esta prerrogativa, consideramos indispensável trabalhar não só os conceitos de cultura popular, mas também os de povo e tradição, traçando um paralelo entre os questionamentos de pesquisadores da área e o próprio entendimento de Câmara Cascudo. Pois, compreendemos que é estudando essas identificações de Cascudo que o entendemos como escritor e além do mais, apontar quais são os objetivos inerentes em sua obra. Desta forma, *Canto de Muro* está inserido dentro neste complexo escriturário pelo qual o próprio autor, ao longo de seus intensos anos de pesquisa, vai tecendo fios que unem uma produção a outra.

Palavras- chave: Luís da Câmara Cascudo, Romance e Cultura Popular

ABSTRACT

This work has the intention to develop a reading of Luís da Câmara Cascudo, from his only published novel, titled as *Canto de Muro: Romance de Costumes*. Even though the author tried various experiments clerks, as concerned with the study of Popular Culture, history, ethnography, and in various memorialistic texts is in this particular book that Cascudo throws a whole load emotional and sentimental, instilling an intense self-written, performed a reading from his childhood and life memories. Thus, our intention to seek a production at this level is to find the marks of a Câmara Cascudo novelist, an unexpected activity, which shows the marks of an author who does not shun topics that were part of the corpus of his work. It is from this particular record, we will examine its indirect involvement with the Regionalist Movements and moreover with Modernism from São Paulo. We question, that this reference to the literary world in his works is on the fact that the author worry about the marks produced by popular, then, because of this prerogative, we consider essential to work the concepts of popular culture, as well as folk and tradition, drawing a parallel between the questions posed by researchers and own Câmara Cascudo understanding. Well, we understand that studying these identifications of Câmara Cascudo is that we can understand him as a writer, moreover, point out what are the goals inherent in his work. Thus, Canto de Muro is housed within this complex clerk by which the author throughout his years of intense research threads that weaves together a production to another.

KEY-WORDS: Luís da Câmara Cascudo, Novel, Popular Culture.

AGRADECIMENTOS

A Deus, motivo de todas as minhas forças, que não me abandona nem me falha nas horas mais precisas. Ele me guia, me orienta. Faz-me sentir como é bom viver. Fez-me entender que a felicidade está presente nas coisas mais simples da vida. Ergueu minha cabeça quando por inúmeras vezes, ela se manteve baixa. Consolou-me nos atropelos ocorridos na vida e nas quedas diárias.

Como é bom sentir que existe alguém que está sempre zelando por nossa vida; é mais que sentir-se acalentado no colo sereno da via materna, vale mais que tesouros, riquezas e propriedades.

A meus pais, que sempre tiveram uma dedicação especial por mim, nunca me deixando faltar em nada. Minha família, meu porto seguro, minha fortaleza. Junto a eles fui construindo e reavaliando, tudo o que sou agradeço a eles, com um carinho especial. A meus irmãos Michele Agra e Paulo Agra, também ao meu sobrinho Cassiano Agra, parte de minha vida.

Neste longo caminho encontramos pessoas que se tornam especiais em nossa vida: são nossos amigos, que estão conosco nas horas de bonança e também angústias. Estaria cometendo um grande crime se não agradecesse, de forma especial, ao meu amigo Robson Victor, ou melhor, meu irmão, que esteve presente comigo vivendo os vários momentos desta pesquisa visto que, sentindo na pele as mesmas dores de um trabalho como este, ajudou-me intensivamente, dividiu alegrias, risos e tristezas. Construimos uma grande amizade, e por que não uma história - quanto temos a falar!

Este estudo dedico a Tatiana, companheira de trabalho, acobertando-me em escapes para participação em eventos, congressos, ministração de mini-cursos, principalmente na confecção deste trabalho, de extrema importância em minha vida acadêmica. É somente vivendo a experiência de tentar conciliar trabalho à vida acadêmica, que sentimos o quanto tudo o que fazemos vale a pena tendo que, embora cansado após um dia de andanças e resolução de problemas, ler livros e ficar diante de sua pesquisa, ora monstro, ora querubim. Não é fácil! Tudo conquistado com um cotidiano de sacrifícios em que forças surgiam, sem que esperássemos. O prazer de chegar a uma finalização e a vitória de uma conquista, me conduziram, me guiaram e me nutriram, razão por que, ao chegar a este ponto, me sinto

alegre, flutuante. Quão grata fico àqueles que sempre estiveram comigo, aliando forças e torcendo pela minha alegria!

Às minhas companheiras de trabalho, Ioná Verônica, Suely e Ângela, sempre me animando quando chegava ao trabalho com olheiras, sempre cansada, nutrindo forças para encarar mais um dia de trabalho depois de passar noites mal - dormidas.

Aos colegas do SINTAB, que me acompanharam incentivando minha produção, em especial ao amigo Sizenando Leal, grande apoiador.

Nesta vida encontramos, sim, pessoas que se importam conosco. Levei muitas rasteira; contudo elas me serviram para crescer e amadurecer.

Não poderia escrever essas páginas sem falar sobre as grandes amizades angariadas com muita alegria nesses dois anos de parceria, a Cibelle Jovem Leal, companheira inalienável de todas as horas, e cuja amizade é uma das grandes conquistas na minha vidinha simples de universitária; aprendi, com você, que a vida extrapola as portas deste mundo e ganha dimensões. A Everton Demetrio, o “simpático” amante de Guimarães, parceiro em diversas ocasiões. A Kelly Cristovam, sempre sensível mulher, que possui a proeza de combater várias lutas; Em fim aos amigos Sandreylza, Luís Carlos, Iordan, Kakau, Cida, Rosineide, Neide, Inairam, meu companheiro de estágio, e toda a turma de 2010.

Foi caminhando por este mundo afora que encontrei Talita Rosa Mística e Viviane Kate, que estiveram comigo compartilhando os variados momentos, proveitosíssimos.

Querida Michelly Pereira Cordão, com quem divido com primor meu natalício, partilhando alegrias, e na qual você também me ajudou e agora, tem um pedacinho de você. Obrigada pelas palavras de incentivo.

Ao *Grupo de Estudos Culturais*, coordenado pela professora Marinalva, contribuindo para o meu avanço acadêmico e teórico, primordial para a composição deste trabalho. Saudade das tardes de intensos debates e dos inesquecíveis “Saraus Culturais”, regados com bastante Sangria.

A CAPES, pelos 10 meses de Bolsa de Estudo facilitando a compra de livros e a participação em pelo menos um ano em eventos e aliviando situações financeiras.

“*Se tudo o que a gente sente cá dentro, tivesse voz...*”, Dr^a Mari! Gostaria de agradecer especialmente a Marinalva Vilar de Lima, pela amizade, cumplicidade em sobremaneira a paciência, por confiar em mim, aconselhando-me e me orientando tanto na vida acadêmica quanto na extra-acadêmica. Esteve comigo do início ao fim do curso; a ela devo todas as motivações de leitura, trabalho e pesquisa. Sempre firme, exigente, mas com a

estima de estar sempre motivando seus alunos para a reflexão e ação. As palavras são limitadas para expressar meus agradecimentos, pois tenho uma grande dívida, que não sei como poderei saldá-la. Agradeço pelos telefonemas de lembranças como “cadê o textinho”!, “tá chegando o dia!” e Cascudo me dizendo: “*Assente-se nesta poltrona que as ideias hão de vir...*” (de Antônio Damasceno Bezerra, em *Pequeno Manual do Doente Aprendiz*).

Ao professor Marcos Silva, pela disponibilidade ao Programa de Pós- graduação e avaliar este trabalho.

Também à firme professora Mércia, pela atenção com suas colocações devidas e pertinentes, através das quais aprendi a admirar como professora, pelo comprometimento com as atividades e o incentivo dado aos alunos.

Ao professor Buriti, tão disponível, sempre me aceitando em minhas confusões! Com ele aprendi muito quanto acadêmica e enquanto pessoa. Quando os artigos saíam ásperos, sem emoção, ele primava para a leveza da escrita. Quão suave são as palavras amargas dos historiadores; quando bem ditas e colocadas, elas proporcionam impacto, quando ao mesmo tempo provocam ternura. Fez-me acreditar que a vida pessoal não está dissociada dos trabalhos escriturário; à medida em que o pesquisador dá a atenção merecida ao seu trabalho, ele ganha vida, mesmo que seja nutrida de intenso trabalho porém o melhor de tudo é sentir que todo um esforço será recompensado quando este tiver chegado a um fim. Dedico a você estes versos de Goethe, citados por Luís da Câmara Cascudo, no livro *O Tempo e Eu*, que corresponde ao que sinto cá dentro:

Mas, enfim, sou o que sou,
Se assim te sirvo, aqui estou;
Se queres mais linda prenda,
Manda-a fazer d' encomenda.
Que eu, enfim, sou o que sou,
Se assim te sirvo, aqui estou.

Bem! Ainda estou aprendendo, Iranilson!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I- Tecendo os ditos, escritos, diálogos de uma leitura cascudiana.....	24
CAPÍTULO II – (En) <i>Canto de Muro</i>?	47
CAPÍTULO III- Romanceando Cascudo: os Ofícios distintos de um provinciano incurável.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
FONTES.....	103
BIBLIOGRAFIA.....	104

Cântico das Criaturas

Louvado seja Deus na natureza,
Mãe gloriosa e bela da Beleza,
E com todas as suas criaturas;
Pelo irmão Sol, o mais bondoso
E glorioso irmão pelas alturas,
O verdadeiro, o belo, que ilumina
Criando a pura glória - a luz do dia!

.....

Louvado seja Deus na mãe querida,
A natureza que fez bela e forte:
Louvado seja pela irmã Vida
Louvado seja pela irmã Morte.

São Francisco de Assis

INTRODUÇÃO

História não é problema, professor. O problema é o historiador. A História é feita no Tempo. O historiador é um momento no Espaço, tentando imobilizar ocorrência coletiva através da percepção individual.

(Luís da Câmara Cascudo em *Prelúdio e Fuga do Real*)

Muitas vezes, compartilhar conversas aparenta ser uma tarefa fácil, mas as “conversas”, para os historiadores, além de entreter, “desaparecer”, elas conseguem mudar de tom e começam a virar sérias e audaciosas, tornando-se objeto de estudo. Na verdade, são rascunhos que, posteriormente, ao serem avaliadas e organizadas, se concretizam muitas vezes como sérias. As conversas para os historiadores não são despreziosas; ao contrário, elas são atrevidas, quase como um inquérito, ora somos detetives, buscamos as pistas, analisamos os indícios, interrogamos tanto a vítima quanto o réu, assim como nos ensina Carlo Ginzburg¹. Todo documento é a mira central de nossas observações e análises. Em particular a leitura é o aporte, o subsídio por excelência do nosso trabalho enquanto historiadores. A leitura seja ela voltada para um texto ou até mesmo de uma fotografia, de um filme, ela continua considerada um dos mais antigos artifícios desenvolvidos pelo homem.

Seguindo essa perspectiva encontramos os livros; há quem diga que caiu da moda, que está em desuso, que é um objeto ocioso. Mesmo com a popularização dos equipamentos tecnológicos, como computador, *ipod* etc, quem não conhece este dispositivo de conhecimento, que promoveu uma ruptura tecnológica na história da humanidade, fazemos seu manuseio sem a necessidade do uso de algum circuito elétrico. O livro, você pode carregá-lo para qualquer lugar sem medo de descarregar a bateria; é preciso apenas abri-lo e desfrutar da leitura. Roger Chartier² estudou exatamente como o livro, ao longo do tempo, fôra ganhando o seu espaço e como ele se foi movimentado através do tempo. A vida do historiador está constantemente apregoada à leitura detetivesca, buscando no livro sua fonte de despreendimento e de descontração. No entanto e quando o livro vira “coisa” séria?

¹ Ver o método indiciário de: GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” In: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

² Cf. CHARTIER, Roger. *Aventura do Livro: Do leitor ao navegador*. Conversas com Jean Lebrun. São Paulo: UNESP/ IMESP, 1999.

O livro virou “coisa” séria quando tomei as leituras cascudianas como dilema para enfrentar meses de pesquisa e, todavia, uma composição regada a uma angústia de historiador de querer tornar sua escrita perfeita, e indiscutível aos olhos dos críticos, senão desejável aos próprios pares como nos diz Michel de Certeau³. O mentor das táticas e estratégias nos fez uma crítica enquanto historiadores, sobre os quais escrevemos para contentar os olhares apurados de nossos pares e não atingimos um público massivo fora dos muros da academia. O que ele esqueceu de ressaltar é justamente o que representa, ou seja, a vaidade presente no historiador em querer agradar seu outro, seu par; é que os faz, muitas vezes, se tornarem arrogantes e pretensos a serem os donos do saber e desprezar o trabalho do outro.

A partir de um olhar mais inquietante em Luís da Câmara Cascudo e com a destreza de uma pesquisadora audaciosa em leituras particulares, vi, como vaidoso, aquele que não dava a mínima para a condução de um método acadêmico, despreocupado com a temporalidade, em dar satisfação aos seus críticos em que suas obras endereçadas a qualquer leitor dispõem de um extenso legado de recolhas da tradição cultural nordestina. Minha conversa com Cascudo é antiga, remetendo ao período da graduação. Quando comecei a conhecê-lo as leituras foram constantes e cada descoberta parecia uma caça sedenta ao tesouro. Ao frequentar os encontros do *Grupo de Estudos Culturais*, facilitado pela professora Marinalva Vilar de Lima, tive a oportunidade de ser apresentada a Cascudo que, em meu primeiro contato, causou-me estranhamento, principalmente ao fazer a leitura do livro que seria, em meu futuro, objeto de estudo e concretização para este trabalho.

Diante de tantos trabalhos o livro que Cascudo tomou como representação animalesca da vida, não souo como um artifício de atração à primeira vista. O Luís da Câmara Cascudo era enigmático, precisava conhecê-lo antes de abraçar seus escritos. Foi consultando-o continuamente que a relação de estranhamento se esvaziou, ou pelo menos se tornou interesseira. Nossa relação continua aqui, presente, mesmo que em alguns momentos carecendo de um desenlace, de algo que possa desatar visões de contento e sedução pela pesquisa e pelo pesquisado. Assim vieram as descobertas, embarquei num caminho navegado por muitos pesquisadores e resolvi continuar optando por assinalar o tempo dos desejos emotivos de Câmara Cascudo, um cenário doméstico de lembranças experimentadas, que colocaram em evidência a proximidade de seu mundo imaginativo com o cotidiano lido através de um mundo voltado para a botânica, fauna e flora ganham dimensões espaciais e

³ Cf.: CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universidade, 1982

territoriais, afetivas e emocionais, conduzindo um fio, que é simplesmente a vida. Aqui, o Cascudo abraça o romance como escrita colocando com espontaneidade sua erudição e seus conhecimentos de anos de estudos, tecido em meio ao seu tempo, produto de um vasto campo de saber. Adentrar numa obra Cascudiana pautada em trabalhos voltados para a Cultura Popular, a Etnografia, a História, à memória etc, não é o mesmo que se voltar a ler o Cascudo dedilhando um romance embora suas marcas como escritor permaneçam em sua escrita, mas as intenções e o nível de interação com o leitor, são diferentes. Por se tratar de um romance, entendemos que *“Romance é a manifestação narrativa de um evento imaginário, porém possível e verossímil, representando um ou mais aspectos do cotidiano social e familiar”*⁴

O Luís da Câmara Cascudo não é um autor que pertence exclusivamente ao Rio Grande do Norte; todavia, ele é propriedade do Brasil, grande parte de seus livros evoca o povo, porém é um povo, alá Cascudo. É um povo que possui cores sonoridades e um brilho monumental; ele contempla e exalta o que é brasileiro e o que ele faz, partindo exaustivamente de sua dimensão o Nordeste, primando o Brasil.

Não pensem, contudo, que nosso diálogo é por completo harmônico. Não se trata de uma relação de amor e ódio, mas uma vontade particular de ver o Cascudo aprofundar-se em suas temáticas, de dialogar com autores de sua contemporaneidade, de vê-lo consagrado junto a nomes de intelectuais como Gilberto Freyre, e Sérgio Buarque de Holanda, entre outros, que contribuíram para a construção de um pensamento social brasileiro. Câmara Cascudo é silenciado entre esse meio; todavia, tornou-se um dos mais lidos, pesquisados e recorridos quando se fala em folclore brasileiro. Muitas vezes nosso diálogo é movido ora por aflição, ora por satisfação. Faço perguntas sobre as quais muitas vezes não consigo obter respostas ou exijo em demasia por uma preocupação que não era a sua no momento.

Como escritor, Luís da Câmara Cascudo tinha a intenção de atingir um público, aquele amante da leitura e ao mesmo tempo preocupado em querer retirar uma mensagem sobre a escritura. Cascudo escreve para diferentes públicos, estando presente o caráter polissêmico de suas obras, não tinha um direcionamento fixo. Além de falar sobre o povo nordestino em suas experiências individuais e coletivas, também “metia-se” a historiador, contando “um tanto” sobre história local, regional e nacional, enfocou sobre a História, aquela

⁴ INOUE, Ryoki. *Vencendo o desafio de escrever um Romance*. São Paulo: Summus, 2007, p. 105

mais positivista, descritiva do Estado⁵, do Município⁶, de sua terra natal ou até mesmo escrevendo biografias⁷ de pessoas ditas importantes para sua época. Sem ter qualquer pretensão, celebra uma História mais cultural, viaja à África e não se contenta e escreve sobre a alimentação brasileira,⁸ brinca com os gestos,⁹ procura como a rede foi recepcionada no Brasil¹⁰; como folclorista, fala dos contos tradicionais, dos cordéis, do canto, da música, do vaqueiro; enfim, uma miscelânea de ditos e escritos: oralidade, tradição, cultura popular e memória. Não faltou tema para seus estudos, não se contenta com as informações que estão postas, tenta buscar uma origem, em qualquer âmbito que a História possa proporcionar. São as múltiplas faces de Cascudo densamente sondáveis no ritual da memória, através do brilho, das cores e da sonoridade da cultura onde estão presentes sua paixão, seu amor, sua vaidade.

Seja qual for seu texto, a excelência e o rigor na escritura são priorizados, transformam a escrita numa arte da linguagem que, por vezes, joga e brinca com as palavras; o texto leva a refletir, a rir e a ensinar. Não se preocupa com a aspereza de um método embora faça uso de alguns conceitos presentes nas Ciências Humanas, visando explicar o objetivo de seu texto.

Luís da Câmara Cascudo escreve seu único romance, uma produção particular, composta pelo acaso, sem pretensões de publicação que, por sua vez chama a atenção pelo tipo de leitura que ele trás sobre o mundo animalesco, regada a lirismo, a poeticidade, ao encantamento da vida e a reflexão sobre o desrespeito, nos usos e abusos da condição humana frente à natureza.

Estando diante de inúmeras leituras de um escritor, que sempre esteve em busca de temas. Nós pesquisadores, gostamos de nomeá-lo enquadrá-lo em várias denominações, na perspicácia de sempre tentar colocar nossos objetos de pesquisa enquadrados, “em caixinhas” para facilitar a nossa vida, como nos diz Michel de Certeau em sua *Operação*

⁵CASCUDO, L. da C. *História da República do Rio Grande do Norte: DA Propaganda à Primeira Eleição Direta para Governador*. Rio de Janeiro: Do Val, 1965

⁶CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Cidade do Natal*. 3ª Edição. Natal, Instituto Histórico e Geográfico do rio Grande do Norte; Prefeitura da Cidade do Natal, 1999

⁷CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu*. Natal. Imprensa Universitária, 1968. CASCUDO, Luís da Câmara. *Na Ronda do Tempo: Diário de 1969*. Natal: EDUFRN, 1969. CASCUDO, Luís da Câmara. *Ontem-Memórias*. Natal: Rio Grande do Norte: Imprensa Universitária, 1972

⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Alimentação no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1983

⁹ CASCUDO, Luís da Câmara Cascudo. *História dos Nossos Gestos*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987

¹⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *Rede de Dormir: Uma pesquisa Etnográfica*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1959

*Historiográfica*¹¹; em vida, ele próprio se denomina “professor”, mesmo com diploma de advogado e quase um médico formado. Nós pesquisadores pretensiosos, o vemos a partir de diferentes focos, ofícios como antropólogo, historiador, memorialista, jornalista, etnógrafo, crítico literário, geógrafo e biógrafo. No entanto, o próprio Cascudo se autodefine como professor, no prefácio do livro *Ontem*,¹² escreve sobre a experiência que obteve como professor, evocando fatos de sua vida, convivência com seus professores, e remontando sua formação humanística, pelo qual se nomeia com professor

Esse livro constitui um depoimento de professor provinciano em quem não se inquirará devotismo abúlico ou desajustamento possesso. Nem esgotei o combustível otimista da Esperança e da Fé, concedendo-me a continuidade do trabalho sem equimoses¹³.

A denominação tratada por Cascudo em seus textos sempre remete ao ofício de professor por atuar parte de sua vida como mestre; ele mesmo se consagra como pertencente a profissão. Francisco Ivo Cavalcante, um de seus professores, escreve o prefácio do livro *O Tempo e Eu*¹⁴ de 1968, relatando a partir de sua relação intimista com seu aluno, que o mesmo não “tinha vocação para advogado” e muito menos para médico, porque abraçou o magistério em cursos de nível médio e superior¹⁵. Levando a refletir na fala seguinte do mesmo comentador quanto relata, que fez o exercício inverso do Câmara Cascudo, ao dizer que deixou a literatura “*porque no nordeste brasileiro àquele tempo, não proporcionava feijão para panela de família grande(...)*”¹⁶. Voltamos a pensar sobre a condição de nosso autor, abandonando o Curso de Medicina e uma vez formado em Direito, não exerce a profissão. Duas profissões consagradas em seu tempo, investimento certo de famílias abastadas brasileiras. Luís da Câmara Cascudo, garoto mimado, de extremada atenção paterna e materna, após ter finalizado o curso, “resolve” ser professor, para Francisco Ivo, falta de identificação com o fazer, chegando-nos a impressão de uma pessoa pressionada a exercer o que não gosta ou como seu próprio professor narra,

Câmara Cascudo, já pobre, formado em Direito, jamais procurou emprego, resquícios de orgulho de menino rico, porém por sua inteligência e sua cultura

¹¹ CERTEAU, Michel de. *Op. Cit.* 1982

¹² CASCUDO, Luís da Câmara. *Ontem: Maginações e Notas de um Professor de Província*. Natal: Rio Grande do Norte: Imprensa Universitária, 1972

¹³ *Idem, Ibidem*, p. 6

¹⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu- Confidências e Proposições*. Natal, Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2008.

¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 21

¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 22

cada vez mais elásticas, as colocações lhe eram oferecidas e hoje, tendo atingido a velhice, está aposentado¹⁷.

Francisco Ivo convive com o Cascudo, e com certeza, acompanha as movimentações do “Cascudinho”, como sua figura aos poucos se concretizava dentre a elite potiguar. No entanto, seu discurso retrata a esfera de um ambiente de que são configurados a partir de condições, de lugares ocupados por um indivíduo. Podendo não ter dinheiro como na infância e princípio de sua adolescência, mas carregava consigo sua posição e o seu conhecimento. Logo, para ser colocado como professor, Cascudo se moldou, consagrou-se não de uma maneira natural, mas facilitada mediante a posição ocupada na sociedade natalense. Aqui, optaremos por evocar seu estatuto de professor que, como envaidecido, preferiu ser chamado também ao exercício de romancista, diante desta tensa relação que tendenciamos a ter com nosso trabalho.

Nesta pesquisa, Cascudo surge como romancista, escritor de seu único romance, o *Canto de Muro: Romance de Costumes*¹⁸, faceta silenciosa do pesquisador que aborda a história natural, em que a cientifização se encontra com a poeticidade de suas palavras, num traçado encantador de cores, práticas, uma mistura de autobiografia, memória, cultura popular e folclore. Em *Canto de Muro* plantas, insetos, pássaros, uma diversidade de bichos passeiam, convivem como moradores, motivo pelo qual o autor lhes dá um tratamento especial. Observador nato, descreve-os com familiaridade, fala com intimidade munido de um intenso conhecimento botânico, cultural, clássico, cientificista e literal. Observa a fauna, a flora animal falando de seus lugares a partir de uma linguagem humana e, principalmente, poetizada. Adota a postura de narrador de cunho naturalista, em particular das espécies da natureza que, geralmente, leva o leitor a refletir sobre cenas do cotidiano, desconhecidas pelas pessoas.

O mundo descrito por Câmara Cascudo é o interior em quatro paredes de um muro, pelo qual somente aqueles possuem sensibilidade podem experimentar o gosto do ar, ver a metamorfose das borboletas e observar um arco-íris de cores no incolor das águas, e podem pressentir a poeticidade do autor, ao narrar suas histórias. As narrativas de Cascudo atravessam as quatro paredes de um muro e ganham dimensões imaginativas, dialogando com a exterioridade, comunicando-se com seus vários tempos narrativos, embora o autor não se

¹⁷ *Idem, Ibidem*, p. 22

¹⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *Canto de Muro: Romance de Costumes*. 2ª Edição. Rio de Janeiro. Editora José Olympio. 1977

preocupe em datar ou temporalizar. O canto do muro escolhido pelo autor é apenas um ponto de apoio para ele pensar os vários momentos de sua vida. Partindo da infância até os dias atuais, o título colocado por Cascudo é um título metaforizado, que remete a algumas inferências de sua vida. Uma vez que um canto de muro causa, em sua primeira impressão, a ideia de solidão, de recolhimento, de um menino de infância isolado das brincadeiras e das traquinagens do dia-a-dia, por possuir saúde frágil. Este é o passado que se encontra com o seu presente, distanciado de sua família e, mais uma vez, atingido por problemas de saúde, agora por parte de seu filho, quando novamente se encontra recolhido a pensar nas pequenas lembranças que vão dando sentido a sua vida. Como as sentidas por Marcovaldo personagem criado por Ítalo Calvino¹⁹ que, diferente de Cascudo, vivia num ambiente urbano tentando perceber, na aridez da vida e nos grandes centros, algo que o encantasse em meio ao asfalto, aos avisos, semáforos, confusões de letreiros luminosos e na imensidão e diversidade dos *outdoors*. Marcovaldo buscava a beleza na cidade através da simplicidade da vida como por meio de uma folha amarelada caída no chão, por pequena que fosse, perdida na areia do deserto ou até mesmo nas “*cascas de figo, se desfazendo na calçada*” era motivo de contemplação do personagem, que atentamente observava e comentava.²⁰

Em *Canto de Muro* o autor expressa, de forma contemplativa, vários movimentos executado no canto de muro. Nos encanta a maneira como ele interpreta os acordes naturais do ambiente’ observando a miudeza, os pequenos detalhes como “*as lagartixas são muito bem educadas e balançam as cabecinhas triangulares concordando com tudo*”²¹. E o grilo com “*três notas como flechas de cristal varando a noite serena,(...)*”²² e sobre o rato “*Musi naturalmente desenvolve técnicas defensivas para aliviar a espécie, do paladar de Raca*”²³. Suas posições mediante as exposições colocadas tendo como referência os pequenos animais, são intimistas, tanto quanto as menções a textos clássicos ou conversas e depoimentos informais com pessoas de seu convívio. Coloca com segurança as informações e as referências citadas, dando propriedade ao texto. E assim ganham vida os personagens, em cada página arquitetada de seu romance e os animais ganham vida, nada de personificação fabulista; os pequenos animais não falam; no entanto, são dotados de sentimentos, fazeres e ocupam um lugar pelo qual são responsáveis em sua cadeia de vida.

¹⁹ CALVINO, Ítalo. *Marcovaldo ou As estações na cidade*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

²⁰ *Idem, ibidem*, p. 7

²¹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. Cit*, 1977, p. 4

²² *Idem, ibidem*, p. 136

²³ *Idem, ibidem*, p. 5. Grifo nosso, este era o nome, que intimamente batizou a jararaca.

Câmara Cascudo cria, para seu livro, a representação de um ambiente botânico, porém o texto atua em duas dimensões, uma que surge a partir do observado no qual os personagens são eles mesmos, vivendo e protagonizando o enredo de suas vidas, concomitantemente Cascudo os dota de sensibilidade, personalizando-os de forma intimista, nomeia as figuras animais de maneira expressiva, com criatividade criando situações comuns, rotineiras o que, embora seja normal no ambiente animal, é ignorado e desprezado pelos homens.

O canto de muro criado pelo escritor potiguar não é qualquer um; o autor valoriza a narração e destina um lugar, ele está presente num quintal abandonado em Natal em que, segundo Telê Ancona é um local em ruínas e refugos, que guardam a existência de seres miúdos, insetos, aves, répteis, aves e pequenos mamíferos²⁴ e como não a de se estranhar, ele coloca elementos comuns da geografia regional, toda a flora e fauna presentes no texto não são estranhos aos olhos e ouvidos dos nordestinos. Para isto, Cascudo utilizou-se de seus conhecimentos adquiridos através de seus estudos, da recolha de elementos, que fizeram parte de sua prática cultural expressam, em suas várias obras dedicadas ao estudo da cultura do povo, do que diz ser porta-voz. Mais uma marca de Cascudo que revela, neste texto, a conservação de sua autonomia enquanto animais na liberdade deliberada por seus personagens.

Sondar Cascudo é como estar numa estrada e nela conter a presença de várias trilhas, nas quais todas levam a um objetivo específico, nenhum desses caminhos é considerado vazio e até mesmo esses caminhos podem em muitos momentos cruzar. É assim que apresenta-se a multiplicidade da obra de Cascudo; são atalhos diferentes que se entrelaçam em algum momento e isto é o que viabiliza a particularidade em sua produção enquanto escritor. A especificidade presente em *Canto de Muro* configura-se nesta dimensão, o escritor norte-rio-grandense mesmo desempenhando a faceta de romancista deixa a presença de várias marcas de seus textos anteriores, sua própria composição entoa elementos que estão presentes em suas diversas obras; portanto, não dá para separar o Cascudo da Cultura Popular, do biógrafo, do etnólogo etc., do Cascudo romancista, de um caráter mais leve, sedutor, com a sensibilidade fluindo em cada composição do enredo.

No início, *Canto de Muro* se revela como um labirinto, a linguagem difere de suas demais obras, é o esperado por estar ligado ao caráter romancista, o texto se molda com outras

²⁴ LOPES, Telê Ancona Porto. “Canto de Muro”. In.: SILVA, Marcos (Org). Dicionário Crítico Câmara Cascudo. São Paulo: Perspectiva; Natal: EDUFERN, Fundação José Augusto, 2003

modalidades de fala, de e se comunicar com o leitor. A tentativa é a de atingir quem o lê de maneira que sua leitura ganhe um sentido, um tom que chame a atenção e, ainda assim, expresse um sentido. Não obstante, logo somos levados a procurar as marcas de um Cascudo apaixonado pela cultura, pelas expressões populares como as contidas em *Tradição, Ciência do Povo, Cinco Livros do Povo*, ou o *Câmara Cascudo de Vaqueiros e Cantadores*.²⁵ Encontramos o Luís da Câmara Cascudo no decorrer do livro confundido-se, muitas vezes, com a própria obra, participando das histórias, revelando suas experiências pessoais, ora brincando com o leitor ora informando vários dados, informações; como em decorrência, faz em sua escrita uma preocupação etnológica e etiológica.

Os primeiros parágrafos do livro se dedicam em apresentar o cenário que será o ambiente pensado pelo autor para o decorrer de seus episódios, numa enunciação descritiva do ambiente apresentando, aos poucos, quem habita aquele canto de muro mostrando a funcionalidade de cada espécie em sua relação com o homem e com a natureza e como ao longo do tempo, esses pequenos animais foram sendo relacionados com a cultura principalmente na região nordeste.

Trepadeiras listam de verde úmido o velho muro cinzento, abrindo nos pequenos cachos vermelhos e brancos uma leve alegria visual. Esta trepadeira é chamada “Romeu e Julieta” porque no mesmo molho estão as flores de duas cores, confusas e juntas. (...) No canto de muro tijolos quebrados, cobertos pelos cacos de telha ruiva, aprumam-se numa leve pirâmide de que restos de papel, pano e palha disfarçam as entradas negras da habitação coletiva desde o térreo, domínio dual de Titius, o escorpião, e de Licosa, aranha orgulhosa, até o último andar onde mora um grilo solitário e tenor.²⁶

Cascudo cria encenações, neste caso representações de um ambiente apresentando, de maneira romantizada, informativa e descontraída, como os habitantes do canto de muro se interagem, semelhantes a uma vivência em comunidade, com relacionamentos amorosos, tensões, conflitos pessoais e sociais e, ao mesmo tempo, lutando pela sobrevivência. Partindo de uma leitura humana tenta lê o mundo animalesco em sua liberdade como animais, insetos que são e não como figuras notabilizadas em fábulas. Cascudo não cria historinhas como comumente é feito aos animais, criando situações, enredos ficcionais, a vida em seu refúgio é

²⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradição, Ciência do Povo: Pesquisas na Cultura Popular no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971; CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e Cantadores*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

²⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. Cit.* 1977, p. 3

o tema e, como o próprio diz, eles foram “*fixados na liberdade de todas as horas do dia e da noite*”²⁷.

Cascudo faz dois movimentos: o primeiro, é apresentá-los em sua naturalidade: morfológicamente, cientificamente como são conhecidos, quais seus benefícios para com a natureza e para o ser humano, o de que eles necessitam para sobreviver, tudo isto a partir de um enredo dinâmico, entrelaçando ficção e realidade através de uma descrição naturalista. No prefácio, prepara o leitor para o tipo de leitura que irá encontrar em suas páginas, “*quase todos os episódios contidos neste romance de costumes foram observados diretamente e qualquer semelhança não é mera coincidência*”.²⁸

Na segunda movimentação do livro ele apresenta com mais humor:

Por mim foram vistos sem que soubessem que estavam sendo motivos de futura exploração letrada. Não tiveram tempo para disfarce e transformação parcial ou total nos hábitos diurnos e noturnos.”²⁹

Esta dinâmica é uma maneira demonstrada pelo autor para mostrar ao leitor a segurança em suas falas e no que irá relatar posteriormente, sem preocupações com métodos, que mostrem que tipo de escrita está enquadrado em um esquema próprio da literatura da língua portuguesa. Atenciosamente, a leitura do livro mostra como um letrado se apropria academicamente para escrever sobre seu objeto de estudo, justamente os animais em sua minunciosidade; neste caso, prima pela presença deste animal na cultura, sobretudo em sua memória ou em alguma passagem presenciada por algum conhecido.

Antes de apresentar o que virá pela frente em *Canto de Muro* observamos, a partir de uma das colocações escolhidas pelo próprio Cascudo, uma epígrafe de Beaumarchais, que diz: “*L’ auteur, vêtu modestement et courbé, présentant sa pièce au lecteur, (...)*”³⁰. O Câmara Cascudo expressa agora, em mais um de seus fazeres, essas linhas, como forma de dizer ao leitor que o autor dentro de sua atuação o texto tem poder e abertura para brincar com o leitor, como um jogo.

Encontramos tanto os pequenos animais e insetos como os quatro elementos da natureza apresentados como marca da cultura de um povo, que estão presentes no imaginário

²⁷ *Idem, ibidem*, p. 2

²⁸ *Idem, ibidem*, p. 2

²⁹ *Idem, ibidem*, p. 2

³⁰ *Idem, ibidem*, p. 2. “o autor modestamente vestido e curvado com o seu jogo para o leitor”. Apud. Beaumarchais: Lettre sur la chute et la critique du Barbier de Séville, 1775.”

popular em superstições, mitos, contos populares, cordeis, adivinhações, cantigas de roda, experiências particulares, trovas, literatura, dança etc. Todas as curiosidades lembradas por Cascudo são colocadas no texto fazendo uso de diversas fontes como notas, descrições biográficas, referências à literatura, tanto mundial como nacional, isto somado à sua erudição que o identifica enquanto escritor e requer sua atenção dentro do *corpus* de sua obra. É necessário atenciar cada página do livro para não perder nenhuma informação, visto que trata-se de um dos perfis de Cascudo de apresentar o máximo de informações sobre um inseto, animal, planta etc., sempre incansável devido ao seu gosto pela busca das origens mostrando uma atenção etnológica, até chegar ao que é apresentado em sua contemporaneidade.

Tivemos a curiosidade de pesquisar a capa dos livros dinamizado pelas editoras, tendo em vista que a leitura visual da arte presente na primeira observação do leitor, influi na compreensão daquele que busca a particularidade de uma leitura em Cascudo. A capa se torna, neste sentido, tornar-se um dispositivo de leitura; é mais um suporte material do escritor, que nos possibilita várias maneiras de ler. Diferente do texto em si, que escorre aos nossos olhos, dando-nos liberdade de interpretação, a capa emite um sentido visual de ligação com o que a escrita nos disponibilizará; ela emite significados para os leitores proporcionando também diversidade na leitura. Quando estuda a história da leitura Roger Chartier, promove este debate tomando o leitor como inventivo, capaz de se apropriar da produção, de maneira silenciosa, disseminada e consumida de formas particulares e com liberdade de interpretação³¹.

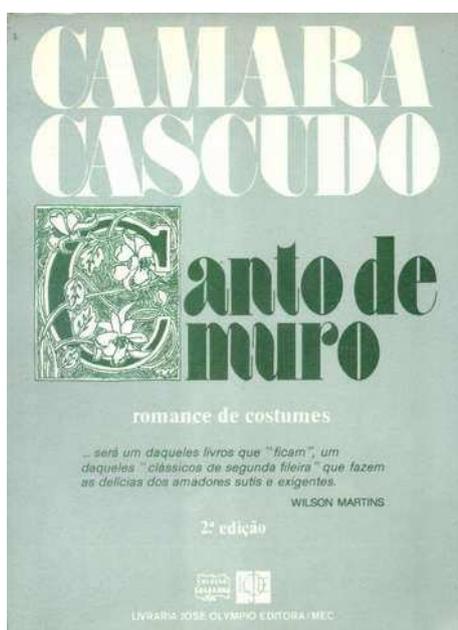
Roger Chartier promove uma historicização de como a sociedade vai interpretar o mundo da leitura e tenta perceber a relação a partir das mudanças que vêm ocorrendo desde a Idade Média, como elas têm interferido na leitura das pessoas. Chartier estuda os códigos que transcrevem tais elementos que atuam na leitura e ampliam seu entendimento para os tempos atuais, quando o pensar a leitura se tornou um procedimento bem mais complexo.

Partindo dessas considerações, encontramos no seu final, em sua segunda edição de 1977, apresentada pela Livraria José Olympio, encontramos no seu final algumas críticas e comentários de alguns intelectuais,³² que se perdem na sua mais recente re-edição pela Global

³¹ Roger Chartier. *Op. Cit.* 1996, p. 19

³² Os autores referenciados na capa final do texto citam: Wilhem Giese da Universidade de Hamburgo, Alemanha; Vicente Garcia de Diego, Universidade de Madri; Juan Alfonso Garrizo, Buenos Aires; João de Castro Osório, Lisboa; Roberto Lehman- Nitsh, Universidade de Berlim; Carl Wilhem Von Sydow, Universidade de Luand, Suécia; Gilberto Anolínez, Caracas, Venezuela.

Editora de 2006³³. São também retirados os comentários ousados de Wilson Martins³⁴, crítico literário, junto aos demais que fizeram corpo nesta segunda edição da José Olympio, foram excluídas, tornando-se uma composição gráfica mais simples, em cuja capa final foi colocada a própria fala de Cascudo comentando sobre a experiência como estudante de medicina, apontando alguns personagens presentes no seu cenário montado no canto de muro. Percebemos a perda emotiva e das sensibilidades do autor em colocar, como porta de entrada, o ambiente supostamente pensado para sua obra; a descrição da composição gráfica do livro está ligada, neste sentido, a perda da poeticidade, que tanto Câmara Cascudo prima em sua escrita, em que a capa dos seus livros não conseguiram retratar essas pequenas características.



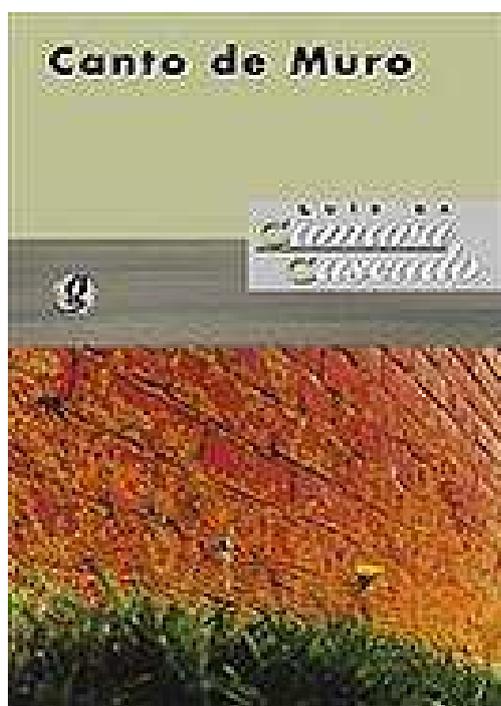
Segunda Edição da José Olympio, de 1977.

A edição da Global editora apresenta abaixo, em sua capa, um muro, que não sabemos se é apenas um muro ou uma parede, com aparência antiga, com tijolos de cor alaranjada típica do barro vermelho do Nordeste, com uma pequena e única flor amarela, perdida entre um mundo esverdeado de grama. Quando nos deparamos com o livro nos questionamos sobre qual a relação do título com o corpo do texto, se este canto é um canto musical, uma canção

³³ CASCUDO, Luís da Câmara. *Canto de Muro: Romance de Costumes*. 4ª Edição. São Paulo: Global, 2006

³⁴ Wilson Martins brevemente abre o livro com as palavras “... será um daqueles livros que ‘ficam’, um daqueles ‘clássicos de segunda fileira de que fazem parte as delícias dos amadores sutis e exigentes’”.

ou se é uma aresta, a esquina de um muro então começamos então a perceber que a apresentação da capa só faz sentido se a leitura da imagem denotar a esquina de um muro. O micromundo dos animais pensados por Cascudo se perdem na descrição sem afetividade disponibilizada pela editora ao que o leitor irá imaginar os lugares de sensibilidade criados por Cascudo no romance, quando nos é colocada apenas uma pequena cena de um muro avermelhado? Qual a ligação que podemos fazer com o mundo fantasiado pelo autor quando entrelaça ficção e representações de sua vida, manifestadas nas falas e no convívio com as pessoas com as quais teve contato?

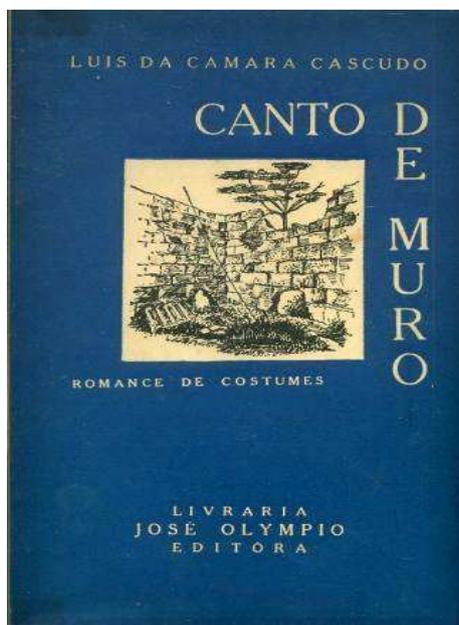


Edição da Global Editora, de 2006.

A necessidade de envolver a imagem ao título do livro da mesma maneira, não foi alcançada na 2ª edição da José Olympio Editora; ela nos trás como capa uma cor esverdeada que, comumente, no enseja reportar à natureza, ao campo simbólico criado pelos editores para chamar a atenção de quem entra num primeiro contato com o livro. Outrossim, a trepadeira que contorce a letra “c”, colocada em caixa alta, remete ao primeiro momento do romance não compartilhando com o todo. A esta trepadeira Cascudo nomeia de Romeu e Julieta e está presente no primeiro parágrafo do capítulo iniciante e só faz sentido a compreensão quando realizada as primeiras leituras deste episódio. A centralidade permanece na composição do

nome do autor colocado em letras bem visíveis demarcando a presença do autor e uma espécie de autoridade de quem escreve numa ideia perpassada da compra do livro, pelo nome do autor.

A primeira edição desta editora apresentou uma versão mais rica em termos de imagem e figuração; a cor da capa é azul e em sua posição central a presença realmente da aresta de um muro, com aparência desgastada e o cenário com telhas velhas pretensamente desarrumadas; pôde-se visualizar a flora e a fauna, semelhantes às descrições do autor e na esquina do quadrado, que compõe o conjunto da imagem, o nome canto de muro, e embaixo o “romance de costumes”; neste caso, a partir da análise semiótica da figura o leitor começa a fazer inferências ao texto percebendo que a descrição do autor condiz, em parte, com o que a capa tenta transmitir ao leitor.



Primeira Edição da José Olympio, de 1959.

A imagem desgastada da capa apresenta o nome do autor em menores dimensões, comparada com sua segunda edição. Uma percepção que estabelece uma ligação menos indicativa de quem produziu um Câmara Cascudo já conhecido intelectualmente; todavia, sem experimentações no mundo romancista. A capa concentra um caráter mais imaginativo. O nome romance, abaixo da gravura, se encontra mais destacado e a palavra costume, se torna mais peculiar ao tipo de escrita dantes descrita por Cascudo. Ao se remeter à leitura de um romance esperamos, como leitor, a busca de conhecimentos através de uma viagem diferente

das escritas pelos textos científicos produzidos pela academia, não que as duas leituras não tenham um valor, porém a forma com que o leitor faz a leitura de um texto literário, não é a mesma realizada; as percepções são diferentes porque suas intenções já os são. O canto de muro editado remete a uma leitura esmiuçadora, o que poderemos encontrar neste lugar minúsculo? Quais as intenções de expor um lugar que, muitas vezes, não é percebido pelos olhos das pessoas mais distraídas? Por que a representação de um lugar sujo, com coisas velhas, desgastadas, espalhadas e jogadas?

O sentido é mostrar que existe vida em lugares que desprezamos e não percebemos o quanto eles são passíveis de leitura, de serem observados e dedilhados em mãos para ganhar um significado. Esta era a intenção do autor; de mostrar que existe vida e uma experimentação afetiva, que pode ser aludida a outras dinâmicas da vida, como as lembranças e as vivências do cotidiano. Partindo de um canto de muro qualquer, Cascudo se voltou ao seu mundo de lembranças e pode escrever de forma que ligasse os desejos de suas vivências afetivas paisagens imaginadas. Como analisa, Alan Power,³⁵ afirma que a capa faz parte do livro; ela é parte integrante e entoa significados cumprindo um papel decisivo porque ela define o objeto a ser levado, descartado ou desprezado.

Chamo a atenção para esses aspectos figurativos da capa, que também são protocolos de leitura, pois em muitas de minhas explanações sobre o livro, as pessoas me perguntavam o significado do título, mesmo após a afirmação de que os episódios se passaram num pequeno cenário de um canto de muro qualquer. Para quem o leu, torna-se simples de compreender o tipo de empreendimento que Luís da Câmara Cascudo tenta desenvolver. Para desenrolar é preciso muitas vezes, de um cenário para interagir na movimentação do texto e o ambiente é apenas um pretexto para Cascudo. É engano pensar, que ele se prende a um local; o cenário de Cascudo é a vida e o enredo é sempre o que a compõe. Partindo desta premissa e pensando também no extratexto oferecido pelo autor, a palavra “canto de muro” vai bem mais além do que o dito pelo autor.

Conta a biografia de Câmara Cascudo que ele foi um menino doente, mimado e com cuidados extremados por parte dos pais e empregados; filho único, era vigiado para não brincar com crianças, nem correr livremente pelo campo para não sofrer risco de adoecer, viveu uma infância isolada, introspectiva, tendo por muitas vezes, como melhor amigo, os

³⁵ POWERS, Alan. *Era uma vez uma capa: História Ilustrada da Literatura Infantil*. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2008, p. 9

livros. Câmara Cascudo foi criado na chácara do pai, situado no Bairro do Tirol, na cidade de Natal, e passava horas observando a movimentação do mundo em frente a janela de seu quarto; assim, muitos enredos são criados a partir da observação de um mundo que se almeja, somente a uma pessoa, atenta ao ambiente, a presença das coisas miúdas, é capaz de inspirar para a descrição, uma movimentação lúdica sobre as espécies por ele contempladas no livro.

O “príncipe do Tirol”, como era conhecido, aliou sua experiência como secundarista do curso de Medicina no Rio de Janeiro, aos seus conhecimentos sobre botânica, somados à curiosidade de criança quando colecionava insetos e fazia suas próprias experiências ao que ele aprendeu na vida, com o empreendimento particular das leituras somado ao rico material cultural que recolheu durante sua longa estrada como escritor e pretense porta voz do povo. Podemos dizer, com veemência, que esta obra tem seu cunho de emoção por remontar às lembranças de um passado introspectivo de criança isolada, em que o canto de muro remete a solidão e à tristeza da reclusão. Tal como o próprio autor relata, que o livro produzido quando sua mulher e filho estavam no hospital³⁶; então, canto de muro significa, nas duas vias, o isolamento à retidão e a solidão. Ficar no cantinho é voltar ao passado e perceber que esses. Referidos sentidos são figurados do canto de muro, são as metáforas imbricadas nos título, que nos chamam a atenção quando colocados pelo autor; a primeira de várias presentes no livro, denotando uma ideia particular.

É também uma característica peculiar do autor não seguir regras prescritas pelos muros da universidade, o que sempre gerou, nos seus contemporâneos, certo desprezo pois, de um lado, Cascudo detinha um grande prestígio como intelectual, como um homem que falou e defendeu o Rio Grande do Norte e sua cidade Natal. Resultado disto é a intensa produção, muitas vezes mais de dois livros publicados durante um ano mostrando o quanto a imagem de Cascudo, como intelectual vendia seu nome, tornou-se uma marca, um homem de influência pelo menos em termo de conhecimento conseguiu, ao longo de sua vida, editar suas obras com muita facilidade, principalmente através da Editora José Olympio, e muitas pelo MEC, dando a perceber a importância da imagem para as variadas produções vendidas pelas editoras. Neste sentido percebemos que as editoras encontraram nos livros de Cascudo, um empreendimento; nesta segunda edição do *Canto de Muro* houve uma preocupação editorial de entrar comentadores que pudessem marcar com expressividade o livro e o autor. Como forma de chamar a atenção do leitor que pretende comprar um livro, encontrar numa crítica

³⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. Cit.* 1977, p.219

estrangeira palavras que possam enveredar para um sentido positivo da obra, nada mais inventivo e intencional chamar a atenção do leitor. Vejamos como os ditos sobre a figura de Cascudo são percebidos por um de seus críticos; apontamos aqui Vicente Garcia de Diego da Universidade de Madri que diz, sobre Luís da Câmara Cascudo e o livro:

el libro es impresionante el ambiente amplísimo en que se mueve, por la luminosidad de su juicios y por la espléndida belleza de su lengua. Em contraste com tantos libros donde la erudicion mas bien estrecha el horizonte. En este las conmemoraciones eruditas no epartan? al libre juicio del autor. La técnica en muchos libros es una servil adscripcion a una escuela, pero en este el autor mantiene siempre la dignidade independiente del pensamiento.³⁷

Vicente Garcia comenta sobre a amplitude do ambiente que é movimentado nas tramas em *Canto de Muro*, mostrando o teor da erudição e a expressividade da escrita, que demonstram ser características, que registram Cascudo como escritor, mediante aquele que expressa sem censura seus pensamentos. Ressalta sobre o contraste da obra; para quem é leitor das obras de Luís da Câmara Cascudo, se surpreende quando faz a leitura deste livro, pela maneira como ele faz uso do romance, distanciando-se das normas e regras contidas na academia, que delimitam o ditame do que é um romance.

As referências presentes no romance por vários intelectuais, marcam a dimensão da imagem de Cascudo e revelam que seu nome não é apenas uma menção nacional, o escritor não é lido apenas em nosso território, mas suas obras estão espalhadas pelo mundo, revelando-se como uma figura de alusão a pesquisas sobre o folclore e as expressões populares no Brasil. Notamos o intento editorial em marcar o nome de autores estrangeiros para estabelecer uma condição de notoriedade na obra, quando é preciso que o outro fale, relate o então é, para só então possa ser vendido com respaldo.

Desta forma, falar sobre Luís da Câmara Cascudo é entoar vários sons, comentar sobre o autor múltiplo, polígrafo e uma personalidade de referência, principalmente no Rio Grande do Norte; todavia, nossos capítulos tentaram mostrar a faceta de um Câmara Cascudo romancista, de um autor envolvido com a intelectualidade potiguar, sendo reconhecido nacionalmente fazendo parte indiretamente em movimentos como o Modernismo, e o Regionalismo. Dinâmicas de moldadas com suas especificações, dentre as quais o nome do professor Cascudo se encontra presente e a identificação com esses movimentos, propuseram uma leitura de um autor mais destinado a entender os destinos do país, contribuindo com seus

³⁷ Constado no final do livro *Canto de Muro*, em sua edição de 1977

escritos, diante de uma percepção voltada para os objetos e valores do folclore e das culturas populares, expondo-os em suas obras, a partir de sua experiência pessoal³⁸.

Em *Canto de Muro* encontramos uma atividade inesperada do autor; embora partindo de uma escrita erudita, seu texto é recheado de humor e ironia. Para isto, nosso trabalho focará primeiramente, a figura de Luís da Câmara Cascudo como um homem de seu tempo; buscamos passear pelas marcas de um tempo particularizado, uma história de vida contada e recontada até hoje. Um autor que marca, em suas obras, o enredo, nas experimentações individuais; esta é a proposta apresentada no primeiro momento de nossa discussão, encontrando o Cascudo que escreve *Canto de Muro*, em diálogo com seus escritos de si, permeados se sensibilidade de emoções perpassadas durante sua vida, através de uma escrita com teor mais ameno, observando seu passando e o retratando em linhas.

Nosso objetivo é mostrar um Cascudo em sua experiência pessoal; para isto, buscamos seus escritos de si, seus livros denominados autobiográficos por alguns e por outros como biografia. À medida em que Câmara Cascudo compõe algumas composições de sua história de vida, vamos conhecendo sua sensibilidade através de falas, experiências individuais, seus desejos, seus questionamentos, suas reflexões, um Cascudo humano que se destaca por pertencer a uma família de posses e que é construído paulatinamente, através de seu conhecimento e de sua posição ocupada na sociedade norte -rio-grandense, embora empobrecido, mas envaidecido, por estar ligado a uma sociedade exigente; todavia, como um corpo de falas em constante construção. Cascudo é um intelectual intensamente lido e trabalhado; portanto, além das *leituras de si*, encontramos várias leituras de outros, que contribuíram para narrar sua vida. Esses escritos são analisados e, muitas vezes questionam a própria composição do autor. Entramos neste labirinto que é a vida de um indivíduo e, no entanto, tentamos compreendê-lo e narrá-lo a partir das leituras que realizamos do autor e de quem também contribuiu para escrever sobre ele.

No segundo momento do nosso texto sentimos a necessidade de estudar um Cascudo multifacetado que, mesmo se fazendo romancista, não deixa em seu texto suas demais marcas de seus escritos anteriores; ele não se confirma como romancista; ele anuncia suas experiências escriturarias no campo do popular, notadamente expressas em falas, lembranças individuais e presença atuante de pessoas de seu convívio. Tecemos os fios,

³⁸ Ver: GONÇALVES, José Reginaldo Santos. “Luís da Câmara Cascudo e o estudo das culturas populares no Brasil”. In.: Botelho, André; Schwarz, Lilia Moritz (orgs.). *Um enigma Chamado Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

analisamos os rastros para então problematizar a diretriz de um texto complexo que se torna mais compreensível quando encontramos, em outras de suas produções, pontos de ligação, características comuns a outras produções do autor ou até mesmo referências de sua própria vida, ditas a partir da leitura de uma obra como *Canto de Muro*. Acredita-se que as marcas de um Cascudo preocupado com o popular são preponderantes; aos poucos encontramos uma vontade de escrever no romance aquilo que também é realizado em suas principais obras. É o Câmara Cascudo desligado no mundo plenamente ligado à simplicidade da escrita do local, do regional tentando, de forma presunçosa, mostrar que o Brasil pode ser pensado, escrito e dito a partir do micro. Vamos nos aventurar nos seus episódios e, a partir deles, refletir sobre a intenção de Cascudo em propor um livro que nos leva a refletir sobre as ações de animais em seu micro-mundo.

No capítulo que encerra nosso estudo, tentamos valorizar a figura de Luís da Câmara Cascudo como romancista, buscando elementos no livro, de como sua escrita ganha intencionalidade quando analisada de maneira reflexiva. São os *escritos de si* de Cascudo que estão presentes nas linhas de seu texto, proporcionando um jogo entre o leitor e o autor, numa produção subjetiva de significados. Para compreender este Cascudo romancista, foi conveniente realizar uma leitura sobre Cascudo, tendo como visualização suas falas e intenções enquanto “guardião” das culturas populares.

Problematizamos as percepções e interpretações de Luís da Câmara Cascudo quando sugeridos, em dois movimentos, o Modernista e o Regionalista, com teores e exigências internas de cada um deles. O que faz um Cascudo Modernista? E quais seus diálogos com os intelectuais do movimento regionalista? Essas são as percepções que tentaremos questionar em nosso texto para ajudar na compreensão das colocações e intenções do autor.

CAPÍTULO I

ROMANCEANDO CASCUDO: TECENDO OS DITOS E ESCRITOS NAS PERCEPÇÕES DE UMA *ESCRITA DE SI*.

Os que descobrem significados feios nas coisas maravilhosas são corruptos deselegantes. Isto é um erro. Os que descobrem significados maravilhosos em coisas maravilhosas são os ilustrados. Para estes, há esperança. Não existe isto de livros morais ou imorais. Livros são coisas bem escritas ou mal escritas. É só. Os que lêem o símbolo fazem-no a seu próprio risco. A diversidade de opinião, a respeito de uma obra, mostra que a obra é nova, complexa e vital.

Oscar Wilde

A variedade de produções presente nas obras de Luís da Câmara Cascudo mostra sua versatilidade como escritor, para nós enquanto historiadores, torna-se difícil escrevê-lo, “dizê-lo” em sua totalidade, assinalar que características possui e que métodos utiliza; afinal, esta preocupação é um dado nosso como pesquisadores tendenciados a desenhar a figura de uma pessoa que está sendo lida a partir de vários movimentos. Escrever partindo da nossa linguagem e do entendimento adquirido conforme base teórica lida e refletida ao longo de nossos estudos. Em Cascudo fazemos leituras de suas obras, analisamos seus ditos, suas expressões mais simples e complexas e também, mapeamos aquilo que foi dito sobre o autor em que, se tratando de Câmara Cascudo, existem muitos dizeres moldados conforme a pretensão de cada pesquisador.

Existem muitas leituras³⁹ acerca do Luís da Câmara Cascudo, autor norte-riograndense, geridas nos quatro cantos do país; o autor foi recepcionado por vários pesquisadores, historiadores, intelectuais, cientistas sociais, leigos; seus livros estão espalhados pelo mundo, em bibliotecas; ao tempo que favorecemos, em consenso, a imagem do autor como pesquisador, que também é alvo de críticas como todo trabalho o é, não temos como mencionar a palavra folclore e não nos lembrar desta figura.

³⁹ Acerca das leituras sobre Luís da Câmara Cascudo, fica a impossibilidade de expor os vários leitores do autor, quando ele é motivo de inúmeras referências, dentre os pensados, exponho os nomes de Marcos Silva, Margarida de Sousa Neves, Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Francisco Firmino Sales Neto, Ricardo Luiz de Souza, dentre tantos outros citados neste trabalho, e sem falar também dos importantes biógrafos do autor.

É impossível resistir à pesquisa direta nos trabalhos de Câmara Cascudo, que expandiu o quanto pôde a compreensão sobre a vida do povo nordestino, em sobremaneira do povo norte-rio-grandense; afinal, uma pretensão do autor de querer explicar o mundo e suas particularidades a partir de seu lugar, de sua cidade. Obstinação típica do autor ou orgulho? Enfim quem pode decifrar a alma humana? Hoje, sua cidade respira ares de “Câmara Cascudo”, se seu anseio era não deixar que sua memória fosse apagada, como marcas do tempo na areia, pode-se dizer que obteve êxito.

Os trabalhos acadêmicos,⁴⁰ livros, artigos, desenvolvidos anualmente sobre a versatilidade de Luís da Câmara Cascudo, têm proporcionado a permanência e a divulgação de seus trabalhos pelo Brasil. É reconhecido mundialmente como folclorista e pela vasta catalogação do que nomeou como cultura popular com vários livros traduzidos em diversas línguas como: Inglês, Francês, Alemão e Espanhol. Hoje seu nome é lembrado nos quatro cantos do território brasileiro e especialmente em sua cidade de origem. A academia principal fonte de estudo deste personagem tem-se incumbido em cumprir este papel, ou seja, de guardar e preservar sua memória divulgando leituras atualizadas sobre o autor.

Atualmente, seu Estado, o Rio Grande do Norte, que tanto mencionou, em suas obras, ter reconhecido a importância de sua representatividade como personagem estudioso do Brasil levando o nome de sua cidade à apreciação dos leitores em produções como *História da Cidade do Natal*, *História do Rio grande do Norte* e *História da República do Rio Grande do Norte*.⁴¹ Quem tem pretensões em conhecer o Brasil encontra, nos livros de Luís da Câmara Cascudo, uma das maiores fontes de estudo da cultura nacional.

Considero condescendente seu reconhecimento, tal como Gilberto de Mello Freyre é para Pernambuco, Ariano Suassuna, Augusto dos Anjos, para a Paraíba e Guimarães Rosa para Minas Gerais. Preservar à memória, seja ela patrimonial, artística, cultural ou imaterial é, atualmente um “negócio” vantajoso, tanto para a ampla visualização de uma particularidade

⁴⁰ Aqui algumas referências, impossíveis de serem colocadas como um todo, podemos citar: OLIVEIRA, Giuseppe Roncalli Ponce Leon. *Luís da Câmara Cascudo e a Invenção do Feminino na Cultura popular Nordestina (1938-1977)*. Campina Grande, Paraíba: EDUFPG, 2009; NEVES, Alexandre Gomes. *Câmara Cascudo e Oscar Ribas: Diálogos no Atlântico*. Dissertação do Programa de Pós- Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Inglesa, USP, São Paulo, 2008; GOMES, Valdeci Feliciano. *Vozes que Calam Vozes de quem se Fala: Câmara Cascudo e a Cultura Popular*. Dissertação de Mestrado. PPGCS- Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, Paraíba, 2008

⁴¹ CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Cidade do Natal*. 3ª Edição. Natal, Instituto Histórico e Geográfico do rio Grande do Norte; Prefeitura da Cidade do Natal, 1999. CASCUDO, L. da C. *História do Rio grande do Norte*. 2ª Edição. Natal. Rio de Janeiro: Fundação José Augusto, 1984. CASCUDO, L. da C. *História da República do Rio Grande do Norte: Da Propaganda à Primeira Eleição Direta para Governador*. Rio de Janeiro: Do Val, 1965

expressa como única, “autêntica” tanto para quem promove como para elevar a autoestima, gerando um sentimento de pertencimento, de identificação com a imagem construída.

Habitualmente não é leitura rotineira, contudo, trago a experiência de Jorge Larrosa quando em um artigo compartilha, que todo ser humano se interpreta e para que isto ocorra ele utiliza um dos recursos, que fundamentalmente, são as formas narrativas, e a partir das quais “*se puede pensar la relación entre esa misteriosa entidad que es el sujeto y (...) ese particular y casi omnipresente género discursivo que es la narrativa*”⁴². A escrita continua sendo um dos maiores recursos de comunicação. De certa forma, vamos moldando os sentidos dessa escrita, desse diálogo contextual, tanto para os outros como para nós mesmos, quase tudo depende da história que contamos da forma como a contamos e decidimos a maneira como ela pode ser contada. Escrevemos histórias relacionando o que lemos e o que escutamos, de acordo com nossos interesses, nossos acordos teóricos, a partir de uma maneira particular de mergulhar nos textos, medidas através de nossas práticas sociais. Como Michel de Certeau nos diz, estamos presos a uma instituição que dita nossas regras, tal qual grande paradoxo amoroso, que ora nos legitima e ora nos marca com frieza, te enquadra e convida a caminhar num sentido restrito⁴³.

Com certa premissa, pedimos permissão para falar desde o início sobre o trabalho de Luís da Câmara Cascudo, um corpo de sutura demasiadamente escrito por vários pesquisadores, escritores, autores, intelectuais, historiadores e curiosos. Em meio a este invólucro nos obstinamos em compor mais uma parte deste corpo, excessivamente escrito, moldado, lido e interpretado. Fomos em busca de seus corpos pessoais imergindo em sua história de vida, seus relatos de memória, no que relataram sobre ele e no que ele escreve de si. Certamente as histórias individuais trazem, consigo mesmas, inúmeras possibilidades de análise e sua representatividade é quase sempre um ponto de discussão; temos a certeza, que este autor ainda tem muito a nos contar, a partir de suas experiências individuais e coletivas e por meio de sua extensa biografia.

A História tem essa capacidade de fazer do ser social um ser histórico, que pratica suas ações, que se deixa enxergar e tornar-se particular aos olhos obstinados do historiador. Uma

⁴² LARROSA, Jorge. “Notas sobre narrativa e identidad. A modo de Apresentação”. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna. (Org.). *A aventura (auto) biográfica: Teoria e Empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p.12. Tradução livre: “se pode pensar a relação entre essa misteriosa entidade que é o sujeito e (...) esse particular e quase onipresente gênero discursivo que é a narrativa”.

⁴³ Cf. CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universidade, 1982

história individual que faz parte de uma “memória coletiva”⁴⁴ sem necessariamente ser uma história tradicional escrita a partir da elite ou mesmo a puramente confeccionada a partir das “de baixo”, que fazem com que se narre e se tece no cotidiano. Deste modo, a historiografia faz do ser social um ser histórico e por meio dela estamos todos unidos entre os grupos humanos, que constroem no coletivo sua memória, sua vida e sua história.

Vivemos no amplo meio informatizado e com excessividade utilizamos a escrita para a transmissão de informações; atualmente, estamos vivenciando a inclusão digital, a qual nos facilitando o acesso a livros, conteúdos, informações, etc. O que a escrita nos faz pensar como ação para este autor é a maneira como o homem possui desde o início da história da humanidade, a necessidade de comunicação, como o homem se escreve ao longo da história, se expressando de diversas maneiras, através da gestualidade, da dança, da poesia, da música, da literatura, da fotografia e da pintura. Conforme o tempo, o ser humano tem conseguido transmitir esses mistérios e nós ficamos com esta incumbência de desvendar, elucidar estes enigmas e transcrever, por meio de textos, as compreensões que obtivemos por via da interpretação. Neste sentido depositamos importância à memória como um meio essencial que nos auxilia a escrever a experiência humana, não apenas os valores materiais, as determinações sociais, os condicionamentos políticos e o seguimento cultural; todavia, agora são questões de análise dos historiadores os temas mais subterrâneos como o amor, a solidão, o medo etc. É à memória, em suas representações variadas, material potencialmente acessível ao trabalho do historiador.

O uso da memória é cada vez mais comum em nossos trabalhos e não é um recurso exclusivo de nossa profissão. Retomo novamente a figura múltipla de Luís da Câmara Cascudo, como um autor que, mediante as limitações de sua época conseguiu fazer vários trabalhos de memória, com olhares voltados para o coletivo e o individual. Contudo, ponderamos o autor potiguar dentro dos condicionamentos temporais e de interesses particulares, fazendo de sua escrita uma forma de deixar para a posteridade uma matriz do que foi a época vivida por ele, e a riqueza de falas, de arte, de expressões do povo, através da

⁴⁴ Tomamos como compreensão o trabalho de HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice Editora, 1990. No entendimento de Halbwachs, tudo o que vivenciamos a partir da memória só tem sentido se estiver ligado ao grupo. A “memória individual” é uma rememoração pessoal situada numa malha de solidariedade múltipla. Nesta perspectiva estamos terminantemente ligados a uma via na qual surgem as lembranças; por conseguinte, tais lembranças são os pontos de referência, que nos permitem situar, em meio aos quadros sociais, ela é, pois, a fronteira e ao mesmo tempo o limite que liga às várias correntes do pensamento coletivo.

culinária, dos gestos, do folclore e da tradição. Esta atuação se encontra presente nas fórmulas mais simples, no sertão por exemplo.

No campo ou na cidade, na convivência com os humildes, analfabetos, que considera como sábios dignos de nota e de respaldo vai se deter a escritura cascudiana. Portanto, Cascudo é a figura erudita que vai fazer uso desses personagens para compor parte de sua obra com o intuito de fazê-los falar por meio de sua escrita. A tradição conservada através do tempo é o que movimenta a cultura; para o autor, à memória é o que dá suporte à alimentação constante, como demonstra Câmara Cascudo em *Tradição, Ciência do Povo*, cujo foco principal são justamente os elementos da cultura popular brasileira em movimentações voltadas para o ar, a água e a terra. Obra em que Cascudo afirma: “*À memória é a imaginação do povo, mantida e comunicável pela tradição, movimentando culturas convergidas para o uso através do tempo*”⁴⁵. Existe uma pretensão de manutenção da memória do povo enquanto aspecto que solidifica a tradição. O autor norte-rio-grandense toma o povo como seu principal foco de narração e catalogação etnográfica.

Mostra-se para o leitor endereçado como uma memória viva aquele que, em vida pôde reportar o que o Brasil tinha de mais autêntico. O povo pelo qual escreve com o “P” maiúsculo, é o mensageiro fiel, guardando em sua mente as menções de um passado. Desenvolver através da escrita organizando aquilo que poderia ter ficado perdido no tempo, é o que Cascudo toma como missão. O povo cascudiano é o repositório da tradição que teve lugar no passado e que só se acessa pela via da lembrança. Em suas palavras: “*ouvindo o Povo, estamos no Passado, defendidos pelo exercício mental*”⁴⁶.

A preocupação concernente à fragilidade do trabalho com à memória, não foi motivo de inquietação para Cascudo, tendo em vista que o autor não conduzia, em seus trabalhos, a utilização de métodos específicos; logo, questões como o esquecimento, a efemeridade da lembrança e o próprio questionamento sobre a veracidade junto à confiabilidade dos fatos narrados, não se passaram na cabeça do nosso autor; daí parte a afirmação de Halbwachs de que o indivíduo experimenta suas lembranças de forma diferente e intensidade iniguais

⁴⁵ CASCUDO, Luís da Câmara Cascudo. *Tradição, Ciência do Povo: Pesquisas na Cultura popular do Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971, p. 9

⁴⁶ *Idem, ibidem*, p. 118

enquanto cada memória é um ponto de vista que, por sua vez, muda conforme o lugar ocupado e as relações mantidas com o meio⁴⁷.

À memória se torna para a escrita da História, um recurso imprescindível. A História faz uso da memória para evocar as experiências individuais e coletivas que ficaram perdidas no tempo. O homem constroi a partir dos rastros de suas lembranças e capacidade de montar um enredo de um passado que ficou e que, ao mesmo tempo, é lembrado. Quando o acessamos percebemos que a cada dia este passado está distante de nós. Voltar-se a ele é tentar reconstituir, num movimento de ilusão, uma mínima parte da vida ou de um contexto qualquer.

Em estudos mais recentes a utilização da memória em alusões acadêmicas não se limita mais a conduzir os relatos como aporte principal da narrativa. Agora o próprio corpo do relator deve ser lido, haja vista que nele está contida uma linguagem corporal através das expressões do rosto, divagações na fala, demonstração de nervosismo etc. Expressando, desta forma, que quem está prestando sua narração como suporte para História é um ser humano que se deixou ser acessado, estando na fragilidade dessa natureza, ele é dotado de sentimentos, angústia, medo, alegria e assim por diante; reporto como exemplo desse tipo de leitura o trabalho organizado pelas historiadoras Stella Bresciani e Márcia Naxara em *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*.⁴⁸ Voltamos novamente a expressar a importância da narrativa com o apoio da linguagem como suporte, que o sujeito criou para expressar seus sentimentos e ideia.

O que tem a ver nosso autor com toda essa conversa sobre sentimentalismo, ora, quem procurou escrever sobre os costumes, as crenças, os gestos, as superstições, os hábitos e os usos como um arquiteto nacional das expressões do povo, conseguiu em vida conseguiu expressar a seu modo, as reverências do brasileiro.

Em *História dos Nossos Gestos*⁴⁹, um livro de variedades culturais que registra um mundo de gestos humanos com suas conotações e significados - só possível pela observação minuciosa e íntima da linguagem humana -, Cascudo observa que os gestos são empregados de forma natural, pois são adquiridos culturalmente; é uma forma rica de comunicação,

⁴⁷ HALBWACHS, Maurice. *Op. Cit.*, 1990, p. 51

⁴⁸ BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2001

⁴⁹ CASCUDO, Luís da Câmara Cascudo. *História dos Nossos Gestos*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987

concernente à linguagem particular, que não deve ser desprezada por quem estuda a cultura popular, haja vista que: “*O gesto é anterior à palavra*”⁵⁰ pois antes que pudéssemos nos comunicar através da oralidade, a gestualização era o meio de comunicação milenar.

Cascudo revela, ao estudar a literatura mundial e os movimentos contidos na vida mediante as observações presentes nas expressões populares. As distâncias e as aproximações entre os estudos universais e os locais de nossos gestos. Parte de uma universalidade, porém, ele coloca muito acima de tudo dos gestos, como “nosso”. Afirma que o brasileiro dá um tempero particular ao recepcionar os gestos, que há muito tempo faz parte da ação humana com o passar do tempo. Um exemplo colocado pelo autor é o simples ato de “ficar de cócoras” em estudos, revela que na história uma das primeiras alusões ao gesto remete ao Homem de Neandertal, que se posicionava desta maneira para comer seus alimentos em algumas ocasiões. Curiosamente, Cascudo encontra nos orientais, nos pretos muçulmanos e no brasileiro, a familiaridade com o gesto. Ele estava lá, visível no sertão de Euclides da Cunha; os homens utilizavam para enrolar um cigarro, bater isqueiro, travar ligeira conversa com o amigo, justificando por ser uma posição de equilíbrio instável, “*em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade há um tempo ridícula e adorável*”⁵¹. No próprio Brasil ele observa que existem variações quanto à posição nas feiras e mercados; por exemplo, o normal é ficar sentado no solo, “jeito” de rendeiras, ou de joelhos, numa tendência definida pela elevação cômoda dos tabuleiros e locais de venda popular; lá se senta sem que as nádegas toquem o chão, se apoiando nos calcanhares ou na região talar, sem fletir o pé.

Mediante um amplo estudo, Câmara Cascudo busca, cataloga e analisa minuciosamente os gestos, como na hermenêutica proposta pela semiologia na antropologia cultural do antropólogo norte-americano Clifford Geertz⁵², com os quais suas ligações estão envolvidas com o relativismo cultural, em que as culturas seriam universos fechados e autoexplicativos, cujos significados somente têm sentido para aqueles que os criaram e os teceram. Geertz enfatiza o significado do que chamou de “descrição densa”. E compreendeu a cultura de outra maneira, sendo ela um padrão historicamente transmitido, de significados incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens se comunicam e desenvolvem seu conhecimento e

⁵⁰ *Idem, ibidem*, p. 10

⁵¹ *Idem, ibidem*, p. 187. Apud. Os Sertões.

⁵² GEERTZ, Clifford. *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989

suas atitudes acerca da vida⁵³. Há, para Geertz, um código público que se institui no fazer cultural, sendo este específico a cada experiência em cultura.

A compreensão da proposta de Geertz nos é perceptível quando analisamos a exemplificação que ele elabora ao tratar das brigas de galo em Bali, em que apresenta o esporte como uma chave para o entendimento da cultura balinesa; assim, ele vai a uma experiência ordinária do balinês para ler o código público que se estabelece e é praticado cotidianamente pelos habitantes de Bali. Ele acabou associando as corriqueiras brigas de galo ao mundo e às práticas da cultura local, fazendo um texto, uma leitura da experiência balinesa sobre si mesmo, em comparação com a nossa cultura ocidental; descreve que é uma prática comum apostar grandes somas na vitória de um galo. Todavia, na realidade, esta forma de jogar vai além das questões concernentes a uma simples competição. Ali está presente uma luta de forças, a estima do galo é também a do seu dono, seus animais exprimem suas vidas, seus desejos e uma preocupação profunda com o seu *status*, donde resulta que ler a briga de galos é apreender sentidos sociais que se manifestam na aparente experiência de lazer.

Geertz pratica uma típica operação hermenêutica de decifração de textos e códigos. Nela se produz, a partir do registro escrito do observador, a tentativa de traduzir um discurso cultural pesquisado. Esta antropologia interpretativa figura como um modelo para o estudo da história local.

Já Câmara Cascudo tem a preocupação de encontrar a origem, articulando com a época do aparecimento da experiência em sua primeira forma de se dar atividade eminente da etnologia, em primeiro lugar está presente a observância da universalidade; posteriormente a sua atuação como um documento psicológico das expressões humanas. Para o autor, o corpo fala, mas ele fala através da História. Ele tem a ousadia de constar tudo como num manual, não obstante a dificuldade é neste caso, decifrar os instintos convencionais, dos gestos independentes, das atitudes provocadoras e o uso dos processos mecânicos, como emblemas para a identificação dos gestos. Mas, existe nas palavras de Cascudo, uma possibilidade de articulação com o entendimento de Geertz, quando Cascudo diz: “*Os gestos são moedinha de circulação indispensável e diária, mas ignoramos sua emissão no Tempo*”⁵⁴. Quanto à questão da “moedinha de circulação”, nosso autor entende que os gestos são compreensíveis a uma dada região, como faz o paralelo com a circularidade de uma moeda. O que vai distanciar

⁵³ *Idem*, p. 30

⁵⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. Cit.*, 1987, p. 11

a experiência narrativa de Cascudo da forma como Clifford Geertz entende a experiência etnográfica é, por exemplo, no momento em que ele declara que: “*Não é possível precisar a data da cunhagem, mas tentei revelar as coincidências da presença anterior na comunicação humana. Nada mais*”⁵⁵.

Luís da Câmara Cascudo não está preocupado com a condução densa da percepção de um gesto; apenas sai montando em cadeia a origem do gesto e, em alguns casos as modificações que eles tiveram até chegar ao nosso país. Geertz, por exemplo, estuda minuciosamente as articulações que uma simples ação poderá conter como num piscar de olhos, quando é necessário saber qual o significado cultural conferido pela comunidade. Visto que o mesmo gesto pode ganhar novos tons, seja através de um ato puramente mecânico, ou um tique nervoso e, no melhor dos casos, poderá significar uma paquera ou um ato de acordo entre os que estão desenvolvendo o sinal.

O passado é um estranho que podemos visitá-lo com a consciência de que ele não nos pertence e o percurso que nos direciona ao passado, através da memória e dos fragmentos permitidos por ela, é o que nos ajuda a entender este passado que diante de suas fragilidades, pode ser considerado como aquilo que ocorreu em meio a inúmeras tentativas de narrar este possível. Assim, como nos diz Jacques Le Goff, a memória é sempre uma construção e nunca um resgate. O exercício da memória nos coloca em contato com o passado, mas não de forma que o ressuscite⁵⁶. A memória é trabalhada como um recurso metodológico contribuindo para a composição da História e os usos que se fazem dela são apenas para as conveniências do historiador que, muitas vezes, busca as lembranças do indivíduo como artifício para sua construção.

Em vida, nosso autor potiguar soube utilizar-se bem dos recursos da memória para compor grande parte de suas obras em que parte de seus estudos é o resultado da observação contínua e curiosa do autor registrando, eficazmente, os dados e informações necessárias para arrumar sua escrita e muito do que elabora escrituricamente está presente no solo sagrado da memória.

Podemos citar algumas obras consideradas pensadas a partir de uma composição de memória, mas assim fazê-lo é tentar enquadrar a escrita do autor potiguar que não endereçava

⁵⁵ *Idem, ibidem*, p. 11

⁵⁶ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão. [Et. AL.]. 4ª Edição. São Paulo: Editora Campinas; Editora UNICAMP, 1996

livros a um determinado conteúdo. Apontamos *Ontem*⁵⁷, um livro concluído em 1972, que marca uma fase de amadurecimento do autor; nele, lembra a época de liberdade como professora que tem, como observatório, a sala de aula. Cascudo dedica boa parte de sua vida ao exercício do magistério e acompanha toda a evolução merecida na cidade de Natal.

Ontem é esse rastreio de seu convívio com alunos; nele informa sobre a prática docente e revela a prática em seu cotidiano. Faz-nos pensar sobre várias situações; primeiro, são os problemas decorrentes da execução deste desafiador exercício, a distância que esclarece com empolgação como o sistema de ensino possuía uma estrutura que dava possibilidades para o trabalho do professor e, por último, as diferenças notórias que encontramos com a situação de fragilidade educacional, pela qual passamos atualmente. Cascudo também dedica páginas do seu livro para escrever sobre alguns professores, que fizeram parte da composição da História educacional do Rio Grande do Norte.

Essas lembranças mostram o perfil do Cascudo mestre e, ao mesmo tempo, faz lembrar seu tempo como estudante, uma evocação ainda mais anterior, como um semeador que, ao longo dos anos, espalhou suas sementes, mostrando o quanto é gratificante colher os frutos que foram lançados no passado.

Cascudo se encontra como professor e dizia que a *aula não é um filme*⁵⁸, mas um espaço de pluralidade, em que o professor é um ator, que encena as situações para empolgar o aluno. Para Moacyr de Góis, Câmara Cascudo, quando reemprega num livro sua memória, o faz de maneira didática, porque dedica curiosidade e confiança ao ensinar. Ideologicamente profere palavras como ‘*saibam ensinar quanto souberam aprender!*’⁵⁹ apostando num ensino principalmente por força de sua sacralidade ao ensinar. Confia-se à profissão em 1928, tornando-se professor de História do colégio Atheneu no Rio Grande do Norte, mas somente efetivado em 1934 através de concurso para a cadeira de História da Civilização Brasileira⁶⁰. Atividade que exerceu durante vários anos de sua vida. Cascudo sempre expressou motivação ao ser chamado de professor. Este aspecto de sua vida vai tonificar sua obra, visto que elas são destinadas a informar, a ensinar.

⁵⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. Cit.* 1998

⁵⁸ *Idem, ibidem*, p. 109

⁵⁹ GÓIS, Moacyr de. “Ontem- memórias”. In. SILVA, Marco. (Org.). *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva: FFCLCH/USP: FAPESP; Natal: Ed. Da UFRN: Fundação José Augusto, 2003

⁶⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. Cit.*, 1998, p. 24

Podemos fazer alusão ao fato de que a experiência do autor como professor do Atheneu norte-rio-grandense e ainda professor de Direito Internacional Público da Universidade do Rio Grande do Norte⁶¹, tenha sido uma de suas principais motivações para a associação que estabelece entre ficção e realidade. Quando ele lembra sua vida de estudante recorda com carinho aqueles que se fizeram presentes no seu longo caminho de aprendizado, como o direcionamento a Pedro Alexandrino dos Anjos, um de seus primeiros professores e Francisco Ivo Cavalcante. Aprendendo música, pintura, literatura, teatro e cinema, sempre demonstrou admiração pela capacidade intelectual de seus professores⁶².

Observamos que em *Canto de Muro* quase todos os episódios ocorreram neste lugar de saudade de Cascudo, quando não ocorre no cenário do canto de muro, em que as estórias percorrem a imaginação do autor com um misto de lembranças e grande apelo ficcional, como é possível verificar no relato do autor:

Gô corria por este mundo, e ocorreu caso fatal, deixando o rabo numa ratoeira e a cabeça noutra, sucedeu numa mercearia do meu primo, Bonifácio Dario, onde está o Edifício Natal, na Praça Augusto Severo. Os dois urubus, um morto e outro atropelado pelo automóvel, foram vítimas do veículo em que viajavam meu Pai e o Coronel Manuel Maurício Freire, na reta da Tabajara, caminho para a cidade da Santa Cruz⁶³.

Vejamos que seu personagem Gô extrapola o ambiente do canto de muro e percorre as lembranças do autor utilizando também como personagens, seu pai, primo e amigos, e o espaço é estendido para uma mercearia com local e endereço definidos. Logo Cascudo fixa elementos recorrentes à sua memória, num caráter autobiográfico e o que marca esse tipo de fonte são basicamente, são as marcas da escritura do “eu” e os modos de inscrição de si mesmo⁶⁴, no entanto, as marcas de um Cascudo que se escreve e inscreve no texto, também se remetem à inscrição de um texto de cunho memorialista, visto que quando falamos em autobiografia, elas narram a vida individual caracterizando a pessoa como uma personalidade, com características peculiares, que as fazem particular e nas narrativas de memória as ações do autor são inseridas junto aos acontecimentos e o personagem passa a ser um testemunho que, naquele momento, é privilegiado, Poe ele mesmo, ou por outra pessoa. Wander Melo

⁶¹ *Idem, ibidem*, p. 227

⁶² *Idem, ibidem*, p. 278

⁶³ CASCUDO, Luís da Cascudo. *Op. Cit.*, 1977, p. 217

⁶⁴ Cf. LACERDA, Lilian de. *Álbum de leitura: Memórias de vida, Histórias de Leitoras*. São Paulo: UNESP, 2003

Miranda explica que as memórias são narrativas do que foi visto ou escutado e a autobiografia se torna o relato do que o indivíduo foi, porém a distinção entre ambas não é nítida⁶⁵.

Mais uma vez aludindo à questão da inserção destinada a caracterizar os textos de Luís da Câmara Cascudo tendo em vista que as duas categorias não podem ser vistas de forma isolada; tanto podemos considerar suas obras como uma narrativa de cunho memorialístico, como de autobiografia, haja vista que existem momentos em que Cascudo se escreve como pessoa, comenta sobre sua vida e, à medida em que o texto caminha e necessita de um contexto para dar suporte à narrativa, Cascudo cita personagens políticos, intelectuais, escritores, pensadores, cientistas e também pessoas simples, com as quais dialoga no seu cotidiano. Aliás, é desta última que ele sai recolhendo os materiais para sua pesquisa junto com uma equipe de ajudantes. E os livros vão ganhando esse corpo de experiências individuais e coletivas. É a vida presente na memória viva do autor que o faz não se contentar em propor uma obra que contemple apenas a si próprio, seu enredo ganha corpo quando ele insere os personagens de seu gosto que fizeram parte de seu tempo e se questionaram sobre as mesmas indagações de sua época.

Esta dinamicidade é visível em *Canto de Muro*, ora Cascudo alude a um pequeno espaço com a composição de personagens que estiveram presentes em sua maçante pesquisa de quarenta anos vividos, ora desloca a cena para seu imaginário, cria situações que foram reais ou não, insere-se na história para dar ênfase ao narrado, conduz a dinâmica ao texto. Nesse trecho, retirado de *Canto de Muro*, do episódio “A Raposa e o Avião”, Cascudo conta a saga de uma raposa, animal comum, presente na fauna brasileira e personagem típico de esperteza na literatura. No enredo proposto pelo autor, ele questiona o olhar e a apreensão do bicho ao perceber a aproximação de um avião, objeto desconhecido que se vai tornar presente na constituição do imaginário da modernidade. Cascudo aprecia atentamente as expressões do animal, descreve esmiuçadamente seus movimentos com o intuito de tentar descobrir o que se passava na cabeça do animal no instante em que o avião se aproximava, questiona a partir de seu autodeslocamento para o lugar do animal; seria uma ave gigante? É uma oportunidade ímpar saborear uma farta alimentação? O que chama a atenção na leitura é a maneira como ele foge do espaço do canto de muro e remete a uma cena fictícia:

Inútil espingarda! Encosto-a à primeira árvore de sombra e estiro-me na areia fofa e fulva, esperando a intimidade casual dos insetos e aves (...) Vejo a

⁶⁵ MIRANDA, Wander Melo. “A ilusão Autobiográfica”. In. _____ *Corpos Escritos: Graciliano Ramos e Silvano Santiago*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: UFMG, 1992, p. 36

raposa imóvel, focinho apontando para cima, olhando o avião sonoro.(...) Durante dois minutos o animal está estático, inteiramente possuído por aquele centro de interesse de inaudita novidade. (...) Minha impressão é bem diversa, meus senhores. Parece-me que a raposa hipnotizada está fazendo um esforço milagroso para compreender. (...) Com as pernas formigando de câibras ergo-me, apanho a espingarda incólume e caminho, trôpego. Na vereda, fundos, estão os quatro orifícios do rastro da raposa, denúncia de sua atenção inquieta, de sua curiosidade sôfrega, de sua expectativa despremiada⁶⁶.

O “pássaro de prata”, como chama Cascudo, pode ser considerado um elemento pertencente ao progresso, a que tanto o autor tinha receio. A atenção de Cascudo para as expressões sorrrateiras do animal também nos conduz sobre o efeito de estranheza destes elementos, tanto na mente dos bichos como na dos humanos. A raposa é um animal que está presente no ambiente nordestino e comumente as pessoas, se não a viram pelo menos a escutaram, porque ela está presente na literatura mundial. As características que a familiarizam: “primitiva, arrebatada, ladra, fugitiva, predadora, covarde, rebelde, incapaz de figurar num circo”,⁶⁷ são dados que extrapolam o real passando para o campo ficcional, tomada nas histórias como astuta, sagaz, características pelas quais o próprio autor comentou: “creio que a raposa, a dar-se crédito ao seu ‘Romance’ onde é personagem clássica, terá muito pouco de sentimentalismo e de visão abstrata das cousas inidôneas para um bom almoço”⁶⁸.

As anotações feitas nos caderninhos do Tirol no tempo de colecionador; a vivência num curso universitário e as experiências em sua vida, são os fatores empíricos presentes no livro “Canto de Muro”. O uso constante do relato memória é o que dá um grande sentimentalismo à sua escrita, assim como o contato com pessoas simples, mais de conhecimentos inestimáveis, e como marco principal a presença ínterim da figura patriarcal de seu pai, mesclam e dão composição à sua obra. *Todos os episódios contidos neste romance de costumes foram observados diretamente e qualquer semelhança não é mera coincidência*⁶⁹, pronuncia o autor, dando testemunho do que virá pela frente em seu livro. Este é um chamamento para a leitura de seu livro. *Canto de Muro* não é um de seus livros mais populares, mas com certeza, se pronuncia como um dos mais marcantes.

Ao contrário do que dizem as biografias escritas sobre o autor e suas autobiografias, como afirma Valdeci Feliciano embora haja, de Luís da Câmara Cascudo, um amor pelo

⁶⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. Cit.*, 1977, pp. 210, 212 e 213

⁶⁷ *Idem, Ibidem*, p. 212

⁶⁸ *Idem, Ibidem*, p. 212

⁶⁹ *Idem*, p. 2

exercício do magistério, percebe-se, que a atividade como professor não foi por livre escolha, mas por necessidade motivada pela decadência de seu pai⁷⁰. Não temos precisamente, como agenciar ou medir os sentimentos e vontades de um ser humano, principalmente quando o mesmo não está aqui para poder responder se, realmente, ser professor culmina pela necessidade e valia de uma carreira de fácil penetração pelas vias seguras das intensas amizades políticas, não temos como atestar.

A História possui muito dessas incertezas. Uma verdade é tomada como mentira a partir do momento em que outra verdade seja contada; então, há inúmeras possibilidades de compreensão. Em depoimento para um documentário destinado à “TV Senado” a neta de Luís da Câmara Cascudo, Daliana Cascudo, diz que seu avô poderia ter tentado ir para o Rio de Janeiro como todos faziam na época, preferindo ficar na cidade de Natal para ajudar seu pai. A curiosidade e o amor à terra são expostos como justificativa pela permanência naquela localidade, saindo esporadicamente e, poucas vezes, lá permanecendo a vida inteira. Daliana comenta que em ocasiões posteriores ele recebe convites para sair da cidade; todavia, não os aceita, pois, prefere ficar na cidade, assumindo-se um “provinciano incurável”⁷¹.

As palavras de sua neta assumem uma postura defensiva com argumentos bem traçados acerca da permanência do escritor na cidade de Natal. “Curiosidade” e “amor” são vocábulos que entoam paixão desmedida; as mesmas também fazem parte do repertório de menções à grande quantidade de obra endereçada à recolha de elementos, que traduzem as expressões populares. Enfim a curiosidade é o ponto - chave de sua pesquisa.

A exemplo do próprio *Canto de Muro*, quantas informações Cascudo endereça ao leitor e o realiza de maneira didática pois as aventuras quase homéricas vividas por seus personagens no ínterim do livro perpassam dados científicos da botânica, da zoologia, da fauna e flora, marcas de um autor que sempre se valeu da exatidão para tornar exequível sua escrita. Essas alusões mostram a importância que o autor emprega à memória, tornando-se sua aliada nas composições de seus livros, muitos deles tendo resultado de sua própria vida, como é o caso de *Canto de Muro*, que o Cascudo diz ser um livro de mais de quarenta anos

⁷⁰ GOMES, Valdeci Feliciano. *Vozes que Calam Vozes de quem se Fala: Câmara Cascudo e a Cultura Popular*. Dissertação de Mestrado. PPGCS- Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, Paraíba, 2008, p. 20

⁷¹ CASCUDO, Luís da Câmara Cascudo. Documentário exibido pela TV Senado, em 07/08/2008. Disponível em: http://www.senado.gov.br/noticias/tv/programaListaPadrao.asp?COD_VIDEO=99922. Acessado em 12/06/2011, às 18h

vividos⁷². Assim como neste livro em vários outros se tornou um ritual contribuir com as lembranças na escrita, principalmente a menção fecunda à cultura popular, à tradição, as relações individuais, que possuía com as pessoas tanto simples, como as personalidades da época.

Não podemos dizer que *Canto de Muro* é também uma das obras autobiográficas do autor, no entanto, ele entoa o mesmo entoa, em várias páginas, lembranças direcionadas de sua vida que denotaram uma particularidade a este livro, em passagens:

Assisti na granja de meu Pai a um combate singular entre Gô e uma galinha de pintos⁷³. Ainda: “Já assisti no Teatro Municipal do Rio de Janeiro ao maduro sucessor de Nijinsky submeter-se a esta demonstração negativa de sua esgotada capacidade de força rítmica⁷⁴”.

A interrupção do autor como um narrador que participa da história, agrega ao livro este caráter de memória, de uma *escrita de si*, que não se contenta apenas em narrar, mas pedir licença ao próprio texto de se encenar também. Em uma passagem do livro, Cascudo menciona a figura do pai e de pessoas que faziam parte de seu ciclo social, quando parte de um personagem de sua história.

O Sr. Aroaldo Azevedo, de Aracajú, informou ao Prof. Rodolfo Von Ihering e o Coronel Francisco Cascudo, da cidade do Natal, ao escritor Mário de Andrade. Ambos escreveram com afeto sobre o Guaxinim. Há naturalmente dezenas de informações⁷⁵.

Nesta citação, retirada da obra de Luís da Câmara Cascudo, ele cita o nome de Mário de Andrade e de pessoas relacionadas ao seu convívio no cotidiano. Nesta citação, chamo atenção para a figura do autor modernista, como pessoa que influencia Cascudo em sua escrita, como é sabido, ambos eram amigos e trocaram durante muito tempo, correspondências que se estendeu por vinte anos, cessadas com a morte de Mário de Andrade em 1945. A carta demonstra uma afinidade entre o autor potiguar e a figura atuante do modernismo do Brasil da década de 1930. Mário de Andrade pedia constantemente que lhe enviasse seus trabalhos, desejando conhecê-los pelo fato de Cascudo ser aludido como um dos principais nomes no país que falava sobre um Brasil provinciano, de lugares que sempre estão presentes na cultura e nas expressões nordestinas.

⁷² CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. Cit.* 1977, p. 217

⁷³ *Idem, ibidem*, p. 35

⁷⁴ *Idem, ibidem*, p. 51

⁷⁵ *Idem, ibidem*, p. 62-63

Para historiadores como Silvia Ilg Byington, essa amizade foi construtiva para ambos os autores, haja vista ter Cascudo sido reconhecido como um escritor local ao realizar estudos folclóricos com base nas observações, *in loco*, nas viagens que fez ao sertão, movimento que lhe permitiu registrar o que percebia de autêntico nas manifestações da cultura popular produzindo uma expressão singular da literatura brasileira. Mário de Andrade, segundo a autora, redescobre o nacional em características como a língua, e o universo de representações do nacional, que ele mencionava desconhecer na dança, na música, na fala, elementos usuais, que favoreceram seu pensamento sobre o sentido de uma unidade nacional, na busca de um Brasil mais interior, de uma vida legítima⁷⁶.

Em o *Tempo e eu*,⁷⁷ Cascudo também narra sobre sua vida; desta vez, por meio de pequenas crônicas, revelando fatos de seu cotidiano e, como sempre, esmiuçando o que mais gosta de fazer, que é contar sobre os fatos corriqueiros que se vão moldando no dia-a-dia o que, de fato, faz parte de sua memória na convivência com pessoas, com personagens, que fizeram parte de sua vida, merecendo destaque. O nome do livro é sugestivo, denota a relação do autor com o tempo. O tempo, construção humana que é sentida pelos homens, principalmente através da fragilidade do corpo, que nos faz voltar a rever nossa vida, analisando o que fomos e o que hoje somos. Cascudo revela a importância da reflexão filosófica realizada através do olhar voltado para o tempo. Amigo ou inimigo?

Sentimos a atuação do tempo quando lembramos, voltamos ao passado e colhemos os rastros das lembranças, muitas delas perdidas com o próprio tempo. Esta sensação é transmitida por Cascudo quando expõe partes de sua vida, fala das “*origens, fala dos familiares e de suas características físicas e de personalidade, narra os primeiros momentos de sua vida, refere-se à sua formação intelectual, conta episódios relacionados às pessoas que conheceu ou admirava*”⁷⁸. Cascudo mostra, no livro, que o que mais o admira é a intelectualidade e como muitos de seus contemporâneos souberam reger o conhecimento. Por isto a menção frequente a professores e intelectuais da época seria um alento para o já

⁷⁶ Sobre a correspondência de Luís da Câmara Cascudo, conferir o trabalho de BYINGTON, Silvia Ilg. “Prezados Modernistas: A correspondência entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade”. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Histórias em cousas miúdas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005, pp.491-517. E GICO, Vânia de Vasconcelos. *Interpretações do Brasil na Correspondência entre Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. Revista da FARN. Natal, v.7, nº 2. Julho a dezembro de 2008, p. 173-202

⁷⁷ CASCUDO, Luís da Câmara Cascudo. *O Tempo e Eu- Confidências e Proposições*. Natal, Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2008

⁷⁸ PEREIRA, Lauro Ávila. “O Tempo e Eu”. In: SILVA, Marco. (Org.). *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva: FFCLCH/USP: FAPESP; Natal: Ed. Da UFRN: Fundação José Augusto, 2003

conhecido autor potiguar, que circulava entre os eruditos e a elite local pela qual era respeitado. Apesar disto, o livro não se resume à vida social e política do autor, visto que para ele, o cotidiano não é um mero passar de tempo: é no dia-a-dia que tiramos nossas lições de vida.

Considerações sobre as condições da moralidade estão presentes, como: desapego à riqueza, carinho e apego à família, podendo essa postura ser justificada pelas dificuldades enfrentadas pela família, que se vão iniciar quando o pai começa a entrar em declínio financeiro. Uma mensagem reproduzida de Axel Munthe, por Cascudo, no prefácio de seu livro nos traz uma reflexão sobre as histórias de vida, dizia o médico sueco que “*O método mais prático para escrever uma obra sobre si próprio, consiste em pensar nos outros*”⁷⁹. Este ensinamento demonstra a consciência possuída por Câmara Cascudo ao publicar um texto cujo personagem é sua vida e percebe que a existência humana não se resume ao isolamento, o homem vive no seio coletivo, tomando sua vida como fonte primária de observação ao mergulhar na linguagem que, segundo Regina Zilberman, possibilita expressar os sentimentos e ideias, que busca principalmente na memória a principal ferramenta no regresso ao passado, e projete uma imagem que possibilite um diálogo consigo mesmo e com os outros⁸⁰.

É nas histórias de vida contadas que o autor expressa suas preferências, suas apostas, em que define sua identidade, estabelecendo sua relação com os que estão ao seu redor. As ilusões surgem pelo fato da crença ou não de suas falas. A demonstração daqueles autoinscritos é a presença marcante de uma intimidade, as histórias de vida apresentam uma forma particular de mostrar a autenticidade, aquilo que somente sua vida pode expor como ensinamento para os leitores, deixando de serem ocultas. Quem escreve quase sempre busca encontrar o seu papel social; não se escreve para si mesmo, mas principalmente para agradar o outro.

Premissa que pode ser observada principalmente quando um autor faz parte de um corpo demasiadamente escrito. Ao se conduzir a escrita nos deparamos com o que Giovanni Levi questionou quando se remeteu ao questionamento sobre até que ponto um indivíduo

⁷⁹ CASCUDO, L. da C. Op. Cit., 1968, p.32.

⁸⁰ ZILBERMAN, Regina. Et al. *As Pedras e o Fogo: Fontes Primárias, Teoria e História da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 208.

pode ser escrito?⁸¹ Na sua perspectiva, todo e qualquer indivíduo tem limites; se não podemos escrever a vida de uma pessoa, esse quadro também se estende para a própria vida. É o que Pierre Bourdier chama de “ilusão biográfica”. Na perspectiva deste autor, o contexto social é reconstituído dentro de um limite ao qual nomeia de “superfície social”⁸². Neste entendimento o indivíduo age numa pluralidade de campos; ele é múltiplo, diverso e constroi sua vida mediante uma margem considerável de liberdade.

No romance *Canto de Muro*, consideramos que, numa atitude de desabafo, ou de liberdade escriturária, Cascudo se lembra de muitos fragmentos ocorridos no decorrer de sua vida. Podemos imaginá-lo na intimidade de sua vida, deitado em sua inseparável rede, em momentos de intensa concentração. Brincadeiras à parte, Luís da Câmara Cascudo escreve o livro numa ocasião de dor e reflexão, quando seu filho estava doente e internado num Hospital, na cidade de Recife; esposa e filha o acompanhavam no momento do tratamento, ele não cita a enfermidade e o tempo de permanência de sua família; todavia, a referência pessoal é citada com intuito de responder a uma prática inesperada, a escrita de um romance, “*Em fins de dezembro de 1956, meu filho adoeceu gravemente no Recife. Dahlia e Ana Maria, mulher e filha, foram para junto dele*”⁸³. A solidão e a preocupação induziram o escritor a voltar ao passado e lembrar sua trajetória de vida: “*Fiquei sozinho e desesperado de angústia*”⁸⁴.

Desde o tempo de criança, solitário e doente, excessivamente protegido, Cascudo tinha como companheiro seus livros e os empregados de sua casa, do período como colecionador de insetos na chácara do Tirol, o tempo de estudante de medicina e, principalmente, a intensiva observação minuciosa regada à sua erudição previsível fizeram perpassar em sua mente cenas, lembranças como *flashes* de um filme. É assim que nasce *Canto de Muro*, como dito anteriormente, o romance é quase todo pensado dentro de um ambiente ficcional, incrementado com os relatos das observações realizadas pelo autor no cotidiano de pequenos animais que sobrevivem nesse lugar ou fazem parte do reduto de sua memória individual. Como todo livro conduzido a partir de lembranças, ele possui esta liberdade de compor uma história tomando como medida a própria vida.

⁸¹ Cf. LEVI, Giovanni. “Usos da Biografia”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998

⁸² *Idem, ibidem*, p. 169

⁸³ Cascudo, Luís da Câmara. *Op. cit.*, 1977, p. 218

⁸⁴ *Idem, ibidem*, p. 218

Para esclarecer os motivos que levavam os animais a praticar certas ações, Cascudo faz uso de sua erudição científica, de seus estudos pessoais e incompletos anos de curso na Faculdade de Medicina, no Rio de Janeiro. A erudição científica se mistura com o seu conhecimento sobre cultura, com afã de poder mostrar que em sua particularidade, os animais possuem uma função cultural no ambiente em que estão vivendo e na relação que desenvolvem com o meio.

A própria história da composição do livro é propositalmente relacionada à sua vida pois, morando na antiga Vila Cascudo, numa chácara mantida pelo pai no Bairro do Tirol, na Avenida Junqueira Aires⁸⁵, no início da década de 1920, seu pai atencioso de cuidados para com o filho doente decide permanecer naquele local garantindo conforto aos familiares e, sobremaneira proporcionar, ao seu filho doente, melhores condições para manutenção de uma vida saudável. Câmara Cascudo sempre relata que foi uma criança doente, e por isso cheia de cuidados e mimos. Quase tudo que o pequeno “cascudinho” necessitava, seu pai adquiria, livros, roupas, brinquedos etc, embora reclame que sentiu falta de uma vida normal semelhante à das crianças de seu tempo.

Relata o mesmo em um de seus livros, na certeza de sua escolha: “*Como fui filho único, doente e triste, amamentou-me o leite de todas as crendices populares*”⁸⁶. A Cascudo, distante da vida corriqueira, dos prazeres da juventude, só restou preencher o tempo com as muitas leituras que acessou e, conseqüente, produção escriturística, o que lhe permitiu fugir de uma vida monótona.

No depoimento para a TV Senado, Daliana conta um pouco sobre meninice de seu avô, falando que sua infância foi quase toda vivida no sertão; seus pais são de uma cidade do interior chamada Campo Grande e neste período, Cascudo frequentava bastante aquele ambiente. Talvez, diz Daliana, tenha surgido desse espaço de fuga, cuja aproximação com as temáticas do sertão, em que cada paisagem, animais, aves, as pessoas e o movimento local característico do interior, lhe chama atenção; ele é o quarto de três irmãos falecidos de crupe ou difteria. Em virtude da morte de seus irmãos, ainda pequenos, Cascudo foi criado com muitos cuidados, mimo e superproteção. Conseqüentemente, ele não podia fazer quase nada em sua casa, queixando-se que não brincou, não viveu como uma criança comum de seu tempo. Uma fuga acontecia quando era enviado ao sertão, onde ele respirava outros ares, as

⁸⁵ GOMES, *op. cit.*, 2008, p 61

⁸⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. cit.*, 1971, p. 147

pessoas ficavam fortes. Ali, Cascudo fazia tudo o que não podia fazer na cidade natal; tomava banho de rio, subia em árvore, porque fazia bem, e no ambiente urbano, não. Esta vivência no sertão o fez ter aproximar-se da cantiga, com os vaqueiros, com os cantadores, com a dança que lhe permitiu ter as primeiras percepções de uma cultura diferente daquela que conhecia no mundo urbano⁸⁷.

O documentário argumenta que Cascudo é filho único de Francisco Cascudo e Ana Cascudo. O pai lhe proporcionou um ambiente privilegiado, oferecendo-lhe tudo o que as possibilidades da época podia oferecer- lhe, como por exemplo, boas condições de vida, uma educação dirigida, brinquedos e roupas importadas, dentre outras coisas. Em um de seus relatos Américo de Oliveira Costa se refere a este respeito:

Cascudo se encontrar nessas origens e atmosferas. Os anos de mocidade na capital, rapaz rico, usando monóculo e polainas, carro à porta, cavalos, tertúlias de arte e literatura, mesa farta, no 'Principado do Tirol', o seja 'vila Cascudo' (...) jovem Príncipe da Grã-Ventura, a biblioteca cheia de livros da Europa, França, os grandes autores clássicos, os 'vient-de-paraître' (...) ⁸⁸

As falas do biógrafo de Cascudo, além de destacar as condições de privilégio, muitos dos biógrafos de Cascudo começam por destacar ser ele um homem divergente dos demais de sua época, principiando por sua infância, pois vivia isolado das outras crianças e do meio que habitava, em virtude da fragilidade de sua saúde. Não pôde brincar com amigos, muitos menos desfrutar de uma infância igual à das crianças de sua época; esta pode ser uma possibilidade de compreender o aspecto contemplativo das obras de Cascudo. Todas as suas produções trazem esta característica.

Criança doente, frágil e solitária, passava horas sozinho e tinha como companhia penas os livros e as pessoas que conviviam em sua casa, visão dele próprio que o próprio Cascudo mimetiza em suas obras. Enfatiza que dedicava muito tempo de sua vida a contemplar as paisagens e o movimento ao redor de sua casa; evidência que pode ter contribuído para que se tornasse tão bom observador das minuciosidades e das curiosidades presentes no dia-a-dia. Não sabia que tais episódios, que não foram agradáveis em sua vida fizessem gerar, posteriormente, a composição de um livro. *Quase todos os episódios*

⁸⁷ CASCUDO, Luís da Câmara Cascudo. Documentário exibido pela TV Senado, em 07/08/2008. Disponível em: http://www.senado.gov.br/noticias/tv/programaListaPadrao.asp?COD_VIDEO=99922. Acessado em 12/06/2011, às 18h

⁸⁸ COSTA, Américo de Oliveira. *Viagem ao Universo de Câmara Cascudo: Tentativa de ensaio Bibliográfico*. Natal, Rio Grande do Norte: Fundação José Augusto, 1969, p. 21

*ocorreram na saudosa Vila Cascudo*⁸⁹, quando escreveu sobre os bichos e insetos que viviam em torno de seu casarão. A maneira com que se refere aos bons dias passados na “Vila Cascudo” ou “Principado do Tirol”, é significativa, revelando uma estreita ligação afetiva com o espaço habitado.

Nós, leitores, acabamos aprendendo sobre a vida natural de animais, de forma humorada, descontraída e poética, sem sentir o cansaço rotineiro das salas-de-aula e das leituras densas e monótonas dos livros didáticos. Aliás, não foi pretensão do autor, mas ele acabou por dar uma lição de didática a muitos professores que vivem bitolados a velhas metodologias de ensino.

A vida, porém, não lhe foi tão dócil, com a decadência de seu pai como produtor agrícola todas as facilidades foram se restringindo. O Cascudo, sempre de condição privilegiada teve de interromper os estudos por conta das dificuldades financeiras. Conhecia pessoas importantes que estavam inseridas na política ocupando cargos de prestígio que o levava a experimentar o ofício de professor, que também lhe dava prazer. E, assim, ter a possibilidade de concluir os estudos com seus próprios recursos, mas não mais em Medicina e, sim, em Direito.

O ingresso em empregos públicos deu, às suas produções, um caráter político e oficial; escreve para jornais e se presta como escritor. O jornal *A imprensa*, publica sua primeira crônica com o título “Bric-à-Brac”; em 1921 publica seu primeiro livro, *Alma Patrícia* e três anos depois ingressa na Faculdade de Direito, no Recife, necessitando lecionar para poder manter os estudos⁹⁰.

Foram as dificuldades acometidas em sua vida que acabaram moldando o Câmara Cascudo escritor provinciano, aguerrido a uma postura combatente da Cultura e das tradições de sua região, aspectos tão reiteradamente discutidos e desconstruídos por vários de seus estudiosos.

Durante muito tempo, Luís da Câmara Cascudo não estava presente em trabalhos que têm como atributo, a interpretação do Brasil, por conduzir um método particular de escrita, sem regras, teorias e metodologias; todavia, existe uma aproximação discursiva com o

⁸⁹ CASCUDO, L. da C. *Op. cit.*, 1977, p. 217

⁹⁰ Cf. GOMES, V. F. *Op. cit.*, pp.18-20.

Movimento Regionalista Pernambucano; pensou e articulou as descrições do país, à sua maneira, conduzindo uma produção literária local.

Pretensioso, diria! Estudar o Brasil a partir da província do Rio Grande do Norte, tomando seu Estado como centro funcionalista da própria cultura brasileira. Considerava o Nordeste celeiro de todas as manifestações culturais brasileiras; ali, onde se vivia a verdadeira cultura, local de cores, imagens, vozes e dizeres autênticos. Sobretudo um lugar de permanência e ele, como indivíduo obstinado a falar, dar voz a este povo e a esta cultura, consagra-se com a missão de construir uma tradição literária particular. À morte, em suas obras estava vencida. A permanência de Cascudo em Natal – e no ambiente intelectual brasileiro - ainda hoje é motivo de análises contraditórias, percebido pelo crivo da crítica enquanto edificador de um monumento escriturístico que vem a contribuir para a formação de uma brasilidade, merecendo elogios, mas também ataques mordazes aos eixos diretivos com que sua escrita foi fabricada.

A permanência de Cascudo em sua cidade natal foi uma situação circunstancial, transformada em opção de vida que marcou o sentido de suas descobertas do Brasil. Dizer que sua descoberta se dá a partir da província significa, entre outras coisas, observar sua centralidade como categoria de conhecimento⁹¹..

O que seria de Câmara Cascudo caso deixasse sua terra e aceitasse uma das várias propostas de trabalho? Como seria o caráter de suas obras? Perguntas sem respostas. O que conhecemos do autor é a vontade e a declaração pública em permanecer realizando seus trabalhos em sua casa, junto à família, em sua terra. O interesse pelas tradições populares e a escrita de artigos e versos num estilo futurista, é *a expressão de uma veia modernista*⁹², presente no autor potiguar. Desta forma, não é pela distância dos intelectuais que se credenciou pertencer ao movimento modernista e do eixo sulista, que Cascudo deixara de ter uma escrita modernista.

A tendência regionalista da época já convidava para um diferenciamento nos moldes e temáticas textuais; a visualização da região e as interlocuções que manteve com personagens ligados a este movimento, proporcionaram um aprendizado particular ao autor.

⁹¹ Apud BYINGTON, *op. cit.*, 2005, p. 503

⁹² *Idem*, p. 503

Em *Canto de Muro*, os acontecimentos individuais, advindos de sua existência pessoal, são concebidos como uma história, assim como nos diz Bourdier, que a vida se constitui como um todo; entretanto, este conjunto deve ser coerente e orientado, podendo ser apreendido com uma intenção tanto objetiva quanto subjetiva de um projeto pessoal⁹³. Não dá para separar o Cascudo indivíduo particular de suas leituras e compreensões de mundo que fabrica em suas obras. Ele é um todo, mas o é fragmentado, costurando-se paulatinamente, como uma colcha de retalhos que, por sua vez, atinge como produto final um corpo possuidor de sentidos, todos eles interpretáveis.

Todos os projetos considerados autobiográficos, memorialísticos, possuindo como fundamento uma escrita pessoal, buscam atingir a preocupação em dar sentido ao narrado, em torná-lo tangível e compreensível aos olhos vorazes do leitor, que o mesmo cause um efeito no mínimo inteligível. Em nosso caso, quando nos deparamos com um romance como este e medimos a compreensão, percebemos que um leitor pertencente aos anos iniciais de estudo sentirá certa dificuldade em empreender as considerações e as mensagens propostas pelo autor. Não é uma leitura acessível tendo em vista o alto nível de erudição do autor. No romance de Câmara Cascudo ele endossa a erudição e conhecimento em várias áreas. A nosso ver, para compreender o Cascudo romancista é necessário conhecer um pouco de seu perfil como escritor polissêmico. No entanto, para o autor potiguar, seus livros não possuem um endereçamento, um perfil fechado de leitores; ao contrário, sua variedade temática chama a atenção de leitores em suas diversas áreas e lugares de recepção.

Existe, em Cascudo, essa preocupação de que a sua escrita atinja quem o lê? Ele escreve para seus contemporâneos ou para uma posteridade? A escrita é uma estratégia para que todos se sensibilizem com a ideia de que a cultura, em suas expressões mais simples, deve ser preservada? Ou é em suas obras, que sua memória ficará exposta para uma posteridade? Se seu intuito era a imortalização, ele tenta justificar essa propriedade de “provinciano incurável” em falas presentes em suas obras, fundamentando-se na perspectiva de que as pessoas não deixem morrer sua história e seus costumes; essa é a sua principal atenção.

⁹³ Cf. BOURDIER, Pierre. “A Ilusão Biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998, p.184

CAPÍTULO II

AS NARRATIVAS INTIMISTAS DE CÂMARA CASCUDO, (EN)CANTO DE MURO?

Nem somente as rosas sabem viver, em beleza, o espaço de uma manhã...

Luís da Câmara Cascudo, *Canto de Muro: Romance de Costumes*

Canto de Muro está presente no *corpus* dos trabalhos de Luís da Câmara Cascudo, nesta obra, ele optou por diferenciar sua escrita comparada com suas demais produções, mostrando outra cara do autor, numa faceta desconhecida a da escrita romanesca, desprendida e livre para fantasiar seu enredo. Em outras palavras, mostrando a efemeridade do tempo, das coisas, da vida. Ele escreve no início de um de seus episódios nomeado de “Canção de vida breve”,

Ao pôr do sol, na hora doce da luz tépida, o quintal se cobriu de neve. Uma neve branca, aperolada, com longes de azul e nácar, descendo em ondas sucessivas e frementes, numa agitação que enchia sussurrante música imperceptível os galhos oscilantes e as cousas imóveis. Tijolos, telhas, a fazer do tanque humilde, a pirâmide residencial, os tufo das samambaias, as folhas dos crótons e dos tinhorões, o triste capim atapetador, as roseiras floridas no abandono, recobriam-se de um manto trêmulo e sutilmente sonoro de asas inquietas. Eram as efeméridas. A aragem lenta da tarde arrastando-as da lagoa atirava-as como nuvens palpitantes de confetes para a melancolia dos quintais despovoados. Tudo se transformou sob aquela grandeza feita de mínimos (...)⁹⁴

As palavras remetem a um tempo efêmero, de momentos, instantes que passam na vida, variadas vezes despercebidas; o ambiente construído por Cascudo é permeado na brevidade da vida; aos que habitam o canto de muro sabem que possuem uma vida passageira, quando em suas palavras a efemeridade é percebida pelos poetas, mas invisíveis aos homens, que tornam comuns seus interesses. No cenário concebido através da imaginação do autor potiguar, os microanimais e vegetais, quase sempre imperceptíveis, representam mundos de vidas diversas e diferenciadas.

⁹⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. Cit.*, 1977, p. 177

Esses são os encantos deste lugar que chamam a atenção do autor que, por sua vez, direciona o leitor a exigir dele um efeito interpretativo. Em nós, seres humanos, quais as percepções, as importâncias que damos as coisas que achamos insignificantes? O que se tornou comum aos nossos olhares, que não nos chama mais a atenção? Este capítulo tenta encontrar o lugar dos personagens criados por Cascudo, alguns dos quais destacados pela importância dada por ele, que possam principalmente servir de espelho para os olhos dos homens. São pequenos animais muitas vezes ganhando sensibilidade humana, dentro do limite da vida passageira das espécies.

O Cascudo reconhecido como escritor da alma do povo nordestino, embora se dedicando neste trabalho a compor um texto literário, não esquece sua identificação como folclorista, presente em sua escrita. A compreensão do romance não pode ignorar o *corpus* de sua produção intelectual no campo das investigações sobre a Cultura Popular; percebemos, neste trabalho, essas marcas que lhe são comuns; São rotineiros os vários dados obtidos através da recolha de materiais sobre a experiência do brasileiro enquanto fabricante de sua cultura. Câmara Cascudo descreve com frequência a vivência de um mundo tipicamente rural, exaltando o sertão como o lugar onde se encontra a “verdadeira cultura”, evocando suas manifestações culturais, nomeando-as de “autênticas” e “nossas”.

Além dos aspectos folclóricos não podemos deixar de lado a presença memorialística e autobiográfica. Em *Canto de Muro* o autor se insere como narrador e comentador, ativando suas lembranças pessoais, reunindo observações, notas de diversas fontes e subsídios fornecidos através da oralidade, por amigos ou pessoas anônimas; tudo isto pode ser encontrado em seus estudos e no seu romance. A figura do professor está presente na narrativa em primeira pessoa, quando faz referência à infância isolada na cidade de Natal, tomando o pai como fonte, nas conversas e observações realizadas no cotidiano que, aos poucos, configurava em seus objetos, presente em suas obras.

Ainda que Câmara Cascudo seja apontado, quase sempre, como grande folclorista, devemos atentar para sua constante relação com a literatura, visto que esta faceta do nosso polígrafo é a que deve ser enfocada neste trabalho. Os animais descritos por Cascudo servem, sobretudo, como pretexto para que o narrador alcance o objetivo de revelar as ações do *homo sapiens*.

Ao narrar as histórias Câmara Cascudo cria, para o leitor, um mundo harmônico em que cada ser cumpre suas funções, ditadas pela natureza. Até mesmo os seres que, para a maioria, são considerados desprezíveis, como baratas, ratos, moscas, encontram seu lugar na narração; desta forma, o narrador contempla as prováveis formas de existência. Este mesmo narrador quer expor os problemas que observa no homem universal. Os homens não possuem harmonia como os animais para com a natureza; esses são integrados e convivem entre si, a partir de uma ordem natural. Cascudo não vê essas qualidades nos seres humanos, que vivem e coabitam num seio coletivo, mas vivem sob o signo da angústia e o apelo à modernidade. São inferências presentes em pequenos trechos e que, aos poucos dão composição ao texto.

A informalidade, a proximidade com o cotidiano, a constante referência constante aos elementos pertencentes à terra através da oralidade, do mapeamento de expressões, ditos, superstições e gestos, são características que dão sequência ao texto; esses são subsídios que fazem parte de sua intimidade. A longa vivência de Cascudo com os objetos de seu interesse corresponde à sua própria vivência com a Cultura Popular, que parece ditar-lhe os temas a serem perseguidos e as informações condensadas em seus textos.

Luís da Câmara Cascudo entende cultura como: “*o conjunto de técnicas de produção, doutrinas e atos, transmissível pela convivência e ensino, de geração em geração.*”⁹⁵ Para Cascudo, ela é o produto de um processo lento ou rápido que sofre modificações, mutilações em seu terreno individual e coletivo. Para chegar a este entendimento o homem, em seu pensar, fazer e agir, possui papel fundamental na composição deste conceito, porque é o homem que produz sua cultura, que fabrica tudo aquilo que transmite sentidos aos significados em sua vida e por isto mesmo tem, uma construção cultural rica que, segundo o autor potiguar, é proveniente de um conhecimento milenar. Cascudo não se fecha para as mudanças; no entanto, a maneira como ele observa as perdas culturais, vai amoldando um tom de insatisfação perante as modificações, o que é natural no “fazer” dos seres humanos em seu ambiente terreno.

Entendemos que a cultura é dinâmica; ele é uma forma de produzir, de mostrar sentidos, de perceber significados, de mostrar relevância em algo que foi pensado e elaborado para ser útil ou rentável. Ela está presente no seio da vida cotidiana das pessoas, impregnada em nossa vivência; e constata nossa importância enquanto fabricantes e consumidores desses

⁹⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *Civilização e Cultura: Pesquisas e Notas de Etnografia Geral*. Volume I. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1973, p. 21

fazerem que, são relevantes para todos nós e enquanto o popular não é mundo cultural isolado, como diz Daniel Roche⁹⁶, “*mas um conjunto de comportamentos e de práticas no qual se percebe, mediante modos distintos de ler o mundo, uma certa unidade*”⁹⁷; o fazer popular aqui exposto é enfatizado nos gestos cotidianos, nas maneiras de viver, sem excluir os fatos de consumo mais intelectualizado, ou seja, todo o fazer é pensado sem dicotomias.

A cultura em Cascudo é funcional e mantenedora do estado normal do povo. Quando fala sobre a Cultura Popular, recorre a vários elementos materiais e imateriais produzidos pelo povo e este é dotado de cientificidade em igual valor às produzidas nas universidades. Cascudo é a figura que observa, escuta, registra, cataloga, mapeia e escreve sobre o popular que recorre, fala por seus arquétipos como o sertanejo, o jangadeiro, os emboladores de coco, os repentistas etc, ao mesmo tempo em que se constroi como porta-voz dessas pessoas, ele se comporta como pessoa distinta do lugar escrito, apesar de se mostrar um intelectual capacitado para falar sobre este mundo de experiências, por conviver com elas desde o nascimento.

Tais características também denotam, por parte do autor, um não aprofundamento nos temas trabalhados; Cascudo escreve sem se preocupar com análises, conceitos, regras, razão pela qual é criticado por seus contemporâneos, como podemos inferir através das palavras do poeta modernista. Em uma das cartas escritas por Mário de Andrade, em 1937, o autor modernista severamente impõe uns “cascudos” no potiguar, repreende-o no intuito de fazer sair de sua rede e ir em busca de seus materiais. “Sair da rede” é sair do lugar de comodismo, é movimentar-se em suas atividades e ir em busca do material; é apontar para a necessidade, dele sair de sua província e tentar encontrar outros ambientes, a não ser o que ele habita da mesma maneira, infere para um Cascudo que poderia ser mais engajado em movimentos, estar mais presente em eventos para ganhar mais reconhecimento; é poder escrever com escopo político e endereçado. O Luís de Natal prefere ver, da janela de sua casa, a vida passar; parece incomodar o paulista. Para Mário de Andrade, Cascudo poderia ir mais além do vai- e -vem

⁹⁶ Daniel Roche faz uma leitura da Cultura Popular em Paris no século XIII, com um olhar voltado para o fazer popular, optando em elaborar uma discussão justificando que a cultura da universidade por muito tempo desprezou os fazeres do povo. Cf.: ROCHE, Daniel. *O Povo de Paris: Ensaio sobre a Cultura Popular no Século XVIII*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

⁹⁷ *Idem, Ibidem*, p. 33

da rede, indo diretamente às fontes, fazendo “*escritos das bocas e dos hábitos*”, indo ao mucambo, nas festas, nas plantações, “no boteco do povo”.⁹⁸

Este desabafo de Mário de Andrade em pleno cenário da década de 1930, fez despertar em Cascudo; a importância de expressar as belezas do que pode ser encontrado ao seu redor; e critica o teor das produções de Cascudo, em palavras, comenta detestar seu livro sobre o *Conde d’Eu*⁹⁹; considerando falar sobre um “príncipe vazio”, insistia em que Cascudo deveria falar sobre temáticas ligadas à terra sem desmerecer a inteligência e o talento do autor. Observou outras falhas, como a “*falta de paciência em aprofundar-se nas pesquisas e seu descomedimento em estudar certos temas*”¹⁰⁰. Faltava em Cascudo o abandono ao ânimo aristocrático e mostrar o valor do povo, dizia Mário. As palavras do modernista tocaram em Cascudo, em relação ao estudo de seus temas, ampliando consideravelmente a margem de seus trabalhos e tomando como objeto de estudo as expressões que vêm do povo, permitindo compreender essa Cultura Popular como erudição, segundo Marcos Silva, “ (...) *também dotada de vasto cosmopolitismo -referências a novelas de cavalaria na Literatura Oral e em Autos Folclóricos, evocações atualizadoras de mitos antigos, nascidos em diferentes continentes, no cotidiano brasileiro e internacional, etc.*”¹⁰¹. O extenso campo de temas estudados por Cascudo, para Marcos Silva fazia parte da cultura humanística de autor, que possuía variados olhares, em principal ao que tange à oralidade e ao suporte memorialístico, como dito anteriormente, atuação que impacientava Mário de Andrade, em alguns momentos.

Por via desses aspectos consideramos *Canto de Muro* uma obra distinta das demais produções do autor; é um romance literário e, ao mesmo tempo, são memórias de uma experiência resultante das múltiplas observações do cotidiano de vida de quarenta anos, pois para Cascudo a literatura deve possuir relações com a realidade. Devemos a este entendimento o misto presente na escrita do livro, quando enlaça ficção, realidade e lembranças pessoais. De acordo com a historiadora Margarida de Souza Neves, podemos encontrar, neste romance, um Luís da Câmara Cascudo seduzido e reduzido às expressões mais simples de sua vida, tanto pela descrição e coleta do material folclórico quanto pela

⁹⁸ Refiro-me as Cartas que Câmara Cascudo trocava com Mário de Andrade. Cf. ANDRADE, Mário. *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*. Introdução de Veríssimo de Melo. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 2000

⁹⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Conde d’Eu*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

¹⁰⁰ *Idem, ibidem*, p. 147

¹⁰¹ SILVA, Marcos. *Câmara Cascudo, dona Nazaré de Souza & Cia: Guerras do Alecrim*. São Paulo: Terceira Margem, 2007, p. 62

função de folclorista, mediador e interprete daquilo que é visto, conhecido e praticado por todos.¹⁰²

Distanciando-se do formato dos romances que foram produzidos em sua época, ele ainda absorve alguns dos debates da literatura modernista, ao se preocupou com a problemática referente ao meio ambiente e identifica fauna e flora e as atitudes perante a ela, além do reconhecimento das variedades existentes em seu país; entretanto, a opção de Câmara Cascudo foi a de escrever uma História Natural, juntando a vivência de quarenta anos, com os conhecimentos adquiridos quando era secundarista de Medicina.¹⁰³

Devemos observar, também, que toda esta movimentação executada por Cascudo está presente no romance e nas suas demais obras; o que conta muito para esta experimentação é o fruto da sua vivência de infância num cenário referencial para a composição de suas temáticas, por ser seduzido pela natureza e pelas manifestações folclóricas que transcorrem através dela.

O livro retrata uma História Natural trabalhando, em dado espaço, a vivência, a filosofia e a visão poética,¹⁰⁴ abordando a natureza do próprio espaço com um olhar diferenciado para os animais, visualizando suas práticas. Partindo do cenário de um canto de muro, típico de uma região do sertão nordestino e tudo o que lá ocorre, é por efeito da liberdade presente na mãe natureza. Câmara Cascudo colecionava insetos e registrava todas as características no caderninho de anotações, como segue esta citação retirada do depoimento contido no final do livro:

Muito antes de 1918, secundarista de Medicina, no Rio de Janeiro, andava eu colecionando insetos, criando escorpiões (chamados no Nordeste de “Lacraus”), aranhas caranguejeiras e formigas saúvas, na grande chácara que meu Pai possuía no bairro do Tirol, na cidade de Natal.¹⁰⁵

Nesta passagem observamos que o interesse de Cascudo pela natureza remete a uma infância de curiosidades pela paisagem que está ao seu redor e, principalmente, aqueles que compunham um ambiente típico do Nordeste; por isto, estão bem presentes em *Canto de*

¹⁰² Ver NEVES, Margarida de Souza. *Roteiros para Descobrir a Alma do Brasil: Uma Leitura de Luís da Câmara Cascudo*. Disponível em www.modernosdescobrimientos.com.br. Acessado em: 22/03/2011

¹⁰³ Cf. CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. cit.*, 1977, p. 217

¹⁰⁴ Cf. LOPES, Têlé Ancona Porto. “Canto de Muro”. IN. SILVA, Marcos. (org.) *Dicionário Crítico de Câmara Cascudo*. SP: Editora Perspectiva, FFLCH/USP, FAPESP; Natal: EDUFERN, Fundação José Augusto, 2003, p. 216

¹⁰⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. Cit.* 1977, p. 217

Muro, os vários aspectos contemplativos, como cores, cheiros e gestos¹⁰⁶, são aspectos que agradavam o autor em sua observação, os detalhes, as minuciosidades, tudo o que viesse a caracterizar um bicho em sua particularidade; observá-los ao observar punha em prática seu ofício de etnógrafo, pesquisador e agora literato.

Os vinte e cinco capítulos do livro são dedicados a descrever a vida e o comportamento de alguns personagens presentes na fauna e na flora de um pequeno “canto de muro”, “*uma geografia regional e explora ditos, saberes e práticas do nordeste brasileiro*”¹⁰⁷. Ao privilegiar a especificidade do espaço e optando como centro de sua história o micromundo dos animais em diálogo com a condição humana de existência, sempre busca vínculos com outras regiões do Brasil, entoando sempre que encontra oportunidade, marcas com o folclore regional. Com o olhar de etnógrafo, misturando ficção e vida natural dos animais num micromundo, de sociabilidades, ações individuais e coletivas, segundo Telê Ancona Porto “*nele não se passa uma figura humana, um problema, a sombra do Homo Sapiens*”¹⁰⁸, porém quando se afirma esta prerrogativa, deve-se presumir que os textos de Cascudo tiram o foco da figura humana, exonera suas ações e amplia sua visão ao mundo animal; entretanto, ao narrar sua história, o autor se introduz no texto e suas lembranças terminam por pertencer à narrativa. Mesmo assim, *Canto de Muro* é colocado por ele como um “romance de costumes” de animais que por sua vez, dão nome ao subtítulo de sua obra. Cascudo:

(...) se debruça sobre o mundo dos animais, tendo como personagens insetos, aves, répteis, pequenos mamíferos moradores e visitantes de um quintal abandonado, o canto de muro velho, em Natal, onde árvores, trepadeiras, chão ruínas e refugos guardam existências miúdas em constante sobressalto.¹⁰⁹

Luís da Câmara Cascudo se torna uma espécie de intermediário entre o mundo de experiências que ele descreve e que realiza ao longo da vida, e o mundo de erudição científica, no qual tudo é padronizado; assim o seu romance é um misto de conhecimentos culturais e nomes científicos, resultante dos seus longos anos de observação, prática e vivência em meio às espécies animais e vegetais de sua região; daí o caráter empírico presente nas diversas páginas do livro, que são marcas presentes no *corpus* de sua obra.

¹⁰⁶ LOPES, Telê Ancona, *Op. Cit.* 2003, p. 24

¹⁰⁷ *Idem, Ibidem*, p. 24

¹⁰⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. cit.*, 1977, p. 218

¹⁰⁹ SILVA, Marcos. *Op. cit.*, 2003, p.23 e 24

Ao narrar uma vida breve e fictícia de seus personagens, Cascudo não privilegia nenhuma figura, visto que em *Canto de Muro* os participantes são protagonistas de sua própria história; entretanto, está explícita no texto a participação exclusiva do narrador; é uma maneira de demonstrar aproximação sensível, “*pois sabe que o ato de observar já vem impregnado de fantasia, de imagem e comparações que minam a priori qualquer registro científico rigoroso*”.¹¹⁰ S que ele descreve a vivência de cada personagem, é neste momento que aparecem as genealogias e etnologia ligando cada aspecto a Cultura Popular.

Com a finalidade de refletir sobre a existência da inteligência de uma racionalidade animal, Cascudo insere esses animais como atores de sua própria história. A cada experimentação animal ele espera que o próprio homem reconheça essas características onipresentes nas diferentes espécies. Não se trata em propor como objeto uma repercussão moral, tal qual nos impregna o conteúdo fabular. As fábulas objetivam propor um conteúdo de cunho moral e seus personagens são ambientados em condições e ilustrações humanas.

Um livro que podemos colocar como pertencente a esta configuração fabulista, é o de George Orwell, conhecido como *A Revolução dos Bichos*¹¹¹; no enredo elaborado por este autor, os bichos são personagens protagonistas; eles convivem numa relação tensa com os humanos. Os animais são colocados com sentimentos e ações, colocando-os num patamar de igualdade entre as duas categorias. Neste romance os bichos conseguem vencer o domínio humano, embora posteriormente ambos, cada um motivados com seus interesses, as duas espécies conseguem voltar a conviver. O teor descrito por George Orwell é alegórico, recorrendo à figura e atuação dos animais para representar a fraqueza humana, uma sátira à política Stalinista de um socialismo de conveniências, criando uma sociedade utópica. Câmara Cascudo não faz este exercício; seus animais não maquinam, não se juntam para manipular uma situação; o que assemelha os dois movimentos é a colocação dos animais como protagonistas de suas histórias e ambos possuem teor reflexivo; a diferença atuante é que em *Canto de Muro* ocorre uma “*valorização da vida*”, como é colocado nos títulos dos capítulos que parodiam as obras científicas em latim, crônicas antigas, romances de cavalaria, de cordel e autores, como Lima Barreto, Pirandello e Francisco de Assis.

Muitos dos capítulos pensados por Cascudo, segundo Telê Ancona, é um dos exemplos da existência da valorização da vida, que parodiam obras científicas em latim em:

¹¹⁰ *Idem, ibidem*, p. 25

¹¹¹ Orwell, George. *A Revolução dos Bichos*. Tradução de Heitor Ferreira. 22ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1985

“De Re Aliena”; crônicas antigas em: “Gesta de Grilo”; romances de cavalaria, “De como Licosa perdeu uma Pata e o mais que sucedeu”; cordel em “Fu ou o mistério da simpatia”; autores consagrados como Lima Barreto, “Triste Fim de Raca”; Pirandello, quando parodia o título “Três Personagens à Procura de um autor” e Francisco de Assis em “Irmã Água”¹¹²

Ele expõe uma grande intimidade com os animais; enxerga-os como indivíduos que merecem um nome especialmente inventado ou batizado; porém, deu um nome comum a cada gênero, todos os ratos são Gó, todas as baratas são Blata, a coruja é Sófia, o rato Musi sempre proprietário de família de ratos insaciáveis, o sapo Fú, orgulhoso, atrevido, covarde, mas barítono, cantor e assim por diante. Realiza este movimento por força da curta duração de suas vidas.

Cascudo não se satisfaz com o anonimato do rótulo da zoologia, que toma como abonação generalizadora. Prefere promover uma relação de familiaridade do narrador com seus personagens, colorida por certo tom hipocorístico; adota formas populares, cria nomes a partir da figura do personagem¹¹³. Cascudo dá uma grande importância aos nomes; para ele, o “*nome é a essência da coisa, do objeto denominado. (...) Nada pode existir sem nome porque o nome é a substância vital*”.¹¹⁴ Todo nome tem, para Cascudo sua importância, no plano utilitário as coisas só existem pelo nome, no seu romance todos os seres são conhecidos pelo nome. Ao nascer, a criança já recebe um nome que a particulariza diante de todas as outras, adquirindo sua própria identidade.

É nesta perspectiva que Luís da Câmara Cascudo toma esses animais, de maneira particularizada, e lhes dá um significado de acordo com sua especificidade. Para ele, “*o nome inicia a existência religiosa e civil da criatura*”¹¹⁵; concernente a esta ideia, Cascudo batizou cada animal dando-lhe um sentido, seja científico, seja cultural, afirmando uma grande intimidade com os animais, pois “*conhecer o nome de alguém usá-lo é dispor da pessoa, participando-lhe da vida mais íntima*”.¹¹⁶ Por exemplo, o nome dado à coruja foi gerado por sua sabedoria e assim surge “Sófia”; também recupera os nomes carinhosos dados aos animais, como o da galinha “Gô” e o do gato, “Brinco”.

¹¹² *Idem, ibidem*, p. 24

¹¹³ *Idem, ibidem*, p. 26

¹¹⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *Anúbis e outros ensaios*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: FUNARTE/INF: Achiamé; Natal: UFRN, 1983, p. 111

¹¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 111

¹¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 111

Uma das nomeações mais interessantes são, porém os segmentos geridos através dos nomes científicos, como “Titius”, o escorpião, que vem de *Tityus bahiensis*; a aranha “Licosa” de *Lycosa raptória*; “Niti” o bacurau de *Nyctidromus albicollis*; “Quiró” o morcego da família dos *quirópteros* e “Raca” a jararaca de *Bothrops jararaca*.

O romance não trata a vida dos seres de forma dramática; ao contrário, harmoniza as observações e contemplações de maneira amorosa e carregada de humor. Muitas vezes Câmara Cascudo é confundido como personagem porque, em muitos momentos, ele se coloca como um dos participantes de sua própria construção. Os personagens são atores e produtores de seus próprios papéis; em cada episódio encontramos diálogos que Cascudo faz com a tradição oral e, com a memória intercalando seus relatos de aventura, não ocorra em nenhum momento, diálogos entre seres distinguindo-se, assim, das fábulas, numa ausência de encenações e de intenções ocultas. Eles (os animais) são justamente o que a natureza permitiu ser.

A ausência de uma trama conserva e dá autonomia aos animais, ora individualizando-os dentro de suas espécies ora os colocando dentro de uma coletividade, dependente de uma realidade ligada aos seus traços comuns; nele, está presente a fuga da ideia de histórias dialogadas e de enredos que perpassam um sentido moral comum nos enredos das fábulas. O autor desenvolve o aspecto da observação muito bem, embora não se contente em apenas contar os episódios. Câmara Cascudo não é apenas narrador, mas quando acha necessário participa dos acontecimentos como prova de que este realmente procedera. Uma das falas de Cascudo como participante de múltiplos papéis está presente nesta passagem, quando ele relata que para descobrir a técnica de mordedura dos morcegos, se presta ele próprio à análise:

Tentei transformar-me em campo experimental, dormindo despido da cintura para cima em recantos sabidamente favoritos de Quiró, [morcego] da espécie hematófaga. Queria apenas saber até onde ia à técnica do morcego em assuntos de narcose.¹¹⁷

Esta observação e ao mesmo tempo presença, traduz os múltiplos sentidos adquiridos pelo autor quando escreve sua obra não ficando apenas no lugar de narrador, mas amplia seu quadro como personagem insere como crítico e comentarista de sua própria produção; contempla seus personagens com demasiada prospecção e é um excelente observador e pesquisador da vida dos animais; admira-os com intimidade, prostrando-se como vigia integral e sinestésico de cores, cheiros e gestos e instintos animais.

¹¹⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *op. cit.*, 1977, p. 27. Interferência nossa.

- **Cascudo mais que um observador: Um autor em busca de seus personagens**

Toda experiência de leitura é uma produção de sentidos, como dizia Jean Marie Goulemont;¹¹⁸ não existe leitura ingênua e passiva; ela é crítica e formadora, seja qual for seu conteúdo, ela tem algo a transmitir; toda leitura produz conotações e através de uma leitura podemos inferir várias outras, não necessariamente, pois o sentido desejado pelo autor é o sentido percebido pelo leitor; ela constroi e reconstrói sentidos. É pensando no exercício escriturário de Cascudo ao esboçar os episódios de seus capítulos, que percebemos o quanto o texto construído por ele é o resultado de várias leituras apropriadas ao longo de sua vida. No passar das linhas de seu texto encontramos muitas referências de autores lidos, conseguindo emplacar um caráter polissêmico ao livro. Como mencionado, muito do mundo do universo popular é evocado em sua narrativa, em referência ao qual tentamos observar e trazer para a discussão, assim como reparar momentos, de que o próprio autor se utiliza de sua memória pessoal e de suas experiências do seu cotidiano, para dar suporte ao seu enredo. É uma forma de reconhecer que, em um texto existem diversos modos de narrativa que coabitam no mesmo espaço de discussão; não obstante, tendemos a fazer uma leitura do romance rememorando outras produções do mesmo autor que abrigou, nesse texto e em produções posteriores, ora as mesmas temáticas ora temática semelhantes.

No primeiro capítulo do romance os moradores do canto de muro começam a aparecer, juntamente com o cenário sinestésico de cheiros e cores; não há como escapar da vastidão de descrições de Cascudo empregando o seu ofício de etnógrafo, preocupado em desvendar todo o espaço de convivência “social” de uma pequena esfera de animais. Titius (escorpião), Licosa (aranha), Fú (sapo), Sófia (coruja), Musi (rato), Vênia (lagartixa), Quiró (morcego), Raca (jararaca) e tantos outros, aos quais Cascudo nomeia de forma minuciosa. “*Esta é a multidão regular e permanente de terra silenciosa que o canto de muro denomina*”¹¹⁹. Quando Cascudo pensa essa esfera silenciosa como uma multidão, o que estaria imaginando?

No *Canto de Muro* pensado por Câmara Cascudo está presente também uma série de visitantes, assim como em todo ambiente onde existe uma sociabilidade não há de se eximir o fluxo contínuo de seres que apenas estão frequentando este ou aquele lugar, para cumprir sua

¹¹⁸ Ver: GOULEMOT, Jean Marie. “Da leitura como produção de sentidos”. In.: CHARTIER, Roger. *Práticas de Leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996

¹¹⁹ *Idem*, p. 5

rotina de natureza alimentícia: “*Há naturalmente, outras multidões flutuantes de adventícios, visitantes, turistas aproveitadores*”¹²⁰.

Para Cascudo esses visitantes indesejáveis que frequentam o pequeno espaço do canto de muro, não são apenas intrusos que estão ali com o intuito de tirar proveito das situações mas naturalmente como o ambiente é favorável, ali ocorre mais que uma troca simbólica; é um anseio da necessidade, existindo um caráter maior, que é o da utilidade; muitos servirão para o outro de alimento ou alguma outra função e não será apresentado como algo banal. Cascudo lança demasiadamente características e qualidades aos animais, personaliza Sófia (coruja), como uma coruja velha e cansada, ave noturna, mas ao mesmo tempo misteriosa e venerada. O episódio de Cascudo toma a coruja como personagem principal é “Romance de Coruja” a preocupação do autor neste momento é desmistificar as ideias formuladas pelo senso comum, dando visibilidade ao mito universal, em torno das superstições que fundamentam a convivência. No mundo das tradições ela é apresentada como o sinônimo da sabedoria, sendo tomada como figura simbólica, misteriosa e enigmática, mas no seu lado popular ela não é considerada como uma ave auspiciosa; seu canto (chilrear) não é bem visto.

Em *Anúbis e Outros Ensaios*, Cascudo reporta este lado do presságio dentro do mundo das superstições, anunciando o que todos pensam sobre este animal: “*As corujas dizem com o seu canto triste a vizinhança da morte implacável “rasgando mortalhas” (strix) para moribundos*”¹²¹. Quando uma coruja “rasga mortalha”, perto da casa de alguma pessoa que está enferma durante a noite, é sinal de que a pessoa está passando seus últimos dias na terra; ela é considerada uma ave que simboliza a sapiência, porém por ser uma ave noturna, é vista como agoureira e muitas pessoas terminam se apavorando com seu canto, por deduzirem ser ela a mensageira, arauto infalível da morte. Apostando na inocente criatura desavisada de seus atos, Cascudo continua seu prelúdio na defesa desta ave.

(...)o vôo é macio, silencioso, pesado, graças à penugem mole que a reveste. Há entretanto, corujas- e Sófia é uma delas- denunciadas às vezes por um súbito ranger quando voam mais baixo que o habitual. Parada resfolega ou ressona surdamente, com imprevistas representações sônicas de estrangulamento estertorante. Por sua culpa é que a fama se espalhou, de anunciadora da morte (...) ¹²².

¹²⁰ *Idem, ibidem*, p.5

¹²¹ CASCUDO, Luís da Câmara, *Op. cit*, 1983, p. 128

¹²² CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. cit*, 1977, p. 86

O conhecimento de Cascudo sobre as superstições que envolvem a coruja também está presente no seu livro *Coisas que o Povo Diz*; ele retoma as referências na Cultura Popular sobre esta ave, de acordo com o que é veiculado pelo senso comum:

Tôdas as corujas são da intimidade da Morte e se dão ao desplante de vir *rasgar mortalha*, (...) quando o defunto ainda está vivo, ou piar-lhe à porta numa cantiga que é um arrepio sinistro. As penas da coruja, molhadas no próprio sangue e enterradas na soleira da porta ou mourão da porteira do curral, afugentam fantasmas e anulam bruxarias¹²³.

Em *Canto de Muro*, além de Cascudo confirmar o senso comum, ele faz opção por um caminho diferente que é o de defender este animal dos maus olhos humanos, desmistificando a ideia idealizada por todos de que a coruja é uma ave agoureira:

Bem desejaria ela explicar quanto é mentirosa à lenda obstinada que a diz ver de noite quando não enxerga de dia, deslumbrada pela claridade cegante do sol. Nem tanto. Verdade é que não pode ver sem luz, sem alguma luz. De noite cerrada, bem trevosa, nada distingue, nada caça, voando baixo, quase às apalpadelas, temendo esbarros e batidas de espinhos,(...) Sófia precisa de luz mesmo difusa e tênue para agir. Ao entardecer, quando a luminosidade se arrasta nos retardados crepúsculos de verão, até a noite torne o arvoredo maciço, é o tempo ideal para as proezas da coruja alvacenta¹²⁴.

Mesmo defendendo tal animal, ele se utiliza da memória para exemplificar um “causo” que acontecera com seu pai, na fazenda, para melhor exemplificar o que ele afirma no romance.

Morávamos numa chácara e numa noite, muito doente meu Pai, a coruja no seu ululado arrepiante. Meu pai fez um sinal a um dos criados. Um tiro estrondou e o servo voltou com a corujinha morta, pintado sangue, olhos imensos, abertos, sem saber por que morrera. Meu pai disse a frase consagrada pelo uso: - ‘ *vá agourar outro*’¹²⁵.

Diz a superstição que se o doente vê morta a coruja que o agourou perto de casa, sobreviverá; por isto seu pai não hesitou e, por via das dúvidas, pediu que exterminasse o pequeno animal. No mesmo episódio “Romance de Coruja”, Cascudo escreve: “*por sua culpa é que a fama se espalhou, (...) de anunciadora da morte, arauto dos cemitérios e anúncio fatal quando resmungando por perto da câmara agonizante*”¹²⁶. De acordo com a tradição popular a coruja não é um animal auspicioso, sua presença é nuncio de morte; seu chilrear é um mau presságio, principalmente à noite. Quando a coruja “rasga a mortalha” é sinal de que um moribundo vai morrer. Para atestar esta superstição, Cascudo conta a experiência de que:

¹²³ CASCUDO, Luís da Câmara. *Coisas que o povo diz*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1968. p 184

¹²⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. cit.*, 1977, p. 86

¹²⁵ *Idem, ibidem*, p.87

¹²⁶ *Idem, ibidem*, p. 86

No Rio de Janeiro, bairro da Tijuca, visitamos um doente. Inexplicavelmente ouvia-se a coruja cantar, teimosa e distante nos intervalos da conversa. Voltamos, um grande político da época afirmou, convicto: “Está perdido! Não ouviram a coruja cantar?” O doente faleceu, efetivamente na noite seguinte¹²⁷.

Segundo Cascudo, Sófia “rasga mortalha” não para anunciar a morte de alguém; o som que emana é característico do cio resultado de um voo bem mais alto que o permitido¹²⁸. E todos pensam que ela é arauto, mensageira da morte. Tanto Sófia quanto Quiró (morcego) ou cientificamente falando - como faz questão de colocar Cascudo - *Microcheiropteros*, possuem hábitos noturnos, são os amantes, boêmios da noite, e causam da repulsa e medo aos homens. Diz Cascudo que:

(...) no Brasil a coruja evoluiu psicologicamente para o plano do egoísmo superior. Se contarem a Sófia esta notícia, balançará a cabeça ornamental, imaginando a resposta: “outras terras, outros costumes”¹²⁹.

Uma advertência à mudança de hábitos e costumes, eles surgem para “descaracterizar” a espécie; da coruja brasileira que se adapta a outros tipos de costume com facilidade. As corujas são fortes, mas não têm amor pelos filhos, é o que diz Cascudo no romance. É uma referência que ele mesmo observou que, quanto maior a ave, menor o grau de sensibilidade por seus filhotes, Cascudo notou que as aves de prea como a coruja, expulsam os filhos bem cedo dos ninhos malfeitos, obrigando-os a buscar a própria vida, tornando-se também seus concorrentes e rivais na caça,¹³⁰ ao contrário das mais fracas que possuem maior zelo e são melhores protetoras.¹³¹

Ele possui essas informações porque criou, durante muito tempo em cativo, uma coruja, podendo observar muitas de suas ações. “*Decepcionou-me em muitas experiências.*”¹³² Dizia Cascudo, desmistificando até a afirmação de Buffon de que as corujas bebiam o óleo das lâmpadas da igreja e se o óleo coagulasse era porque seu apetite aumentava. Ele pôs junto de sua coruja, o óleo do oratório de sua mãe, que a coruja deixou intacto, e também não obteve óleo coagulado.¹³³ Cascudo não obteve sucesso quanto à sua experiência, mas com certeza, teve a possibilidade de explorar uma história, produto da literatura oral e comprovar, assim, a verdade dos fatos; no que Cascudo continuava a acreditar era nas superstições

¹²⁷ *Idem, Ibidem*, p. 87

¹²⁸ *Idem, ibidem*, p.87

¹²⁹ *Idem, ibidem*, p. 91.

¹³⁰ *Idem, ibidem*, p. p. 89,90 e 91

¹³¹ *Idem, ibidem*, p. 20

¹³² *Idem, ibidem*, p. 88

¹³³ *Idem, ibidem*, p. 88

destinadas à coruja, mas para atestar uma “cientificidade” popular, procurou buscar o caminho da observação dando sua análise pessoal.

Em relação ao aspecto físico deste animal, sua aparência dá medo porque, esteticamente, nos impuseram que a coruja não segue os padrões de beleza dos outros animais. Pois, os animais não estão interessados em medir padrões de beleza, como também não incentivam a isto. Tais convenções são produtos do ser humano visto o que o autor tenta nos alertar a cerca desses detalhes. Tais elementos constitutivos, qualitativos ou negativos, estão ali, como meio de proteção e sobrevivência dos animais. Naturalmente, estas características são produzidas e não construídas socialmente, como acontece com o homem.

Conta Cascudo, em um dos episódios, que na Europa é popular uma história de que a raposa, quando ia iniciar seu almoço, consultava a coruja sobre os tabus alimentares. A raposa disse, à coruja, que dentre as aves mais novas a coruja era a mais linda e sedutora dentre todas as aves; mas se tratava das não belas corujinhas, que lembravam o resto de um vômito. Um artifício que ludibriou a coruja mãe para poder devorar os filhotes, mesmo com mau gosto. A coruja, sem consolo, guarda rancor à falta de injustiça estética. Consola Câmara Cascudo: “*Para o pagamento de todas as mães do mundo o modelo fiel é o da coruja, o da mater admirabilis*”¹³⁴. Cascudo utiliza um texto do mundo das tradições para fazer um alerta e pôr em destaque a referência ao mundo do homem e à vida de aparências, em que o ser humano deve seguir um padrão recomendado pela sociedade, ou seja, aquele que foge à regra indubitavelmente é antiestético.

Outro animal noturno que Cascudo evoca é, o morcego Quiró, no episódio *O mundo de Quiró*; Cascudo relata de maneira minuciosa sua forma de alimentação, reprodução e relações intra e interespecie, traçando a genealogia evolutiva do morcego, uma das primeiras observações se baseia no sentido de desmistificar a ideia do senso comum em relação ao morcego: “- *faça-me o favor de dizer: para que Nosso Senhor fez o morcego?*”¹³⁵. Dizia um amigo seu e ele, em todo o momento, tenta desmistificar esta ideia da não utilidade do animal. Em uma de suas obras os morcegos, ou cientificamente falando, os *quirópteros*, são apresentados por Câmara Cascudo como um animal que é nuncio de contrariedade, contratempos, infelicidades, isto quando repetidamente deparados¹³⁶. Em *Canto de Muro*, ele

¹³⁴ *Idem, ibidem*, p. 91-92

¹³⁵ Pensamento e frase comum do Sr. Hermenegildo, dono de um pomar. *Idem, ibidem*, p. 19

¹³⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradição Ciência do Povo: Pesquisas na Cultura Popular no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971, p. 61

descreve com outro tom, a figura deste animal, resgata e conserva o entendimento comum, aliado ao mundo das tradições transportando, para seu livro, de outra maneira, porém aqui de forma romanceada, quando descreve o morcego. Quiró é visto como um personagem assombroso de figura miraculosa e espantosa; todavia, Cascudo interfere e defende este animal justificando, de forma cômica, amenizando sua figura carnavalesca “*não tem que eu saiba ou tenha lido lenda ou mito na memória popular. Servia para certas fantasias de carnaval, lúgubres e confortáveis*”¹³⁷.

No tocante ocorre uma observação sinuosa das características dos morcegos, e posteriormente recuperada como vulgarmente existe uma tradição que aponta que os morcegos vieram dos ratos ou senão, sofreram uma espécie de mutação. Quiró é visto por Câmara Cascudo como um animal desconfiado, que não respeita a propriedade privada de outro morcego¹³⁸. Segundo Cascudo, a utilidade do morcego é devorar insetos, mas utiliza outras técnicas para sobreviver uma maneira também de pensar o ser mediante sua multiplicidade de saberes, e possibilidades de usos. “*Se o morcego é transmissor de doenças, o homem também não é?*”¹³⁹ Questionamento feito por Cascudo, não para designar um duelo entre o homem e o morcego. Neste seguimento, Cascudo tentou problematizar a questão do homem enquanto detentor dos saberes que o indicam ser superior a outros seres. Pois ele, como defensor dos motivos animais, arremata criticando as ações dos seres humanos quando tecem seus desejos de modificação, muitas vezes em detrimento da natureza.

Observamos que o autor elabora, para seus animais, um sentido para cada um deles, e esses códigos são referências principalmente de seu mundo de vivência e convivência, no campo do popular; traçados por Cascudo, esses animais estão sempre presentes em suas conduções mais comuns na vida das pessoas, especialmente nas de sua contemporaneidade e nas anteriores ao seu tempo; isto também é uma forma de demonstrar sua maneira como ao longo do tempo em que as reminiscências estão presentes no ambiente simbólico do autor. E, com o leitor a autor tenta transmitir informações mediante o universo romanesco a sugerir, do leitor, que o mesmo possa tomar conhecimento e assim valorizar o que se tem de precioso em seu lugar de referência.

Em outro episódio, *Caçada Noturna*, ele nos leva a pensar sobre a insistente batalha pela sobrevivência, o que estamos “exterminando” para saciar nossa fome, de alimento, de

¹³⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. Cit.*, 1977, p. 21

¹³⁸ *Idem*, p. 22

¹³⁹ *Idem, ibidem*, p. 23

dinheiro e de cobiça. No livro *Civilização e Cultura*, ele define o que pensa sobre o instinto animal, justificando sua conduta: “*Todos os animais atacam os possíveis concorrentes à sua alimentação*”¹⁴⁰. De forma simplificada e natural, Cascudo narra uma eterna luta pela sobrevivência; cada animal presente no cenário introduz sua técnica escapatória de defesa, mas nem sempre é possível livrar-se, pois ali está presente a lógica da natureza. Cascudo mostra, também, a eterna briga entre Brinco (gato) e Musi (rato); o autor os contempla, assim como todos os demais animais como seres que possuem uma racionalidade, imbuídos de estratégias para poder sobreviver.

Esta alusão nos faz lembrar, como referenciado anteriormente, a luta humana pela sobrevivência, modificando seu espaço, dominando e subjugando, à sua força, o que precisa para continuar a vida na terra. A menção do título também nos remete ao mundo vivido nas noites. Quem está presente neste meio? No mundo dos homens, enquanto muitos dormem, outros estão trabalhando para fazer a cidade funcionar; outros se divertem e é também um momento propício para assaltos, etc. Assim, Cascudo procura facilitar este mundo complexo e pensa de forma mais simples; é nesta ocasião que os animais procuram a subsistência, uns a noite inteira, outros parte dela; muitos possuem seus horários; aliás, todo profissional tem seu limite de rendimento. Enquanto outros estão em sua caçada noturna ou à procura de amores e acasalamento.

No mesmo segmento do episódio, Cascudo se preocupa em desconstruir algumas informações prestadas por pesquisadores da vida dos insetos e desmistifica conhecimentos que pertencem ao senso comum. Sobre La Fontaine, ele discorda da fábula da cigarra e da formiga, história que narra sobre uma cigarra inseto cantor que se nega a trabalhar enquanto a formiga não pára de trabalhar, até chegar o inverno. Diz Cascudo que La Fontaine imortalizou o episódio universal da formiga e da cigarra, e que “as larvas estão sepultadas na terra e sairão na primavera. As cigarras cantadeiras morrem antes desta estação “(...) a cigarra citada na fábula deliciosa é um gafanhoto!” Câmara Cascudo também discorda da ideia de que o grilo possui duas tonalidades de canto: “o grilo campestre tem dois cantos, segundo os mestres, e, segundo o meu ouvido, três”¹⁴¹.

Deste modo, Luís Câmara Cascudo não toma como único os ensinamentos presentes nos livros e nas enciclopédias; muito menos toma como fatídico aquilo o que ele escutou de

¹⁴⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *Civilização e Cultura: Pesquisas e Notas de Etnografia Geral*. Volume II. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1973, p. 17

¹⁴¹ *Idem, ibidem*, p. 130

peças de sua convivência e que são passados a diante por meio da memória oral. Há de convir que a simplicidade e a veracidade com a qual Cascudo lança seus comentários e objeções são, na verdade, fruto de seu conhecimento ao longo de sua vida.

Os animais são vistos em sua plenitude e a liberdade de atuar mostra um caráter diferenciado na experimentação de Cascudo; para ele, não havia tempo para encenação de seus hábitos; a semelhança com a qual o vemos, afirma o autor, “*não é mera coincidência*”¹⁴²; qualquer fato constatado também pode ser motivo de dedução. Por isto, critica com veemência os letrados e cientistas que inventam e reinventam conceitos sobre as atuações e ações dos animais. Considera que, com elas, nas horas de experimentação não haveria qualquer tipo de inibição e sonegação da verdade.

Cada episódio é um chamativo para que o leitor possa acompanhar os enlaces curiosos; muitas vezes o cotidiano dos animais é exposto, por Câmara Cascudo, fazendo lembrar a vida do homem, nos seus atos de indecisão e das características de sua personalidade. É através da observação precisa dos bichos que Cascudo nos leva a analisar o que andamos fazendo enquanto seres humanos; pode até não estar explícito diretamente; contudo, a maioria das críticas levantadas para os homens nos leva a fazer esta reflexão. Assim, cada argumento que ele dirige aos animais é posto de forma cautelosa, pensada. Tentou em todo o momento, dar um tom de equilíbrio mediante as características negativas e positivas dos animais; em algumas ocasiões mostra, de maneira simples, o abuso de poder pelo homem quando opera o cotidiano, visto que muitas das desqualificações que lançamos contra esses animais são frutos de nossa criação; no tocante, ao que não entendemos, quais são suas reais utilidades para a natureza e por que não para o homem?

A metodologia utilizada por Cascudo é a da percepção da representação natural do comportamento das espécies, questionando a forma como o conhecimento letrado se utiliza da liberdade de todas as horas para a pesquisa científica, acreditando que sua pesquisa é um modelo diferencial, afirmando que:

(...) foram vistos sem que soubessem que estavam sendo motivos de futura exploração letrada. Não tiveram tempo para disfarce e transformação parcial ou total nos hábitos diurnos e noturnos,¹⁴³

¹⁴² *Idem, ibidem*, p. 2

¹⁴³ *Idem, ibidem*, p. 10

Tudo o que escrevera está inserido na forma mais natural, sem motivos para encenações ou falsificações de suas personalidades; o que foi elaborado é resultado das observações feitas no cotidiano de sua vida em mais intensa liberdade de todas as horas. Todas as experiências contadas no decorrer do livro servem para demonstrar o quanto ele acredita que os fatos por ele observados, são credenciais para a afirmação de uma verdade, adquirida com o dia-a-dia. É por isto que, quando Cascudo fala sobre qualquer elemento da Cultura Popular, anuncia sempre haver uma verdade no que é feito, dito e manifestado pelo povo.

Cascudo acredita, que pelo fato de ter crescido com o contato e o convívio direto com poetas populares, vaqueiros, iletrados “guardiões da cultura sertaneja”, isto lhe outorga autoridade para falar sobre a Cultura Popular. No seu livro *Vaqueiro e Cantadores*¹⁴⁴ Cascudo dá uma demonstração de tudo isto, fazendo o registro e a observação do trabalho-fatos, versos e causos - “dos vaqueiros e cantadores do sertão nordestino”. Conviver diretamente com os sujeitos produtores é também para Cascudo participar e atuar na cultura não deixando que o tempo seja inimigo do esquecimento.

Neste sentido, Michel de Certeau nos oferece pistas para entender o que Câmara Cascudo e muitos outros historiadores e pesquisadores da Cultura Popular pensaram ao relatar sobre alguma das práticas que envolvem esta dinâmica do falar, sobre a arte de dizer e a arte do não dizer. Quando falamos sobre o que o outro fez no passado ou o que o outro faz no presente, estamos usando o relato daquilo que está sendo escrito fora do exercício em que se deu a prática, “é um dizer sobre aquilo que o outro diz sobre sua arte, e não um dizer dessa arte”¹⁴⁵. O que afirmamos e mesmo que tenhamos firmeza sobre os nossos dizeres sempre existirá uma grande distância entre a prática e o relato. Este é um dos limites que há na escrita e nos recortes sobre a Cultura popular.

Para que haja cultura tem que haver, também uma atividade, um modo de apropriação, uma adoção de sentidos pessoais e de um intercâmbio instaurado em um grupo social; é, ainda, o que relata Certeau.¹⁴⁶ Quando ele pensa em cultura remete ao ambiente das práticas sociais, em que estas práticas tenham significado para aquele que realiza; neste sentido, a cultura não é vista no singular; ela recebe outras entonações e se manifesta de forma plural.

¹⁴⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e Cantadores*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984

¹⁴⁵ CERTEAU, Michel de. *op. cit.*, 1994, p. 151

¹⁴⁶ Aqui tomamos a leitura de Michel de Certeau sobre o que inferiu sobre culturas populares. Cf.: CERTEAU, Michel de. *A Cultura no Plural*. Tradução de Enid Abreu Dobranszky. Campinas, São Paulo: 1995

No entanto, o sentido utilizado pelo autor norte-rio-grandense é o de escrever, escrever tudo o que é possível para que o esquecimento não seja a causa do desaparecimento da Cultura Popular. E, junto a esse “amor” demonstrado em suas produções, está presente também a certeza de que sua memória está sendo lembrada por todos aqueles que, de alguma forma também mantêm algum tipo de interesse sobre o objeto literário por ele estudado. Nas obras de Cascudo sempre encontramos uma grande variedade de temáticas, é difícil observá-lo como um autor unívoco pois sempre se preocupou em demonstrar erudição, muito conhecimento e veracidade no que fala.

Em *Canto de Muro* encontramos uma carga de conhecimentos referentes ao folclore, à cultura e à tradição, não privilegiando apenas personalidades famosas como Machado de Assis, Camões, Shakespeare, Ovídio e outros, mas também referenciam, no mesmo patamar de sabedoria, Nicácia, cozinheira de seu pai; Hermenegildo, dono de um pomar; a velha Zabelê analfabeta, que conhece apenas o Lunário Perpétuo, um livro de rezas e o rosário de Nossa Senhora, e, propriamente seu pai¹⁴⁷.

Em *Canto de Muro* estão presentes também as constantes referências ao conhecimento sobre antiguidade, origem, anterioridade e autenticidade das coisas, em quase todos os episódios ele traça a genealogia evolutiva e a história das espécies, registrando ainda as análises das manifestações folclóricas, comum em grande parte de suas obras. Diante de tamanha experiência cultural de Câmara Cascudo observamos que, na maior parte de suas obras se encontra a constante valorização dos elementos da natureza. Constituindo uma das formas de mesclar os conhecimentos adquiridos em sua vida de pesquisador erudito, somado à sua convivência com pessoas simples, mas que trazem, consigo, uma enorme carga de conhecimentos no campo da tradição; logo, toda a natureza está, para Cascudo, envolta de um misto de tradição e ciência, em que principalmente o povo participa mais fielmente.

Um dos conceitos decorrentes em *Canto de Muro* é o de utilidade no qual todos os animais possuem uma utilidade e uma funcionalidade, que servirá para os seres de sua própria espécie, para o ecossistema e para o homem, que tanto necessita da natureza para sua permanência terrestre: “*Os vegetais dominam a Esperança do Povo que sofre (...)*”¹⁴⁸ *A Terra é Mãe! Tudo dá e tudo come*”¹⁴⁹. É uma temática que Luís da Câmara Cascudo não utilizou apenas em *Canto de Muro*; outras produções também foram contempladas, como *Coisas que*

¹⁴⁷ *Idem, Ibidem*, pp. 145; 29; 68; 200; 168; 19; 251. (Cada referência está citada nas respectivas páginas)

¹⁴⁸ CASCUDO, Luís da Câmara, *Op. cit.*, 1971, p. 81

¹⁴⁹ *Idem*, p. 119

*o Povo diz, Tradição, Ciência do Povo e Anúbis e outros Ensaios*¹⁵⁰. Com relação ao que ele escreveu sobre utilidade em “*Coisas que o Povo Diz*, livro em que relata sobre as variadas superstições brasileiras, ele questiona: “*Há seres perfeitamente dispensáveis e não compreendia como o Criador perdesse tempo com êle*”¹⁵¹.

Cascudo nos conta, uma história em que um homem dizia que a barata não servia para nada, e não compreendia por que Deus tinha perdido tempo na criação de tal animal; acontece que um dia este mesmo homem começou a sofrer dos rins e não podia reter água. Os médicos não conseguiram curar a doença; então, desesperado, ele procura uma velha que ensinava remédios. Com o objetivo de alcançar a cura, ele lhe pede para lhe ensinar alguma receita; a velha pede para que ele encontre uma barata bem grande; o homem leva a barata até a velha e, sem que ele visse, ela “torrou” a barata, chegando ao ponto de virar pó. Depois, fez um chá e deu para ele beber. O homem ficou bom e veio agradecer à velha, em um tom bem irônico, ela pergunta se ele sabe de que foi o chá que havia bebido; ele disse que não sabia, então respondeu que foi um chá de barata¹⁵². Conclusão da estória: “*Tudo no mundo tem sua serventia. Depende da oportunidade*”¹⁵³.

Cascudo recupera todas as utilidades dos animais, pois em todos os capítulos existe a presença do conceito. Pensamos ser uma forma de mostrar para o leitor que a estória que está construindo, apesar de possuir um teor ficcional, está completamente baseada nas condições mais naturais do ciclo de vida terrestre. Ele valoriza cada função da fauna e da flora presentes em nossa vida que, por ventura é um movimento que permeia grande parte de suas obras, na demonstração de que os seres humanos são subordinados à natureza e não a natureza ao homem. No romance o próprio Cascudo diz o que pensa sobre o conceito de utilidade, mesmo com um tom pejorativo e jocoso:

A base útil é o interesse da vantagem auferida. O elemento útil poder ser dispensado do autoproveito, de ser útil para si mesmo desde que seja para nós. (...) Particularmente o conceito de utilidade para o Rei da Criação- nós dois leitor!- é a extensão simples do seu uso em nosso serviço¹⁵⁴

¹⁵⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *Coisas que o povo diz*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1968; CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradição, Ciência do Povo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971; CASCUDO, Luís da Câmara. *Anúbis e outros ensaios*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: FUNARTE/INF: Achiamé; *Natal: UFRN*, 1983

¹⁵¹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. cit*, 1968 p.47

¹⁵² *Idem, ibidem*, p. 47

¹⁵³ *Idem, ibidem*, p. 47

¹⁵⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. cit*, 1977, p. 24

Cascudo, defensor da natureza, anuncia, em tom de preocupação o que o homem faz, com todo o seu complexo de destruição, indicando que o ser humano somente utiliza os elementos naturais para o seu bel prazer, para o seu “autoproveito,” marca de seres individualistas que sempre promovem algo para o enriquecimento, esquecendo-se da vivência num mundo coletivo.

Com relação à utilidade do urubu ele relata: o purificador passa à classe dos contagiantes reprováveis e esta denúncia lhe afeta a fama de saneadores eméritos e varredores de porcarias campestres e urbanas¹⁵⁵. Mesmo que o homem não dê o real valor a este animal, no mundo das superstições não é, para Cascudo, bom avistarmos o urubu trepado na “cumieira” (sic) da casa, com as asas abertas, secando ao sol. A espingarda que atira em urubu é imprestável. Do cano escorre água e a mira entorta de vez. “*Ninguém come carne de urubu por maior que seja a fome*¹⁵⁶”.

Para Cascudo, a utilidade de Quiró (morcego) é a de alimentar-se de acepipes dados pela natureza (...) prestando obscura ao Homo sapiens uma grande eficácia, “utilizando” as sobras do que ajuda a desenvolver-se e prosperar¹⁵⁷. Em outro momento anuncia, de forma jocosa, uma das funções de Gô (rato):

Rapazes e moças sentimentais, crianças curiosas, amores adiados ou difíceis, solucionam-se com a ingestão dos tóxicos destinados a Gô e este, sem querer, aprecia abertura de um novo ciclo social e ativa movimentação jornalística nas seções respectivas aos desastres pessoais e suicidas inconcertáveis.¹⁵⁸

Para Cascudo, o rato possui a função social da descoberta, em virtude de que, pesquisadores inventaram vários tipos de veneno. Porém ressalva que não é culpa dele se as moças ou rapazes ingerirem, quando estão sofrendo de algum mal sentimental, esse componente químico, da mesma forma que ele é isento da culpa de matar crianças curiosas ou de ser provocador de suicídio precoce. Quem não conhece alguém que faleceu ingerindo “chumbinho”? No mesmo caminho dos pesticidas encontramos as formigas saúvas. Câmara Cascudo referencia esses pequenos insetos em parte de seu romance. Mas, ao contrário de muitas produções, eles não vão ganhar aspectos humanizados ou tampouco vão adquirir fala. As formigas serão sempre as mesmas formigas que são organizadas para o trabalho.

¹⁵⁵ *Idem* p. 68

¹⁵⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. cit.*, 1968, p.p. 183 -184

¹⁵⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. cit.*, 1977, p. 24

¹⁵⁸ *Idem*, p. 38

Com relação à vida simples e organizada das saúvas, Cascudo admite que por ser um corpo de seres mui organizados e numerosos conseguindo sobreviver harmoniosamente dentro de um ambiente coletivo e “*graças às saúvas muita gente está vivendo melhor*”, desde que ela passou a ser objeto de análises laboratoriais e de centros de pesquisa, muitos livrinhos de combate a esta espécie e formicidas, foram inventados¹⁵⁹. É nesta perspectiva que o coletivo em *Canto de Muro* é colocado como um movimento dinâmico, que Cascudo trabalha com harmonia. Todos os seus moradores atuam numa intensa sintonia e até nos momentos de conflito, como o exemplo de uma coruja (Sófia) que persegue um rato (Gô), devorando-o com todas as suas forças para alimentar-se. Para expressar este embate, ele utiliza o lirismo, amenizando a situação, com a justificativa de que aquela situação é necessária, visto que os ratos se reproduzem rapidamente e uma das formas mais naturais de combater essa proliferação é através da cadeia alimentar¹⁶⁰.

Cascudo lança neste “romance de costumes”, uma crítica à ação de arrogância dos seres humanos no seu tratamento com os animais; não admite que os seres humanos tratem, de foram desmerecedora os animais que não estão na terra para prejudicar o homem, mas para Cascudo, todos os animais são benéficos para a natureza e principalmente para a nossa sobrevivência, justamente por isso que, quando ele tem uma oportunidade para comparar os animais aos homens, com o objetivo de minimizar e diminuir as diferenças.

Sobre os guaxinins, ele relata: “(...) *não andam de bando e nem mesmo aos pares. É furiosamente individualista e ama a ação solitária, valorizadora da iniciativa única.*” Com referência ao bacurau argumenta: “*Essa habilidade humaníssima do bacurau ser falador, mexeriqueiro, enredador, creio injusta para a ave de tão composto e sisudo porte*”¹⁶¹. As características lançadas aos animais são de propriedade humana, mas Cascudo com sua destreza de observador, não mede esforços para igualar as sensibilidades animais às humanas. Cascudo fala que o homem sobrepõe sempre, o critério humano ao animal e não observamos que nossa espécie comete muito mais erro do que os seres irracionais:

(...) em nossa espécie, um indivíduo que sofreu dano considerável pode encontrar-se pouco depois ante igual alternativa e novamente sofrer o mesmo dano, e o erro se prolonga assim indefinidamente.¹⁶²

¹⁵⁹ *Idem, ibidem*, p. 144

¹⁶⁰ *Idem, ibidem*, p.10 e 11

¹⁶¹ *Idem, ibidem*, p. 61; p. 42-43. Grifo nosso

¹⁶² *Idem, Ibidem*, p. 50

Nos variados momentos ele assemelha características humanas em animais: “*De todas as espécies é a única que não goza das licenças legais e férias remuneradas*”¹⁶³, “ou compara com povos de tradições milenares: “*Como os velhos romanos da república, Quiró pensa que é estrangeiro é inimigo, hospes, hostis*”¹⁶⁴. Cascudo é inconformado com a forma como os seres humanos subestimam os demais, elementos da natureza, percebe-se ao longo do romance que ele defende com clareza a natureza que o cerca, valorizando-a, o que nos mostra que Câmara Cascudo já nos anos quarenta, estava consciente e interessado pelas questões ambientais e refletia sobre a forma como o homem estava tratando no mundo ao qual habita.

Vemos que não era apenas um simples interesse literário, estava além de possuir uma utilidade de apenas preencher linhas e parágrafos de suas obras. Das vezes em que aparece alguma característica negativa aos animais, ele tenta amenizar de forma poética para mostrar ao leitor que todos esses pequenos seres possuem suas qualidades e desqualificações, tal como os homens. porém algo que ele deixa explícito é que a maioria das características negativas à qual lançamos é fruto de nossa própria criação. Segundo Cascudo somos nós as medidas de todas as cousas; calculamos, pela nossa, a inteligência dos animais, e nunca pensamos na valorização dos atos que só o animal pode fazer e que talvez seja este um ato essencial à sua vida, que nos passe despercebido ou julgadamente banal¹⁶⁵.

Em todo o universo cascudiano está presente esta preocupação com o meio ambiente, com a natureza e com o funcionamento de um ecossistema. Ele se preocupa com o âmbito internacional, criticando muitas das atuações do homem que é, motivo para ele; de decepção, é o que encontramos nesta parte do romance, escrita de maneira irônica,mas com teor reflexivo:

O *Homo sapiens* que já desintegrou o átomo, aplicado para finalidades filantrópicas em Nagasaki e Hiroshima, em 1945 anos depois do nascimento de Jesus Cristo, não conseguiu apoderar-se de certos segredos funcionais de Quiró (...)¹⁶⁶

É somente a partir deste cenário natural que Cascudo pode pensar numa outra dimensão que precede o ambiente natural. É através desta sobrevivência que as pessoas podem compartilhar a beleza presente nas superstições, sobre a chuva, o vento, as águas e os animais. Igualmente, é com a subordinação da natureza que festejamos as festas populares,

¹⁶³ *Idem, ibidem*, p.7

¹⁶⁴ *Idem, ibidem*, p. 23

¹⁶⁵ *Idem, ibidem*, p. 26

¹⁶⁶ *Idem, ibidem*, p. 26

fazemos as comidas típicas e nos apropriamos de um linguajar próprio. A maioria das obras de Cascudo que perpassam a Cultura Popular, o folclore e a tradição trazem consigo, esta dependência que nos sustenta até os dias de hoje. Da mesma forma que somos subordinados a natureza, engajados a ela estão os nossos conhecimentos; é através da cultura que começamos a lhe fazer menção.

Seja nessas condições que Câmara Cascudo quis imortalizar em todas as suas obras um passado que o antecedeu e que não deve ser esquecido; assim, o fato do o intenso apego à memória e ao conhecimento das experiências, tanto de pessoas simples como de eruditos. Para ele, os livros prolongam o plano da extensão do tempo¹⁶⁷. Somente nos questionamos dentro dos seus aspectos de abordagem, o que Cascudo não observou, e o que ele deixou escapar?

O homem não está presente como ator nesta proposta cascudiana, como centro das atenções. Entretanto é um elemento que permanece sempre contemporâneo em suas obras, visto que, as experiências humanas fora a sua preocupação. Sua motivação serviu exclusivamente para diferenciação ou denúncia do autor com relação aos homens, ao trato com os animais. A secundarização proposital feita por Cascudo ao homem, é um dos veículos de crítica ao sentimento de centralidade, na obstinação de que o *Homo sapiens* é o “ponto inicial” do mundo e tudo e todos são a ele subjugados. Cascudo reflete este drama de maneira explícita, mas deixa esclarecido, em suas mensagens indiretas, quando movimenta no romance suas ideias e ideais. “*Não se exime de condenar o abuso de poder por parte do homem no cotidiano e na experimentação científica com animais (...)*”¹⁶⁸.

Como um romance de costumes *Canto de Muro*, também é uma abertura para o conhecimento do homem enquanto agente mediador das atividades na terra, muito embora não seja uma reflexão tratada por Cascudo ao longo do livro, porém em toda a sua miscelânea de produções ele sempre esteve atento a todas as mudanças negativas e positivas que, aos poucos, ocorriam ao seu redor e no mundo. Não podemos afirmar com precisão, mas algumas vezes o autor demonstra transmitir medo quando fala nas modificações que poderão acontecer com o tempo.

Cascudo não lança, em seus enlances lições, de moral mas nos leva a fazer inúmeras reflexões e questionamentos como seres humanos, justificando que todas as ações

¹⁶⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. cit*, 1983, p. 9

¹⁶⁸ SILVA, Marcos. *Op. cit*, 2003, p.25

proporcionadas por esses animais, são fatores concretos e acontecimentos provindos de seus próprios instintos, que engendra uma causa e efeitos positivos, fazendo seguir a vida e o equilíbrio harmonioso da natureza. É assim que ele pensa o mundo natural; pode ser também um dos motivos pelo qual ele sempre desejou estar presente em sua casa, com a família e conhecidos. Para Cascudo, todas as coisas só são compreendidas quando dominamos, assimilamos e cativamos tal coisa, a nosso favor. Esta é a forma através da qual o homem assimila e se apropria dos elementos da natureza, não apenas para prover suas necessidades mas transcendendo tais objetivos, sejam eles políticos, econômicos ou sociais.

No ambiente dos animais não perpassam essas ideias nem ideais; toda a oferta e procura presentes no ambiente da natureza decorrentes da necessidade de troca. Os animais, tal como o homem, fazem parte da natureza, e esses necessitam dela para sobreviver, quando essa lógica é quebrada, quem irá sofrer com esta realidade é o próprio homem. A crítica central presente no livro é a ideia do homem sempre pensar ser como centro das ideias e do mundo racional, astuciando medir a inteligência dos animais à sua. Nunca os valoriza pelo que podem fazer e nos oferecer. Existe hoje entre os seres humanos, uma eterna busca pelo conhecimento, mas será que, realmente, o que sabemos se remete ao que é?

Câmara Cascudo faz uma breve reflexão sobre o que o homem chegou a fazer com o seu conhecimento, arrasando duas cidades com o lançamento das bombas em Hiroshima e Nagasaki¹⁶⁹, quebrando o percurso normal da humanidade e levando seu conhecimento à égide da destruição. Cascudo creu numa inteligência atribuindo uma racionalidade animal, que se revela na habilidade que os animais possuem de improvisar as situações de incomuns, pela forma como eles estabelecem, entre si, uma comunicação própria. O homem tende a não reconhecer a inteligência dos animais que não estão na sua espécie; à uma fragilidade encontrada pelo autor de *Canto de Muro*, com relação aos seres humanos, pondo em questão a própria superioridade.

Estou a cada ano sendo tomado pela certeza, ainda, mas envolvente, da comunicabilidade animal através de sinais sonoros. (...) o mais terrível é que estou convencido de não haver animais “irracionais”, isto é, desprovidos de raciocínio e espero que existam homens e mulheres neste mundo que compartilhem desta convicção¹⁷⁰.

A vontade de Cascudo era que as palavras “estímulo” e “instinto”, fossem substituídas por inteligência, uma das explicações que somente pelo fato dos animais no seu dia-a-dia

¹⁶⁹ CASCUDO, *op. cit.*, 1977, p. 26

¹⁷⁰ *Idem*, p. 88

promoverem uma rotina de forma repetitiva, e quando ele está em perigo, reage de forma diferenciada para se proteger, mostrando que não são tão ingênuos quanto se tem pensado¹⁷¹. *Canto de Muro* está repleto dessas observações, no olhar revanchista de Cascudo, entendendo os animais dentro dos seus limites na natureza e compreendendo cada um dentro de sua lógica de utilidade.

A vida do homem não foi referência para Câmara Cascudo, porém há de se observar que muito do que ele escreveu em *Canto de Muro*, tinha como espelho o cotidiano da humanidade. Junto a essa perspectiva a ideia de que o ser humano tem tomado, para si, a iniciativa de que ele pode comandar a natureza. É uma crítica levantada a todos os homens. Este perfil de Cascudo é fruto de sua convivência com pessoas de diferentes níveis, mas que preferiram estar presentes com aqueles que levam uma vida simples, os que para ele propagam a cultura para todo o Brasil¹⁷². São essas pessoas que levam a tradição adiante, atravessando o tempo, para Cascudo a tradição é a fonte mais pura, na qual vão beber os que têm pela arte um apreço especial.¹⁷³ Para ele, a tradição vence o tempo e está presente em gerações e gerações, estando também atuante na cultura de um povo.

A cultura, para Cascudo, é o elemento primordial; é a essência de um povo, e a base para se pensar na constituição de uma nação. A cultura nunca morre, ela é eterna independente de sua constituição física, algo que independe de sua estrutura física e territorial.

Não é em *Canto de Muro* que Cascudo vai pensar diferente sobre essas questões. Mesmo trabalhando numa forma diferenciada de pesquisa, ele não se distanciou de costurar ali os seus conhecimentos sobre cultura. Uma vida de quarenta anos, com tamanhas observações e conclusões próprias; muito criticado e ao mesmo tempo elogiado por diversos pesquisadores. Este romance escrito por Câmara Cascudo se constitui como um dos grandes diferenciais de suas obras; mesmo não sendo um projeto calculado, ele conseguiu ultrapassar os limites de sua memória, avançou também em termo de entendimento sobre a vida humana e a esfera da natureza, tendo como representante os animais.

¹⁷¹ Cf. MELLO, Luísa Laranjeira da Silva. Fichamento. In: Cascudo, Luís da Câmara. *Canto de Muro: Romance de Costumes*. 2ª Edição. Rio de Janeiro. Editora José Olympio. 1977. Disponível em www.modernosdescobrimientos.com.br. Acessado e 22/03/2011

¹⁷² É o que ele levantou em CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e Cantadores*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984. A viagem que ele faz quando percorre o interior do Brasil, é uma amostra de que a cultura é diversificada e difícil de ser “destruída” pelos anseios da modernidade

¹⁷³ *Idem*. Esta ideia Luís da Câmara Cascudo deixa esclarecido na contra-capá do mesmo livro

É mais uma forma de mostrar as várias facetas do mestre Cascudo, autor bem à frente de seu tempo, detentor de diversos saberes e que se fez multidisciplinar. O que ainda temos a aprender deste autor? O que não pensamos sobre suas diversas faces? Luís da Câmara Cascudo, mesmo se constituindo como um autor diversamente trabalhado que ainda não chegamos ao esgotamento de suas temáticas, ao contrário, temos muito a pensar sobre ele.

CAPÍTULO III

UM ROMANCISTA EM SEUS ENCONTROS COM A CULTURA

O romance une os corações sensíveis e o separa daqueles que são incapazes de escutar o chamado da virtude e da bondade.

Roger Chartier.

Quanto mais nos deparamos com a escrita de Cascudo e percebemos a riqueza de seu estilo literário, observamos que ele não é um autor de segredos, pois esses segredos são expostos em cada obra, em cada fase de sua escrita. Ao analisar um autor, nós, enquanto pesquisadores, tendemos a buscar suas influências ou, mais ousadamente as marcas presentes na escrita, que nos ajudem a conhecer e entender o que o autor pesquisado nos diz. Câmara Cascudo é acima de tudo um escritor. De início, as angústias de historiadora me voltaram a querer tentar enquadrar o escritor potiguar dentro de algumas das amarras, chegando à conclusão, de que o próprio Cascudo, enquanto um erudito, renomado e conhecido acima de tudo em sua cidade, não se propôs a trilhar por uma só face. Cascudo é múltiplo, polifônico, não se fixa num único viés; por isto, encheu seus escritos dos mais variados gêneros, dando sua contribuição para a História, Sociologia, Literatura e Culturas Populares. Encontrar Cascudo nos registros etnográficos, não é o mesmo que encará-lo nos escritos históricos e memorialísticos; contudo, seu estilo literário está presente, sempre irônico, sarcástico e em linhas refinadas, ao bom e ideal português.

Este é o Cascudo de Natal, que tanto é lembrado por pesquisadores e intelectuais e sabidamente valorizado por sua família, que conserva sua memória pessoal em sua casa, no museu dedicado ao “mestre” não se fala em Cultura Popular nesta cidade que não se remeta ao velho Cascudo, na culinária, nas danças, nos folguedos, nas artes plásticas etc. O singelo Luís da Câmara Cascudo, professor, hoje não é apenas um nome nacionalizado e presente nas bibliotecas de interesse de pesquisadores, leitores e curiosos todavia, tornou-se uma marca logística, que é bem idealizada e dirigida por sua família, que aprendeu a importância da preservação histórica e memorialística de uma figura representativa com o objetivo de divulgar e gerenciar todo o patrimônio que o autor deixou em vida. De casa para “*Ludovicus*:

Instituto Câmara Cascudo”, um empreendimento logístico, servindo como ponto de apoio divulgador de seu nome, suas obras e sua vida. Imagem propagada de um homem notorial e bem sucedido.

Não é um registro construído e consumido por sua contemporaneidade que em 1967, ano em que é publicado o livro *O Tempo e Eu*,¹⁷⁴ um de seus professores, Francisco Ivo Cavalcante, escreve uma nota com o título, “Aos que me lerem”, a qual dizia que o jovem Cascudo era admirado por seus conterrâneos e ao mesmo tempo, seu Estado, o Rio Grande do Norte, não se cansava em homenageá-lo; é aqui que o autor cita que seu Estado organiza uma semana intelectual colocando como marca seu nome, contemplando os ganhadores com prêmios o que não exclui o poder municipal, dando seu nome “à rua onde se encontra localizada a casa que foi a de seu nascimento”¹⁷⁵. O mesmo ainda alicerça sua fala concluindo seu registro sobre o poder que possui o nome de Luís da Câmara Cascudo. “Aqui, LUÍS DA CÂMARA CASCUDO serve ao Rio Grande do Norte pelo Trabalho intelectual mais nobre e mais constante que o Estado já conheceu”¹⁷⁶

A figura de Luís da Câmara Cascudo é exaltada em sua cidade natalícia, fato que contribuiu para se perceber que principalmente Natal, necessita deste movimento para compor a imagem de uma cidade que preserva seus potenciais turísticos. Cascudo, acima de tudo, é uma marca que hoje está sendo vendida e consumida.

Atualmente, o nome de Câmara Cascudo não é um nome passional, mas de relevância para o cenário das letras no Brasil, como já foi mostrado nesta pesquisa, quando nos referimos sobre o folclore, mas é nesta figura multiforme de Cascudo com marcas de romancista, que nos apoiamos. Ainda que não se dê uma dedicação exclusiva em vida, marcou, contudo momentos de sua escrita, como o que é defendido em *Canto de Muro*. É nesse texto que carecendo mostrar ao leitor, um motivo que o agrada, que chame sua atenção e que aproxime; daí a opção por trabalhar num cenário comum habitual, princípio manipulador de suas histórias, juntamente com seus personagens imaginados e facilmente encontrados em terras nordestinas e brasileiras. Esta opção de Cascudo chama a atenção pela intimidade e proximidade com seres, ou melhor, dizendo animais que, muitas vezes, são considerado sem importância para a vida terrestre. No final das contas, o autor quer nos deixar uma lição, como

¹⁷⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: Confidências e proposições*. Natal, Rio Grande do Norte: EDUFRN, Editora da UFRN, 2008

¹⁷⁵ *Idem, ibidem*, p. 23i

¹⁷⁶ *Idem, ibidem*, p. 23

todo conto fabulista nos reserva, de que os seres humanos deveriam valorizar suas próprias ações terrenas.

Nesta perspectiva Cascudo toma este micromundo dos animais como espelho para a vivência em comunidade, despertando no leitor uma veia reflexiva numa tomada de consciência de si, para que melhor entenda sua própria atuação na terra. Os animais e insetos descritos por Câmara Cascudo nos seus diferentes episódios são marcados por sua forma natural de se mostrar para o leitor na *liberdade de todas as horas*. Em seus dedos descreve um ambiente articulador, com eixos de ligação harmoniosos, nos quais a teia que tece suas vidas são essenciais para que, aquele mesmo ambiente consiga estabelecer uma ordem entre sua sociabilidade. Afirma o autor que sua escrita é de *boa-fé* e certifica “*haver simplesmente anotado cenas de conjunto e atos individuais em pura essência verídica*”¹⁷⁷.

Cascudo enfatiza a vida diante de sua naturalidade, como identificação de uma escrita provocadora, cabendo ao leitor, dizer através de sua leitura, as percepções obtidas por meio do ato de ler o texto, retornando a dizer, apesar de possuir uma marca poética e lírica, deixa bem demarcada a sua erudição e seus conhecimentos. A inexistência de bibliografias apontadas no texto nos põe a exigência de saber quem é o autor, ou personagem citado para que a leitura do corpo da obra ganhe sentido. Por isto, não estão presente apenas os saberes como estudante de medicina, ou seus aprendizados enquanto estudioso de uma literatura nacional e internacional, no livro está exposto às marcas de sua vida, as lembranças de infância e adolescência e, ademais, o saudosismo emplacado em seu enredo particular de vida. Observando a presença das interferências que confundem o texto, ou que necessariamente, exigem do leitor uma grande atenção no momento da leitura. Ele não se contenta em narrar e faz questão de fazer parte da própria história contada delimitando o que é representação do real e o que ficção, imaginação ativa do autor.

Nele é proposta uma comunhão entre os seres que ali sobrevivem em pequeno espaço imaginado pelo autor; para os olhos de quem escreve os personagens, são únicos, embora cada espécie seja representada por um nome em especial utilizado como estratégia, demonstrando que o narrador que fala possui devida aproximação com quem é narrado.

Câmara Cascudo esclarece esta questão no episódio nomeado o *Reino de Ata*; melhor elucidando, toma a saúva, as conhecidas formigas como mais um dos personagens de seu

¹⁷⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. Cit.* 1977, p. 2.

romance, a denominação ao inseto vem do grego *attei*, que significa saltar, “*título devido aos infusórios do seu bem cuidados reinos. E é uma Himanóptera por ter tido quatro asas membranosas*”¹⁷⁸; as saúvas, para o escritor são insetos extremamente organizados, mesmo sendo seres humildes, fracos e facilmente esmagados; há quem se engane, pois segundo o professor, se levar em consideração a força, a formiga conseguirá carregar vinte vezes seu peso.

Ao contrário de muitas conclusões diretamente negativizadas em relação a esses pequenos insetos o autor evoca, além das ameaças de plantações perdidas pela necessidade natural de alimentação, algumas lembranças e referências de sua vida em que a primeira está escrita quando diz que elas, “*Lembram muito as secas do Nordeste. É tema emocional que abriga o solidarismo humano*”¹⁷⁹, e adentra no campo cultural das superstições, dizendo: “*quando, no Nordeste, os formigueiros desaparecem das encostas barrentas e álveos dos rios ressequidos, o inverno é infalível, matemático, fatal.*” E quando “*o vôo está adiado. Inquestionavelmente a chuva cai*”¹⁸⁰.

Esta atenção dada por Cascudo, ainda é vivenciada em muitas localidades e utilizada por pessoas que confiam nas explicações funcionais, acredita-se que a invasão das formigas nas residências é sinal, sem erros, de chuva. Na percepção astuta Cascudo, a partir de suas observações, analisa que quando a boca do formigueiro está repleta de machos e fêmeas, na realidade está prestes a acontecer o alardo nupcial, o vôo da formiga é meramente acasalador,

Impressionante, porque verifiquei a primeira e depois a segunda revoada em partidas regulares, dentro dos horários comuns, 11 às 14 horas para todos os reides. O terceiro grupo, já em posição, foi retardado e a ordem chegou. Recolheram –se todos. A chuva, uma hora depois, metralhou a terra¹⁸¹.

Cascudo vem ao socorro e desmistifica uma verdade estabelecida pela cultura produzida no meio popular como, em seguida concerne inteligência aos pequenos insetos, retirando de seu vocabulário as palavras instinto e estímulo. A tenacidade de suas palavras é demonstrada nas seguintes falas: “*como nós ‘sapiens’, precisamos aprender e a herança técnica dos nossos pais não veio para nossa cabeça no curso do sangue, assombram-nos porque a saúva nasce sabendo*”¹⁸². Como escritor, seu objetivo ao levantar tais questionamentos é problematizar a possibilidade de uma racionalidade animal, apontada à

¹⁷⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. Cit.*, 1977, p. 145

¹⁷⁹ *Idem, ibidem*, p. 144

¹⁸⁰ *Idem, ibidem*, p. 152

¹⁸¹ *Idem, ibidem*, p. 152

¹⁸² *Idem, ibidem*, p. 153

medida em que eles vão desempenhando seus papéis enquanto pertencentes a uma cadeia natural de vida. O professor Cascudo refuta os argumentos que refletem a ideia de instinto aos animais, quando diz:

O instinto somente se prova pelas reações às provocações da rotina. (...) Para a cristalização das experiências no tempo é indispensável à repetição dos motivos formadores do movimento solucionador, por sua vez soma das provações anteriores. Diante de novo motivo, apresentado pela primeira vez, o instinto não têm solução alguma. Se a reiteração dos fatos determina uma atitude defensiva em relação aos elementos recentes é que existe uma mecânica de raciocínio. Um animal não pisa espontaneamente brasas vivas. Forçado a atravessar um braseiro cada um age de acordo com a possibilidade que são as soluções dadas pela inteligência e não pelo instinto, vocábulo vago e bonito para explicar comodamente quando outra explicação falece¹⁸³.

Em meio às vontades de Cascudo enquanto leitor, nos deparamos com inúmeras descrições, genealogias, uma cadeia lógica integrada; no entanto, paramos para pensar e analisar sobre quais são os reais interesses do autor, quando propõe colocar e expor, em cenas marcantes, a vida dos animais, deslocando imaginação e representação de uma vida em seu plano real? Seguramente, é uma maneira de levar quem lê, a fazer uma leitura autorizada de si mesmo, e dos homens, observando a refletir a própria condição humana a partir da vida dos simples animais. Este é o ponto desejado pelo autor: fazer o leitor questionar, refletir e elaborar suas conclusões sobre a atuação terrena do homem.

Partindo deste princípio questionado, nos remetemos aos estudos de Robert Darnton, que se dedica a pesquisar a História da leitura na França pré- revolucionária; tomamos como base seu livro *Os Best-sellers Proibidos da França Pré-Revolucionária*¹⁸⁴, um trabalho elaborado dentro da perspectiva da História das Mentalidades, que eleva como ponto de discussão os livros proibidos do período citado, como uma leitura perniciosa de uma França que procurava os mercados ilegais para obter os tais livros. É uma história profusa, criativa, subversiva da história da leitura, no qual seu principal questionamento era: O que os franceses liam no século XVII? Será que essas leituras eram capazes de influenciar os leitores? Esse tipo de literatura era capaz de infligir os valores ortodoxos da época. Eram leituras que iam de encontro às grandes obras difundidas na época? Como o regime tratava esse tipo de literatura? Como elas circulavam?

¹⁸³ *Idem, ibidem*, p. 160

¹⁸⁴ DARNTON, Robert. *Os Best Sellers Proibidos da França Pré- Revolucionária*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

Dentre esses questionamentos alguns ensinamentos de Darnton podem ser utilizados como pontos de análise em nossa discussão, tratando sobretudo que toda produção textual é algo significativo; logo, está inserida numa ordem cognitiva que é herdada da nossa própria cultura, assim tudo aquilo que apreendemos, como os significados e a linguagem são condutos sociais¹⁸⁵. Para este autor inferir significados é resultado de uma atividade social, uma leitura que fazemos de nosso mundo, incluindo elementos inerentes ao nosso meio.

Como podemos lembrar do personagem Menocchio de Carlo Ginzburg, um simples moleiro, leitor tenaz, que traduzia seus textos em seus próprios termos, construindo sua própria rede de significados, ao que o autor chama de “originalidade da leitura,” “inconsciente”, algo particular entre ele e o texto, exagerando, ocultando partes, deformando, dando novos significados.¹⁸⁶ Esta era a particularidade do personagem que conseguiu diversificar a maneira de compreender remetendo, em suas apropriações características de sua cultura, que no enredo proporcionado por Ginzburg promoveu um encontro da cultura oral com a cultura escrita criando, em Menocchio, uma pessoa peculiar, que logo chama a atenção das autoridades.

Pensamos na condução de Câmara Cascudo, em que todas as imaginações, memória pessoal e representações de seu cotidiano fizeram de seu mundo, visto da realidade social de que participou. Uma leitura de mundo realizada de cima, de um erudito que, aparentemente, denota as intenções mais humildes em tentar representar a “alma do povo nordestino”, quando essas imagens por ele traduzidas em seus livros, são as construções reproduzidas a partir de seu ponto de vista, de seu olhar como escritor, que esteve sempre presente e atuante nas altas influências natalenses. Cascudo produziu seu lugar de provinciano, de homem que decidiu por não abandonar sua “origem” e se prostrou como detentor de sua cultura, de seu mundo, com o intuito de não deixá-lo às margens do esquecimento.

Canto de Muro pode aparentar um cenário e um enredo estranhos aos olhos dos leitores, porém voltando ao estágio inicial da construção do texto, como o anteriormente narrado, Cascudo se encontrava sozinho, em sua casa, distante de seus filhos e de esposa e, como resultado desse ambiente, para ele solitário, remeteu-se às mais antigas lembranças para desenvolver seu texto sob a estética romancista; portanto, suas intenções foram as mais altruístas, ligando cenários de seu passado, desde a infância à sua contemporaneidade, unindo

¹⁸⁵ *Idem, ibidem*, p. 202

¹⁸⁶ Cf.: GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução: Maria Betânia Amoroso e José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

elementos corriqueiros de sua vida, com o rigor escriturário, as marcas de um considerado conhecimento enciclopédico, somados À familiaridade com o mundo a que pertence.

Tudo isto nos remete novamente ao que Darnton comentou na obra citada, isto é, de que para se compreender um livro, é necessário percorrer todo um campo simbólico porque num livro tudo está configurado nas convenções culturais¹⁸⁷. Em contrapartida, o leitor também tem sua contribuição para com o texto, porque ele transfere suas sensações, expectativas, atitudes, valores e opiniões, e cada leitor vai conduzir uma maneira particular de dar forma ao texto. Neste caso, nos voltamos agora para Roger Chartier que quando emprega um sentido de responsabilidade para o leitor, o autor é o dono de sua obra é quem tece seus fios, costura os fatos, dando-lhes significados a partir de sua narração; todavia, o texto ganha amplos sentidos nas degustações feitas pelos leitores.

Chartier entrega a responsabilidade ao leitor de não se constranger com a intervenção na margem, no sentido literal ou figurado, “*ele pode intervir no coração, no centro,*”¹⁸⁸ diz Chartier, porém esta “intervenção” por ele apontada é colocada com muito cuidado, quando se é dado autonomia ao leitor; ao intervir na imagem, seu intuito é tornar a leitura mais agradável, dar asas à imaginação de quem lê, pois, para Roger Chartier “*o autor é o dono de sua obra, senão ninguém na sociedade é dono de seus bens*”¹⁸⁹; em outra produção o mesmo autor afirma, que toda obra exprime o desejo renovador de encontrar o autor, logo, o autor se torna o fiador da autenticidade de sua obra.¹⁹⁰

Em *Canto de Muro* o leitor se aproxima do texto a partir das minuciosidades descritas sobre cada personagem que, na verdade, não é uma forma passional de colocação; contudo, ela é proposital, como nesta passagem:

Fiquei pensando que debaixo dos edifícios, que governam o mundo há sempre uma semente adormecida, sonhando com sua libertação para reaparecer e espalhar as pétalas esquecidas dos olhos humanos.¹⁹¹

Esta pequena passagem integra o episódio que Câmara Cascudo nomeou como *Irmã Água*, e a epígrafe que abre remete a uma frase de São Francisco no II Cântico del Sole:

¹⁸⁷ DARNTON, Robert. *Op. cit.* 1998, p. 203

¹⁸⁸ CHARTIER, Roger. *A Aventura do Livro: Do leitor ao Navegador*. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 91

¹⁸⁹ *Idem, ibidem*, p. 914

¹⁹⁰ In.: CHARTIER, Roger. *Do palco a página: publicar teatro e ler romances na Época moderna- Séculos XVI-XVIII*. Tradução de Bruno Feitler. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2002

¹⁹¹ CASCUDO, L.da. C. *Op. Cit.*, 1977, p.196

“*Laudato sii mio signore per sora acqua, la quale è molto utile et humilde et pretiosa, et casta*”¹⁹². Uma referência a São Francisco, protetor dos animais e amante da natureza, que toma como referência para escrever as linhas de sua história, assimilando seu tema ao Cântico de São Francisco; não obstante a escolha de Cascudo foi reflexiva, porque se pararmos para pensar, São Francisco de Assis foi uma pessoa que optou pela pobreza e decidiu por viver uma vida simples e humilde, ensinando a caridade e o amor ao próximo e uma de suas particularidades está diretamente relacionada à maneira como ele encontrava Jesus Cristo em qualquer manifestação da natureza como nos animais, nas plantas, tendo até bastante cuidado para não pisar em nenhum inseto ou planta, sempre repudiava a ação daquelas pessoas que maltratavam os animais.

No cântico escolhido por Cascudo para representar esta harmonia com a natureza, São Francisco faz, em seus versos, ecoar as vozes atuantes de vários elementos proporcionados pela natureza que, muitas vezes, não são valorizados ou simplesmente percebidos pelos seres humanos, como a lua, que se faz presente todas as noites, o sol que erradia sua luz todos os dias, a terra que é mãe e que é a verdadeira governante, o vento sereno e a água que é vida. Este último elemento é o enfocado por Cascudo que, em seu entender, sem a presença da água no canto de muro, aqueles seres seriam incapazes de poder continuar sua breve vida, a água foi a possibilitadora de uma situação favorável ao aparecimento de:

(...) plantinhas humildes, vergôntes que surgiam tímidas como pedindo desculpas pelo seu atrevimento de nascer. Água escorrendo criou um novo centro de interesses e de vida (...) ¹⁹³

A intenção de Cascudo é nos mostrar como nós, seres humanos, preocupados com nossas atividades diárias, não damos importância à natureza, aos elementos que fazem sua composição, e no tocante, se não damos relevância ao que é de primordial à nossa sobrevivência, como o sol, a terra e a água, agora imaginem qual a percepção que daremos ao que nos é bem inferior em relação ao tamanho? Nas palavras do professor, ele questiona que nossa valorização depende do olhar de interesse que apontamos ou gerimos para determinado elemento da natureza ou ser que a habita:

Mas tudo dentro de uma escala de valores de milímetros e centímetros, um pequeno mundo humilde que passaria despercebido para os olhos comuns, seduzidos por outras tentações sensíveis. ¹⁹⁴

¹⁹² CASCUDO, L. da C. *Op. Cit*, 1976, p. 193. “Louvado seja, meu Senhor, pela Irmã Água, que é muito útil e Humilde, preciosa e casta.” Conferir a tradução desta passagem em: ASSIS, São Francisco de. *Escritos*. Tradução de frei Dorvalino Fassini. São Paulo: Editora Mensageiro de Santo Antônio, 1999.p.242

¹⁹³ *Idem, Ibidem*, p. 194 e 195.

No mais, Luís da Câmara Cascudo faz uma crítica severa à maneira como os humanos estão regendo o destino dos animais, assim como seu próprio destino.

Alexandre Gomes Neves afirma, em sua dissertação que, mediante a opção de Cascudo em experimentar o mundo desta maneira, que todo princípio fundador reside numa criação e na imaginação livre, os seres e objetos pensados, que estão representados “prescindem da averiguação”, porque existem dois modelos adotados pelo autor, o primeiro é intencional e indireto, e o segundo é a “realidade extra literária”,¹⁹⁵ Através de seu embasamento linguístico o pesquisador adverte que Cascudo, como aquele que tem o poder de tecer sua composição textual, atua como um jogador que a todo momento faz leitor refletir sobre a condição humana, como já mencionado neste texto, indo mais além, conferindo características humanas para a “qualificação dos animais”, valorizando a espécie animal em detrimento da humana.

Cascudo sugere uma grande admiração pelo mundo ao qual pertencem a fauna e a flora nordestina, tornando peculiar o mundo descrito pelos seres pertencentes ao micromundo que estão ali, habitando sem maquiagens e encenação de sua vida, enquanto o homem é um ser que se modifica conforme as situações vivenciadas, ou seja, não é um ser constante, operando a natureza, abusando de seus atos e se autodestruindo; daí o intenso uso de críticas aos seres humanos, com claros tons de ironia, revelando a pessoa de Luís da Câmara Cascudo.

Desta forma, o Luís da Câmara Cascudo não é um romancista qualquer, considerando-se que esta atividade da escrita não é de sua tradição; ele tem um propósito, um público endereçado e este público se constitui dos próprios seres humanos que, mediante sua conduta na terra, estão se destruindo. A principal destruição é o descaso com a natureza; não haverá vida saudável na terra enquanto não existir uma consciência de seu papel e o homem, segunda percepção encontrada por Cascudo, é a falta de cuidados com a cultura em suas diversas manifestações, seja ela artística, histórica, monumental e imaterial.

O que estamos fazendo para que os nossos posteriores encontrem resquícios de ações humanas passadas? Qual a nossa manifestação enquanto preservadores da cultura a que pertencemos? Em todo o *corpus* de sua obra, existe em Cascudo essa necessidade de resguardar a cultura de seu tempo e a cultura anterior a ele, como forma de mostrar, para uma

¹⁹⁴ *Idem, Ibidem.* p. 200

¹⁹⁵ NEVES, Alexandre Gomes. *Câmara Cascudo e Oscar Ribas: Diálogos no Atlântico*. Dissertação do Programa de Pós- Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Inglesa, USP, São Paulo, 2008, p. 16

posteridade a beleza e a riqueza material e imaterial que possuímos enquanto povo. E Cascudo se impõe como este guardião das relíquias que vão ficando perdidas com o passar do tempo. Grande parte de seus livros é destinado a fazer esse tipo de recolha; na verdade, um grande mapeamento de características brasileira. Ele se sentia promotor desta missão; Neste livro, Câmara Cascudo não abandona o estilo, a vontade de querer dar margem à cultura a que pertence e fê-lo decidir intitular-se detentor.

Luís da Câmara Cascudo não se preocupou em perceber as variações da cultura popular através do tempo; via e lamentava, de forma nostálgica, como muito do que ele vira estava se perdendo conforme o passar do tempo. Em seus textos ditos autobiográficos e memorialísticos, nosso professor não abandona sua afeição pela tradição, mesmo se voltando para suas histórias de si, identificadas através da oralidade e do resgate do testemunho oral, é marca presente em sua escrita. *Canto de Muro* comporta este estilo, de maneira afetiva, como o observado anteriormente, somado as variadas notas eruditas retiradas de diversas fontes, amigos, conhecidos, intelectuais, ou simplesmente de pessoas colocadas como do “povo”, em face de que o autor validava, conforme seu livro, *Tradição, Ciência do Povo*, a mesma estima do cientista ao simples vaqueiro, segundo suas falas todavia, nas linhas de seus escritos, este ganha fala apenas através de sua voz; o que não podemos negar é a facilidade do autor na escolha de seus temas, que são os mais diversos possíveis; acreditamos que seja pela valorização da própria vivência; logo, a escrita e a vida pessoal vão se associando, levando à composição não somente da cultura, mas também de sua memória.

Diante da atenção dada a Cascudo na Cultura Popular, presente também em *Canto de Muro*, buscamos leituras que possibilitassem problematizar as marcas deste autor, como atuante neste assunto, pois entendemos que não temos como separar o Cascudo romancista, memorialista, do Cascudo de recolhas culturais, e tentamos compreender sobre o lugar do popular em sua vida e nos seus escritos e, entender também as interpretações que ele remete ao povo e ao popular que fala. Ante essas questões, tentaremos compreender quais as influências de Cascudo ao tentar fazer sua leitura sobre o popular, ideia esta trabalhada por Durval Muniz de Albuquerque Júnior.

O popular que sempre tem lugar garantido nesta escrita de Cascudo, de maneira mais ousada quando prefere colocar em suas epígrafes que fazem parte de seu mundo de saberes eruditos, ou simplesmente contemplando fatos de pessoas simples que fizeram parte de seu convívio, valorizando o que chamamos várias vezes de iletrados, de nível inferior de

instrução. Vale lembrar que, ao falar sobre o Hermenegildo, dono do pomar, conforme se inscreve o texto, sobre a Nicácia a cozinheira de sua família, pai e primo dentre outros. Suas informações fazem parte de seu enredo, como uma de suas estratégias de harmonizar o contexto dialético pelo qual perpassam essas duas realidades dicotômicas. Neste sentido, segundo Alexandre Gomes Neves, o lugar que o popular ocupa em *Canto de Muro* ao tentar amenizar as referências eruditas e as populares, acaba refletindo no desejo manifestado pelo autor em fazer com que as duas instâncias distintas e apartadas, consigam conviver¹⁹⁶.

Muitos autores demarcam o espaço do sertão como o lugar criado nos enredos de Cascudo para dar margem, vida e sentido. Neste aspecto remetemos a Ricardo Luiz de Souza, que analisa este espaço físico como um tempo sertanejo peculiar e típico, bem anterior à modernidade. Para ele, a modernidade sinaliza ao provinciano Câmara Cascudo, a ideia do desaparecimento, o avanço da modernidade, levando-o a retórica do argumento da perda¹⁹⁷. Ricardo Luiz faz uma leitura de Câmara Cascudo como aquele que busca na conservação o caminho para a preservação das tradições derivadas do processo de formação da nacionalidade. Apostando numa condução discursiva de que Cascudo encara toda a sua experiência de modernidade como “empática”, existindo sempre a incompatibilidade de coexistir mediante o processo de modernização.

Souza remete sempre a um Cascudo, que centra sua escrita numa perspectiva marcadamente elitista. E na qual a elite constroi e o povo assiste. Os documentos produzidos pelos poderes constituídos, que atuam como fontes preferenciais para a reconstituição do processo histórico, ou seja, permanece neste autor a lógica de entendimento de uma condição de dominante em dialética com o dominado. Em suas palavras, o povo de Cascudo é um agente histórico que, por sua vez, é exaltado como produtor de uma cultura, na qual Cascudo manifesta admiração e opção dedicada de trabalho¹⁹⁸.

Em Cascudo, percebemos um povo emudecido, mas não diante de uma rigidez, criando um Câmara Cascudo que exclui o povo, remetendo à passividade dele, porque os textos produzidos pelo autor potiguar são intencionais e não desprovidos de intencionalidade. Consideramos que ele entendia povo de acordo com suas concepções em que ,segundo

¹⁹⁶NEVES, Alexandre Gomes. *Op. Cit.*, 2008, p. 104

¹⁹⁷ Cf.: SOUZA, Ricardo Luiz de. “Câmara Cascudo e o elogio da tradição”In.*Identidade Nacional e Modernidade Brasileira: O diálogo entre Sílvia Romero, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre*. Belo Horizonte: Autêntica: 2007

¹⁹⁸ *Idem, ibidem*, p. 127

Marcos Silva, sua construção de povo possuía um caráter amplo, colocando num mesmo campo os pobres, simples, os políticos e letrados, que são marca da própria vivência de Cascudo, que escreveu em um tempo de um Brasil de predomínio rural, sem esquecer que ele conviveu numa Natal, cidade pequena, mesmo transitando em grandes metrópoles da época como São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Salvador, além das viagens internacionais. Marcos Silva ainda aponta que se deve entender que esta foi uma opção do autor em escolher o mundo tradicional; logo, viver na província, bem como o estilo de sociabilidade do autor. foram escolhas particulares, pois a cidade representava a agitação e a impessoalidade¹⁹⁹.

Vista neste campo da impessoalidade, numa imagem da cidade que confunde e retira das pessoas as marcas de uma vida simples, sem agitações e de perdas de valores morais, que Cascudo pensou o ambiente do canto de muro, um lugar harmonioso, se observado diante das práticas naturais de seus personagens, como uma espécie da criação de um modelo a ser exemplo para os seres humanos, pois é observando como eles se comportam e convivem em meio ao seu enlace natural, que promove a continuação das espécies de uma forma que não se pode marcar a desunião.

Consideramos relevante uma discussão proporcionada por Durval Muniz de Albuquerque Júnior²⁰⁰ em um de seus textos, quando recupera em Câmara Cascudo as leituras que, de alguma maneira, influenciaram o modo como ele escreveu sobre o povo em suas obras. No meu entender, uma recepção escriturária, que moldou a produção do autor no que se refere aos apontamentos sobre povo e popular, Durval sugere que Cascudo, do ponto de vista político, se aproxima dos autores clássicos Espanhois²⁰¹ no estudo da Cultura Popular.

O fato avaliado por Durval é que seus autores estiveram ligados politicamente à Restauração monárquica de 1875, portanto os trabalhos que se voltavam à temática da cultura popular tinham, como objetivo, encontrar o povo no sentido de ir em busca de uma “essência”, seja no gênio ou na índole²⁰². No povo encontraria a gênese de sua cultura, um

¹⁹⁹ Cf.: SILVA, Marcos. *Cultura como patrimônio popular: perspectivas de Câmara Cascudo*. Projeto História, São Paulo, n.33, p. 195-204, dez. 2006.

²⁰⁰ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de . *A Invenção da Cultura Popular: uma história da relação entre eruditos, intelectuais e as matérias e formas de expressão populares na Península Ibérica e Brasil (1870-1940)*. Disponível em:

www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda_remissa/a_invencao_cultural.pd; Acessado em 15/01/12, às 19h.

²⁰¹ Cita o autor em seu texto Menéndez y Pelayo, Menéndez Pidal e Francisco Rodríguez Marín. Ligados a uma metodologia positivista, que compartiam de uma visão romântica do passado glorioso e ligados a elites agrárias tradicionais.

²⁰² *Idem, ibidem*, p. 2.

sentido para a história, tornando-a gloriosa. O intento dos eruditos, descrito por Albuquerque Júnior, era de “trazer de volta o passado”,²⁰³ em suas formas de expressão artística e cultural, além de formas de organização social e política. Para esses, o povo concretizava as tradições nacionais ameaçadas de desaparecimento, nestas condições em que o povo era a salvação de uma tradição e conservação, impossível de realizar qualquer mudança. Suas concepções torneavam um saudosismo monárquico, pelo qual Cascudo também tinha simpatia. Porém, Durval Muniz aponta para o “ecletismo teórico” de Cascudo, incluindo as formulações funcionalistas da antropologia cultural norte-americana e da antropologia cultural inglesa. Para ele, Cascudo costumava buscar nas manifestações culturais o resgate do povo, dando sentido à sua existência terrena²⁰⁴.

Não obstante, Cascudo visualiza o povo a partir do regional. É o povo saudosista, aquele que ficou preso no tempo, um tempo de saudades, vivificadas a partir de suas ações e manifestações como prova de sua existência dos registros; ele é o depósito das tradições como diz em *Voz de Nessus*, “em larga e profunda proporção resistem no espírito popular as bases milenárias constituídas pelas primeiras defesas, evitações ou alianças”²⁰⁵. Ele tenta encontrar uma fiação notória, algo que particularize o brasileiro em si, gerando nele os sentimentos positivos de valorização e persegue esta prerrogativa; ainda na mesma produção, afirma que:

Nós os brasileiros, somos representantes, biologicamente resignados, de povos de alto patrimônio supersticioso. Um tanto menos que os troncos étnicos da Europa histórica²⁰⁶.

Aqui Luís da Câmara Cascudo se refere ao mundo das superstições; no entanto, quem melhor para representar este mundo mágico senão o povo, guardador e mentalizador das reminiscências, da ebulição mental e criativa de quem as produziram e confeccionaram fazer circular suas versões. Cascudo reitera que, o mesmo quando fala de povo, não exclui os letrados, ele ameniza as diferenças, apesar disto, deixa claro seu pensamento. Neste trecho do mesmo livro, observamos a retórica do autor quando fala sobre tais questões: “Para o nosso povo, e não excluimos classes letradas e **esclarecidas**, essa unidade espantosa tem sido, noutra modalidade, uma verdade natural, implicitamente incluída entre os elementos básicos

²⁰³ *Idem, ibidem*, p. 3

²⁰⁴ *Idem, ibidem*, p.5

²⁰⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *Voz de Nessus: Inicial de um Dicionários Brasileiro de Superstições*. João Pessoa: Imprensa Universitária da Paraíba, 1966.p. 30

²⁰⁶ *Idem, ibidem*, p. 33

das normas consuetudinárias”²⁰⁷. Para Cascudo, segundo estas falas, não há diferenciação entre letrados e iletrados, porque a cultura que o povo pratica é uma espécie de “ponte niveladora”. Podemos dizer que o que Cascudo pretende transmitir é a ideia de que mesmo as pessoas letradas indiretamente, incutem as superstições, neste caso, são praticantes propagadores da própria cultura. Dentre os personagens mais conhecidos para justificar sua fala exposta no livro, cita as referências de Olavo Bilac, quando diz que “*evitava o número par como soma de suas poesias reunidas em volume*”²⁰⁸ e Coelho Neto, que “*recusava as obras artísticas feitas com gesso porque, invariavelmente, anunciava contrariedade. Mandava defumar seu gabinete, afastando o peso, caiporismo, fôrças contrárias*”²⁰⁹. São justificativas utilizadas pelo autor para reforçar a ideia passada pelo livro e, conseqüentemente, expressas em suas produções.

São vozes caladas, podemos dizer. Para Cascudo, que sempre devota aos humildes, pobres e analfabetos, a vivacidade das tradições, lugar onde se encontra o verdadeiro “oráculo”, mentor e relator o “povo”. O “povo” de Cascudo necessita de alguém, que transmita para as demais gerações todos os seus feitos, e aquele que viu, ouviu e praticou, segundo ele, está preparado para ater-se a esta atividade, em dizeres que fortaleciam sua altivez como escritor do popular. Encontramos falas que norteiam esta tarefa, missão de Cascudo, quando diz: “*Como fui filho único, doente e triste, amamentou-me o leite de todas as credices populares. (...) Padecei todas as enfermidades folclóricas*”²¹⁰.

A voz que tanto Cascudo evoca é o preceito da conservação independente do tempo; por isto, a atenção dada ao conduto das superstições, que para ele estão presentes em sua contemporaneidade, remontando a contribuição de vários povos, incluindo a transmissão de culturas milenares, como as europeias. Nessas condições, o poder que Câmara Cascudo delega ao povo, é o poder da transmissão do legado da conservação de suas práticas culturais. Portanto, é chegando a esta concepção que caminhamos para as condições dadas pelo autor a ideia de tradição, entendida segundo Marinalva Vilar de Lima, em termos de reminiscências ou resíduos de antigos cultos, “*que ao perderem sua legitimidade, conservam-se formando uma espécie de crosta que circunda os cultos*”²¹¹. Esses cultos que para a autora, no passado

²⁰⁷ *Idem, ibidem*, p. 99. Grifo do autor

²⁰⁸ *Idem, ibidem*, p.57

²⁰⁹ *Idem, ibidem*, p.57.

²¹⁰ *Idem, Ibidem*, p.p. 12 e 13

²¹¹ LIMA, Marinalva Vilar de. “Voz de Nessus”. In.: SILVA, Marco. (Org.). *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva: FFCLCH/USP: FAPESP; Natal: Ed. Da UFRN: Fundação José Augusto, 2003, p. 304

eram legítimos, “*com espaços no contexto das práticas religiosas, mas que ao longo do tempo foram substituídos por outros, não se extinguindo em sua totalidade*”²¹². É uma maneira de pensar, que em novos contextos sociais, políticos e culturais, a tradição não morre; ao contrário, ela ganha novos aspectos, novas roupagens, mesmo que seus significados sejam alterados com o passar do tempo. Cascudo não tem preocupação em discutir e /ou problematizar este conceito; sua pretensão é valorizar aquilo que o povo executa e pratica, resgatando os hábitos, as crenças, os gestos; enfim, tudo o que é praticado pelo povo que ele elegeu como culto.

Outrossim, quando pensamos nessa relação do autor com o povo, lembramos das contribuições de Jules Michelet,²¹³ autor que nasce logo após a Revolução Francesa, ocasião em que a história se torna um lugar de confronto entre revolucionários e liberais, momento também de pensar a descontinuidade, reconciliando-se com o passado; foi ele quem levou a transferência da sacralidade à nação, ocupando-se em fazer valer uma França eterna, que ainda não tinha história. Apesar disto, o autor lança um olhar diferenciado para o povo, colocando-os como pedra filosofal da nação francesa. Tentou falar a língua do povo, e colocá-lo no enredo da história, tudo isto, porque obteve consciência de ter nascido no povo, apropriando-se de sua língua. Para Michelet, o povo é a chave das explicações ele é o principal atuante e participante na construção da nação. Tais metáforas ligam as ideias de unidade e unificação, que acabam remetendo à noção romântica de unidade do povo francês. Em menções como: “*(...) do povo sairá à história do povo. E o povo não amará mais do que eu, por certo. Nele, tenho todo o meu passado, minha pátria verdadeira, meu lar e meu coração*”²¹⁴. A leitura de povo articulada por Michelet reflete a anuência de agente da história universal, de construtor da pátria, no qual seu país é o resultado do fruto da atuação do povo.

O sentido da palavra povo, nesta configuração expressada por Jules Michelet, distante da atuação positivista, agora é romanceado, entoa-se um sentimento de nacionalidade pelo qual o próprio povo é confundido pela nação, criando um sentimento de devoção à pátria. Luís da Câmara Cascudo, inserido no seu espaço de provinciano, descreve, divulga e dá um lugar ao povo, e que faz a partir deste lugar. Os fazeres do povo é o que orienta e dá ênfase ao local, regional e nacional; é através de suas práticas que se pode perceber a variedade e a potencialidade de um país. O lugar cantado e contado por Cascudo, possuía estas

²¹² *Idem, Ibidem*, p. 304.

²¹³ Refiro-me especificamente ao livro: MICHELET, Jules. *O Povo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

²¹⁴ *Idem, Ibidem*, p. 101.

características. De um canto a outro do país via-se riqueza cultural, principalmente no Nordeste brasileiro, em especial o sertão, ao qual fez questão de conhecer e ainda apresentar numa visita ao escritor Mário de Andrade, e compô-lo, documentá-lo em *Viajando o Sertão*²¹⁵ é neste livro que Cascudo explora uma cartografia simbólica do sertão transformando-o num lugar onde o Brasil manifesta sua identidade particular e principalmente onde se é possível encontrar especificidades que se mostram articuladas com o “universal da cultura”²¹⁶. O cenário visualizado por Cascudo do sertão é particular e, no mais, aquilo que surge dele é componente positivo de seu solo forte, em palavras, Cascudo encena a construção de um povo fortalecido pelo lugar.

O Sertão foi povoado, dos fins do século XVII para o correr do século XVIII, por gente fisicamente forte e etnicamente superior. Enfrentava os índios quem não tinha medo de morrer nem remorsos de matar. As famílias seguiam o chefe que ia fazer seu “curral” nas terras sabidamente povoadas de paiacus, janduís, panatis, pegas, caicós, nômades atrevidos, jarretando o gado e trucidando os brancos. O gado para o fixador. Era gado vindo da ilha da Madeira... Tivemos, o homem pastoril, afeito às batalhas do campo, às necessidades das descobertas de novas pastagens²¹⁷.

Cascudo amplia a condição do homem sertanejo nesta citação, cria um estereótipo de uma identidade de um homem, forte e etnicamente superior. Ao tentar demonstrar esses aspectos presentes e atuantes no sertanejo, cria um homem típico daquele ambiente, se coloca como intérprete do mundo sertanejo, responsabilizando-se em sua condição de letrado de “traduzir” para seu presente e para as “formas modernas”. Por revelar o Brasil desta maneira, ele tentou fazer uma interpretação do Brasil, quando já nos anos 1920 se começa a pensar a noção de cultura como mais uma dimensão de identificação com as questões relacionadas à identidade nacional.

Ele não se tornou um escritor militante este aspecto, chegando a confundir muitas pessoas que, por sua vez, o colocam como recepcionador e propagador do modernismo, pela sua simpatia ao movimento, muito embora colaborasse com escritos, enviando registros ao amigo Mário de Andrade. Ambos consideravam o folclore e a cultura popular essenciais para o conhecimento do povo brasileiro e estudavam as tradições brasileiras como dinâmicas,

²¹⁵CASCUDO, Luís da Câmara. *Viajando o Sertão*. Natal/RN: Imprensa Oficial do Estado/Gráfica Manimbu, 1975

²¹⁶ NEVES, Margarida de Souza. “Viajando o Sertão: Luís da Câmara Cascudo e o solo da tradição”. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Histórias em cousas miúdas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005

²¹⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. Cit.* 1975, p. 32-33

segundo Vania Gico²¹⁸; a poesia, dita moderna, chega com atraso em Natal e entre seus representantes encontramos Jorge Fernandes, Joaquim Inojosa e até o próprio Cascudo com algumas contribuições. Câmara Cascudo divulga seus trabalhos, dentre eles dois poemas “Kakemono” e “Shimmy” e “Não Gosto de Sertão verde”²¹⁹ Esses poemas são alguns dos principais poemas do autor em sua participação no Movimento Modernista, dentre os quais destaca o último, por ter sido comentado por Mário de Andrade em uma de suas cartas, versando:

Não gosto de Sertão Verde

Não gosto de sertão verde,
Sertão de violeiro e de açude cheio,
Sertão de rio descendo,
l
e
n
t
o
largo, limpo.
Sertão de sambas na latada,
harmônio, bailes e algodão,
Sertão de canjica e de fogueira
- Capelinha de melão é de São. João,
Sertão de poço da Ingazeira
onde a piranha rosna feito cachorro
e a tainha sobreia de negro n'água quieta,
onde as moças se despem

d
e
v
a
g
a
r
Prefiro o sertão vermelho, bruto, bravo,
com o couro da terra furado pelos serrotes hirtos, altos, secos, hispídeos
e a terra é cinza poalhando um sol de cobre e uma luz oleosa e mole

e
s
c
o
r
r
e
como o óleo amarelo de lâmpada de igreja²²⁰.

²¹⁸ Cf.: GICO, Vânia de Vasconcelos. *Interpretações do Brasil na correspondência de Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. Disponível em:

http://www.fundaj.gov.br/geral/observanordeste/observanodeste_textos_especiais_v_gico.pdf. Acessado em 14/11/2011, às 15h

²¹⁹ *Idem, Ibidem*

²²⁰ NEVES, Margarida de Souza. “O sertão (en)cantado: Cores e sonoridades”. In.: *Decantando a República: um inventário histórico e político da música brasileira*. V. 3 – A cidade não mora mais em mim. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2006, p. 103.

São nesses versos, marcados por um sertão tipicamente brasileiro, em versos livres e de estética diferenciada que podemos considerar até moderna, tentando o autor inovar esteticamente quando escreve os versos: lento, devagar e escorre, porém o que chama a atenção ao fazer a leitura é justamente o conteúdo inusitado. Cascudo declama as figuras atuantes no sertão como o violeiro, o açude, o rio, a música, as danças, a comida e as manifestações e, em contraponto a este sertão tipicamente construído, ele expressa não gostar de um sertão tomado pelas chuvas, que ganha outro corpo, um encher de vida verde; ele emite preferência por um sertão que não muda, que permanece vermelho, uma espécie de tempo suspenso.

Ao analisar o poema de Cascudo, Mário de Andrade diz numa carta datada de 4 de outubro de 1925: “*Às vezes tenho impressão que você escreve um pouco depressa os seus versos e deixa como saíram sem importar mais com eles*”²²¹, de “versificação bêbada”. Mário faz críticas à poesia de Cascudo, no momento que ele pensa que a inovação saiu positiva, é justamente na construção dos versos livres que é mais criticado. Como poeta, Cascudo declamou o sertão de sua maneira, tentando associar ao movimento modernista, porém ao longo de sua carreira, não foi esta uma atividade de destaque e nem de dedicação do autor. Talvez seja pela sua amizade e pelas contribuições com o Movimento Modernista que ele é colocado como um modernista convicto; e não descartamos também a relação do autor com o Movimento Regionalista, acreditando que ele tenha dado mais contribuição com sua atuação ativa como escritor.

Não vejo Cascudo como um personagem militante, ao levantar uma bandeira para a expressão do regional, quando comparado a Gilberto Freyre, por exemplo. O autor e defensor do *Manifesto Regionalista do Nordeste*²²² deu uma nova roupagem ao homem nordestino, ascendendo-o a uma margem nacional, ditando o Nordeste e o nordestino como possuidores de uma identidade cultural próprias, que são pensadas a partir do âmbito da construção de um ideal de nação. Pensar a identidade a partir da experiência cultural nordestina, em suas danças, comidas, expressões populares, ou seja, todo um corpo cultural material e imaterial. Freyre obstinava mobilizar os intelectuais atentando para uma realidade, ou melhor, uma necessidade do reconhecimento de um lugar no qual possa se estabelecer uma comunhão identitária, para somente assim, construir a base de uma identidade nacional.

²²¹ MELO, Veríssimo de (Org.). *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000, p. 42

²²² FREYRE, Gilberto. *O Movimento Regionalista*. Recife, Pernambuco; Instituto Joaquim Nabuco, 1976

Gilberto Freyre evoca em seu manifesto, uma intensa preocupação em influenciar as outras regiões para que também possam se movimentar e pensar num mesmo condicionamento. Mário de Andrade acusa tal movimento de separatista, em uma de suas cartas a Câmara Cascudo, de seis de Setembro de 1925, quando diz:

Em tese sou contrário ao regionalismo (...) o regionalismo insiste sobre as diferenciações e as curiosidades salientando não propriamente caráter individual psicológico duma raça, porém os seus dados exóticos. (...) Vocês se esqueceram, inteiramente do Brasil²²³.

Mário de Andrade acusa o regionalismo de liderar um movimento separatista, enquanto sua pretensão como líder do modernismo era a união nacional; no manifesto Freyre esclarece que seu movimento não é :

A maior injustiça que se poderia fazer a um regionalismo como o nosso seria confundi-lo com o separatismo ou bairrismos. (...) Seu fim não é desenvolver uma mística de que, no Brasil, só o Nordeste tenha valor (..) ²²⁴

Mesmo que Freyre coloque uma justificativa de que seu manifesto não tenha um teor separatista, há de se convir, que ele expressa claramente a presença de um grande teor ideológico. O regionalismo é para Freyre, algo que se deve pensar enquanto unidade regional de representação. Esse novo regionalismo é como um sistema flexível que se integra junto a uma organização nacional, juntando as particularidades, articulando um conjunto- o brasileiro- que aqui não deixa também de ser um nordestino: *Nosso movimento não pretende senão inspirar uma nova organização no Brasil*. Vemos aí a necessidade que o autor passa quanto à emergência de um novo regionalismo, que não seja “mascarado” ou dadas outras roupagens; basta apenas “ser” Nordeste e o primordial é retirar, de si, uma imagem estereotipada ou romântica do estrangeiro.

Cascudo não travou embates para dar vazão ao que propunha o regionalismo, mas no teor de seus escritos, como em algumas passagens vistas anteriormente, evocava a vontade de querer fazer do Nordeste, do Sertão, deste lugar de seu cotidiano as marcas de uma identidade purificada, imortalizada na memória pessoal e em seus registros escritos.

Outro autor com quem podemos estabelecer um diálogo de ousadia dentro desta perspectiva de regionalismo encontramos o paraibano Ariano Suassuna, com seu *Manifesto do Movimento Armorial*²²⁵, no qual Suassuna tentou construir, a partir de elementos do romanceiro popular, bases para promover uma cultura erudita e nacional, junto a um grupo de

²²³ MELO, Veríssimo de. *Op. Cit*, 2000, p. 39

²²⁴ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit*, 1976, p.49

²²⁵ SUASSUNA, Ariano. *Manifesto do Movimento Armorial*. Recife, Pernambuco: UFPE, 1976

peessoas, que se diziam ser representantes desta cultura, em várias áreas; artística, musical, cerâmica, literatura, pintura etc; seu objetivo era o de encontrar uma arte e uma literatura eruditas nacionais com base nas raízes populares da cultura nordestina; deste lugar se edificaria uma base sólida para pensar essa cultura erudita.

Suassuna pensa a cultura popular como representação do pensamento nacional e que as universidades regionais deveriam se encarregar desta função. Procura persuadir o leitor de forma que o leve a entender que o *Movimento Armorial* deva ser levado as universidades e lá poder encontrar a “origem” e as “raízes” de nossa cultura. Recupera da cultura popular elementos como a literatura de cordel, que seria a máxima expressão, como proposta para a criação de um projeto de nacionalidade.

Existem um lugar e elementos de que se pode criar uma cultura erudita com características representacional do nacional. No romanceiro estão expostas as viabilidades e orientações para se produzir o Armorial. Suassuna fala de um Nordeste, que se conservam as tradições arcaicas, entendendo que existem elementos medievais que se conservaram no Nordeste. Ele vê o Sertão como o lugar em que se conserva a tradição sem influências externas; em contrapartida, os elementos ibéricos estão inseridos no romanceiro (literatura de cordel) o qual é a base para o Armorial. Nos próprios folhetos existem aspectos do romanceiro e da literatura ibérica, que adentram o Brasil ainda na época colonial. Para Suassuna, pelo fato dos folhetos possuírem raízes ibéricas, o povo deveria conservar essas tradições medievais, que embasariam a brasilidade.

Pensa a criação de uma cultura erudita a partir da popular, na tentativa da elaboração de um projeto de nacionalidade direcionado à elite. O espelho constitui as produções populares, nos quais a elite intelectual se respalda na construção da ideia de nacionalidade. Os populares só serviram para “fabricar”, “pensar”, para posteriormente saírem de cena; são descartados para darem lugar ao corpo erudito, pois por essência, é um movimento engajado nas elites. Um modelo cultural a ser imposto para toda uma nação. Para Suassuna, nossa tradição está ligada diretamente à ideia do que se passou a chamar de modelo BIC- branco, ibérico e católico, numa vontade de conservar algo para se produzir a identidade nacional.

A contribuição de Câmara Cascudo ao regionalismo reflete no engajamento na cultura popular, mostrando-se simpático ao nacionalismo, reflexo de um estilo voltado para os temas regionais, em características folclóricas, manifestando preocupações com a jangada, com a Rede de Dormir ou meramente apontando os gestos realizados pelo brasileiro, escolhendo a alimentação como proposta de estudo e provocando os sabores com o seu livro *Prelúdio da*

*Cachaça*²²⁶ ou, ainda, montando sua referência particular sobre o catimbó em seu *Meleagro*²²⁷, todos esses temas locais são os que endossam e formulam um espelho para o Brasil. Mesmo assumindo determinadas posturas, a escrita de Cascudo possui sua composição quando, embora reconhecendo a importância dos estudos do folclore, não se identificava plenamente com alguns posicionamentos, pois o folclore para ele estava inserido num contexto maior que é o da cultura, fazendo parte de um processo de criação que é próprio da humanidade. Segundo José Reginaldo,²²⁸ para ele o folclore e as culturas populares estão presentes no corpo, no comportamento, no paladar, nos gestos, nos sentimentos mais íntimos dos seres humanos²²⁹. É no sentido etnológico que a obra de Câmara Cascudo veio a contribuir com uma preservação da memória de práticas e representações “populares”.

Um estudo que nos ajuda nesta demarcação de Luís da Câmara, como escritor atuante nas ideias regionalistas, foi o de Francisco Sales Neto²³⁰. O mote, presente em sua pesquisa, problematiza a figura do professor Cascudo, como um autor silenciado por seus pesquisadores, por enquadrá-lo como autor modernista, silenciando as várias relações que ele manteve, como o Movimento- Regionalista- Tradicionalista. A evocação de Sales Neto é pela busca atuante fazendo aparecer um Cascudo regionalista. Sua preocupação em montar induções explicativas sobre a identificação de Cascudo com este movimento, demonstra o quanto plural são seus escritos e como fica difícil, para nós, enquanto pesquisadores, querer enquadrá-lo dentro de nossas perspectivas intelectuais.

O problema está em nós, tentando realizar uma leitura que parte do meu tempo, do meu espaço e das minhas lógicas conceituais; ora, aceitando, seduzindo-se com suas propostas, ora discordando de seus posicionamentos.

No final, como diz o próprio Cascudo em *Prelúdio e Fuga do Real*²³¹, remetendo a uma conversa surreal de Câmara Cascudo com Ramsés II, de que o personagem viaja ao tempo do professor para empreender um diálogo reflexivo para os historiadores. Nesta situação o professor, como gosta de ser chamado, recebe em sua casa um dos grandes Faraós

²²⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. *Prelúdio da Cachaça: Etnologia, História e Sociologia da Aguardente no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1986

²²⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *Meleagro: Pesquisas do Catimbó e Notas da Magia branca no Brasil*. Rio de Janeiro: Agir, 1978

²²⁸ Ver: GONÇALVES, José Reginaldo Santos. “Luís da Câmara Cascudo e o estudo das culturas populares no Brasil”. In.: Botelho, André; Schwarz, Lilia Moritz (orgs.). *Um enigma Chamado Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

²²⁹ *Idem, Ibidem*

²³⁰ SALES NETO, Francisco Firmino. *Palavras que silenciam: Câmara Cascudo e o regionalismo-tradicionalista nordestino*. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 2008

²³¹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Prelúdio e Fuga do Real*. Natal, Rio Grande do Norte, 1975

do Egito Antigo, num inimaginável encontro entre uma figura registrada pela História e o Cascudo, que escreve como se o Faraó estivesse ao seu lado, falando sobre as percepções dos historiadores sobre a construção de sua imagem; ele refuta, reflete e critica nossa condição enquanto “guardiões do passado”.

Com o exemplo, Cascudo mostra como é difícil esta relação de pensar as conduções passadas em tempos contemporâneos, falar sobre algo que se passou e ainda querer descrever sensações de pessoas que viveram há muito tempo. Quando Ramsés fala pela escrita de Cascudo, “*Cada ciclo da História terá sua lógica e não devo opor restrições e elogios do meu tempo para o atual ciclo democrático do Mundo*”²³² ele quer dizer que as noções de ontem podem ser explicativas para o hoje, mas é o historiador, o pesquisador que deduz e faz apontar no papel o que sente, dizendo o que cada personagem ou ocorrido histórico aconteceu.

É uma reflexão elaborada por Cascudo em 1975, data da primeira publicação deste livro, que chama a atenção pela consciência de como nos devemos comportar perante algo a que vamos nos dedicar a escrever.

O conteúdo de nossas pesquisas é endereçado para o leitor e se faz a partir de nossos interesses; temos consciência de que falamos a partir de nossas decisões, sendo esta mesma é que nos crucifica, ou santifica, porque, quando temos o controle do texto em mãos, tentamos atuar como juízes, decidindo o processamento dos fatos que elegemos.

No percurso desta pesquisa tentamos continuar a elaboração de um Luís da Câmara Cascudo múltiplo, de várias demarcações, passíveis e comunicáveis através do tempo. Esperando encontrar margens para explicações cascudianas em textos romancistas, em escritos memorialísticos e autobiográficos e tentando compreender este Cascudo que tanto empreendeu seu olhar para a Cultura Popular, estando neste item a preocupação em identificar essas marcas em momentos da nossa história presente no Movimento Modernista e nos Movimentos Regionalistas e chegamos a uma síntese compreensiva de que o professor Cascudo, gostava de contribuir independente de estar ligado a um movimento ou não; visto que a preocupação em consentir denominações são nossas, enquanto pesquisadores, dedicados a escrever sobre nossos interesses.

Neste sentido, *Canto de Muro*, dentro desta perspectiva, remonta a boa parte de sua obra e percebemos estas incursões atuantes no romance, citando várias experiências no

²³² *Idem, ibidem*, p. 92

terreno da cultura popular. Nele encontramos a presença marcante de referência aos seus estudos que foram citados ao longo deste texto. Cascudo nunca se ausentou de seus saberes literários para compor suas obras; nesta, em especial, ele dialoga com o leitor, com objetos, com a memória, aspectos que tentamos compreender ao longo de nossas leituras e de escrita presentes neste texto.

Outrossim, não chegamos a uma sentença final em notas explicativas sobre este autor, mas visamos contribuir com nossas percepções sobre a vida e as marcas deste autor que também se colocou dentro de uma experiência escriturária romancista, sem abandonar seus preceitos e conceitos sobre o popular que prega.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de se iniciar uma pesquisa, ela já nasce limitada. Não somos capazes de versar sobre tudo ou não temos a obrigação de entender e compreender todas as coisas. Neste caso, estamos cientes de que mesmo Câmara Cascudo, sendo um autor estudado por vários pesquisadores, sua investigação está longe de ser esgotada, visto que várias portas e janelas são abertas e em cada ponto de observação se transforma em um panorama de pontos de vistas diferenciados sobre suas obras e sua pessoa; no entanto, neste trabalho está presente apenas a perspectiva da abertura de uma dessas portas.

Como pesquisadores, estamos limitados e condicionados ao nosso meio e ao nosso lugar social; portanto, o que pretendemos escrever é apenas uma possibilidade de escrita; é a apresentação de uma abordagem a partir de uma porta ou de uma janela que se abre para nós. “*Enquanto a conclusão é interminável a pesquisa deve ter um fim*”²³³. Por conseguinte, encontramos nesta frase a fragilidade da escrita; o que escrevemos é apenas o campo, que a nossa ótica conseguiu enxergar sobre a perspectiva que arriscamos a escrever uma percepção própria posta à análise dos leitores.

(...) uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em meio a um contexto histórico que o justifica²³⁴.

No tocante a compreender e estarmos cientes de que existe um estilo de escrita para cada época, um *habitus* que resulta da convivência com pessoas de um mesmo momento que compartilham as mesmas experiências comuns a uma época e a um grupo²³⁵.

Quando o historiador arquiteta o texto, está sempre preocupado em tornar presente os limites impostos pela escrita; quando lançamos mão sobre as obras de Cascudo e em especial no seu romance, deparamos-nos com uma imensidão de temáticas que foram escritas sobre a dependência de um lugar social, do tempo e de uma instituição; daí a sensibilidade do historiador em perceber que, quando estamos reportando a um autor, como este que não

²³³ Certeau, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1982, p. 94

²³⁴ LEVI, Giovanni. “Usos da Biografia”. IN. AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV. 1996, p. 176

²³⁵ *Idem*, p.182

trabalha num só sentido e põe muito de suas emoções na escrita, devemos ter bastante cuidado em não lançar críticas exageradas, por não perceber a presença do seu lugar e de seu tempo.

Canto de Muro compõe seu romance, mas define o perfil memorialista, tipo afetivo, de uma memória pessoal, voltando para as mais variadas fontes fornecidas oralmente, um trabalho dileitante, executando com prazer e vão tecendo as obras de Luís da Câmara Cascudo; não podemos esconder que seus escritos, contribuíram para o estudo de variados temas, muitas vezes com sua visão conservadora, questionando os avanços da modernidade e, junto a ela, as perdas de valores da constituição familiar. Por sua vez, os objetivos de sua pesquisa refletem como um espelho de sua própria vida, no contato com seu mundo, na realidade à qual pertence, fazendo da “escrita seu fazer”. Antoine Prost²³⁶; estabelece, analisando a importância da narrativa histórica, que o narrador conhece as peripécias e o desfecho e interrompe o fio da narrativa. Constatando a importância da atuação de quem fala e de quem escreve neste sentido, o livro acompanha, segundo Prost, o transcorrer do tempo, uma vez que a pesquisa é sinuosa para seu tempo, para o momento sob o qual ela é escrita, remontando seus lugares inscritos. Dispomos Luís da Câmara Cascudo como um autor com a liberdade de pensar seu tempo, com seus códigos, partindo de seu lugar, na esteira de seu ofício como professor provinciano, fazendo da arte escriturária o “seu fazer”; os dedos de sua imaginação compõem seu *Canto de Muro*, um tipo de comunicação entre o autor e o leitor cujo significado ganha variações conforme os usos da leitura, e os objetivos adquiridos a partir dela; é assim que as obras de Cascudo vão ganhando corpo nos textos sedentos por interpretações.

Todavia, as contribuições de Câmara Cascudo para a escrita romanesca, sugerem como o já mencionado, atribuições memorialísticas, dotadas de sensibilidades; quando as lembranças da vida são colocadas no papel, perpassam junto a ela toda uma carga emotiva e afetiva, materiais, expostos em seus livros, como *O Tempo e Eu*, *Na Ronda do Tempo*, *Ontem e Pequeno Manual de um Doente Aprendiz*, textos, quase identificados como um diário de exposição de lembranças, daquelas que não foram perdidas com o passar do tempo e que aliás, o autor reflete em seus últimos livros, refletem o cansaço de uma vida pelo qual, razão por que o autor não volta mais. Logo, em *Canto de Muro*, estando no campo de um teor diferenciado de escrita, não deixa de conter estas convivências marcadas no passado de Cascudo, de seus quarenta anos, que nos ajudaram a refletir sobre a condição humana, não dando atenção às pequenas coisas ou as dimensões desprezíveis, quando fechamos os olhos,

²³⁶ PROST, Antoine. *Doze Lições sobre A História*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008

ou simplesmente nos silenciemos, em relação a determinados fatos ou acontecimento. Cascudo dá esteio ao que ele configurou como despercebidos; por isto aliou reminiscências de sua vida, ao que o ligava ao ambiente dos pequenos animais, empregando, em momentos, as percepções sobre o popular identificado a partir da referência aos animais, como a coruja, doada de superstições diante de seus usos ora como sinônimo da sabedoria, ora como nuncio de morte. As sugestões do tempo da natureza, quando, as formigas saem de seus formigueiros, destinadas ao acasalamento, logo sabemos que a chuva está por vir.

Essas foram as contribuições de Cascudo que percebemos diante da leitura de seus livros e de seus comentadores, que o faz ser um autor consultado, interpretado e posto a embates, como é o caso dos questionamentos, que o colocam, em algumas ocasiões, como Modernista, e em outros momentos como atuante no Movimento Regionalista. O fato é que ele registrou muito do que estudamos dentro das dimensões da História Cultural, através dos imaginários, das lendas, das superstições, dos mitos, exercendo uma função de historiador dentro de suas limitações. Ele percebeu o universal dentro das temáticas regionais, ajustando suas ideias ao que o tempo exigia sem se distanciar das proposituras locais, de como ele ganhava um corpo inscrito, seu nome paulatinamente fôra ganhando espaço primeiro em sua cidade, diante dos seus conterrâneos e posteriormente se expandindo, nacional e internacionalmente. São essas algumas das leituras que propomos sobre Cascudo e que esperamos ter contribuído com mais uma de suas leituras, que aqui não estão encerradas, mas “adormecidas” numa pausa, pela necessidade de se chegar a uma finalização temporária, deixando-se aberturas para trabalhos posteriores.

FONTES

CASCUDO, Luís da Câmara. *Conde d'Eu*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Voz de Nessus: Inicial de um Dicionários Brasileiro de Superstições*. João Pessoa: Imprensa Universitária da Paraíba, 1966.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Rede de Dormir: Uma pesquisa Etnográfica*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1959.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da República do Rio Grande do Norte: DA Propaganda à Primeira Eleição Direta para Governador*. Rio de Janeiro: Do Val, 1965.

CASCUDO, Luís da Câmara Cascudo. *O Tempo e Eu- Confidências e Proposições*. Natal: Imprensa Universitária, 1968.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradição, Ciência do Povo: Pesquisas na Cultura Popular no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Ontem: Maginações e Notas de um Professor de Província*. Natal: Rio Grande do Norte: Imprensa Universitária, 1972.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Civilização e Cultura: Pesquisas e Notas de Etnografia Geral*. Volume I e II. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1973.

CASCUDO, Câmara. *Viajando o Sertão*. Natal/RN: Imprensa Oficial do Estado/Gráfica Manimbu, 1975.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Prelúdio e Fuga do Real*. Natal, Rio Grande do Norte, 1975.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Canto de Muro: Romance de Costumes*. 2ª Edição. Rio de Janeiro. Editora José Olympio. 1977.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Meleagro: Pesquisas do Catimbó e Notas da Magia branca no Brasil*. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Anúbis e outros ensaios*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: FUNARTE/INF: Achiamé; Natal: UFRN, 1983.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Alimentação no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1983. (1967-1968)

CASCUDO, Luís da Câmara. *História do Rio grande do Norte*. 2ª Edição. Natal. Rio de Janeiro: Fundação José Augusto, 1984. (1ª Edição 1955)

CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e Cantadores*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Prelúdio da Cachaça: Etnologia, História e Sociologia da Aguardente no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1986.

CASCUDO, Luís da Câmara Cascudo. *História dos Nossos Gestos*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CASCUDO, Luís da Câmara Cascudo. *Pequeno Manual do Doente Aprendiz: Notas e maginações*. Natal: EDUFRN, 1998.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Cidade do Natal*. 3ª Edição. Natal, Instituto Histórico e Geográfico do rio Grande do Norte; Prefeitura da Cidade do Natal, 1999. (1ª Edição 1947)

CASCUDO, Luís da Câmara. *Na Ronda do Tempo*. Natal, Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2010.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. 2ª Edição. Recife: FJN, Editora Massagana; São Paulo: Cortez, 2001.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção da Cultura Popular: uma história da relação entre eruditos, intelectuais e as matérias e formas de expressão populares na Península Ibérica e Brasil (1870-1940)*. Disponível em:

www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda_remissa/a_invencao_cultural.pdf

ANDRADE, Mário. *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*. Introdução de Veríssimo de Melo. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 2000.

ASSIS, São Francisco de. *Escritos*. Tradução de frei Dorvalino Fassini. São Paulo: Editora Mensageiro de Santo Antônio, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais*. Trad.: de Yara Frateschi. Terceira Edição. SP: HUCITEC. 1996 .

BOURDIER, Pierre. “A Ilusão Biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. 2º Edição. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BURKE, PETER. *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: CIA das Letras. 1998.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (re) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.

BYINGTON, Silvia Ilg. “Prezados Modernistas: A correspondência entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade”. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Histórias em cousas miúdas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

CALVINO, Ítalo. *Marcovaldo ou As estações na cidade*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CASCUDO, Luís da Câmara Cascudo. Documentário exibido pela TV Senado, em 07/08/2008. Disponível em:
http://www.senado.gov.br/noticias/tv/programaListaPadrao.asp?COD_VIDEO=99922.
Acessado em 12/06/2011, às 18h.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universidade, 1982.

_____. *A Cultura no Plural*. Trad.:de Enid Abrel Dobránszky. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.

_____. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópoles: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand, 1985.

_____. *Práticas de Leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. *Aventura do Livro: Do leitor ao navegador*. Conversas com Jean Lebrun. São Paulo: UNESP/ IMESP, 1999.

_____. *Do palco a página: publicar teatro e ler romances na Época moderna- Séculos XVI- XVIII*. Tradução de Bruno Feitler. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2002.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso (orgs.). *História em Cousas Miúdas: Capítulos de História Social da Crônica no Brasil*. Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 2005.

COSTA, Américo de Oliveira. *Viagem ao Universo de Câmara Cascudo: Tentativa de Ensaio Bibliográfico*. Natal: Fundação José Augusto, 1969.

DARTON, Robert. *O grande Massacre de Gatos: E outros Episódios da História Cultural Francesa*. Trad.: de Sonia Coutinho Rio de Janeiro: Editora Graal, 1986.

_____. *Os Best Sellers Proibidos da França Pré- Revolucionária*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FREYRE, Gilberto. *O Movimento Regionalista*. Recife, Pernambuco; Instituto Joaquim Nabuco, 1976.

GEERTZ, Clifford. *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GICO, Vânia de Vasconcelos. *Interpretações do Brasil na Correspondência entre Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. Revista da FARN. Natal, v.7, nº 2. Julho a dezembro de 2008.

GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” In: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *O queijo e os Vermes: O cotidiano de um moleiro perseguido pela inquisição*. Trad.: de Maria Betânia Amoroso, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GÓIS, Moacyr de. “Ontem- memórias”. In. SILVA, Marco. (Org.). *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva; FFCLCH/USP; FAPESP; Natal: Ed. Da UFRN: Fundação José Augusto, 2003.

GOMES, Valdeci Feliciano. *Vozes que Calam Vozes de quem se Fala: Câmara Cascudo e a Cultura Popular*. Dissertação de Mestrado. PPGCS- Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, Paraíba, 2008.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. “Luís da Câmara Cascudo e o estudo das culturas populares no Brasil”. In.: Botelho, André; Schwarz, Lilia Moritz (orgs.). *Um enigma Chamado Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GOULEMOT, Jean Marie. “Da leitura como produção de sentidos”. In.: CHARTIER, Roger. *Práticas de Leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice Editora, 1990.

INQUE, Ryoki. *Vencendo o desafio de escrever um Romance*. São Paulo: Summus, 2007.

KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste Do Brasil*. Tradução de Luís da Câmara Cascudo. 12ª Edição. Rio de Janeiro, São Paulo: ABC editora, 2003.

LACERDA, Lilian de. *Álbum de leitura: Memórias de vida, Histórias de Leitoras*. São Paulo: UNESP, 2003.

LARROSA, Jorge. “Notas sobre narrativa e identidad. A modo de Apresentação”. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna. (Org.). *A aventura (auto) biográfica: Teoria e Empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

LEVI, Giovanni. “Usos da Biografia”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. 2º Edição. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão. Et. AL. 4ª Edição. São Paulo: Editora Campinas; Editora UNICAMP, 1996.

LIMA, Marinalva Vilar de.” Voz de Nessus”. In.: SILVA, Marco. (Org.). *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva: FFCLCH/USP: FAPESP; Natal: Ed. Da UFRN: Fundação José Augusto, 2003.

_____ *Loas que carpem: a morte na literatura de cordel*. Tese de doutorado em História Social. São Paulo: USP, 2003.

LOPES, Têlé Ancona Porto. “Canto de Muro”. IN. SILVA, Marcos. (org.) *Dicionário Crítico de Câmara Cascudo*. SP: Editora Perspectiva, FFLCH/USP, FAPESP; Natal: EDUFRN, Fundação José Augusto, 2003.

MELLO, Luísa Laranjeira da Silva. Fichamento. In: Cascudo, Luís da Câmara. *Canto de Muro: Romance de Costumes*. 2ª Edição. Rio de Janeiro. Editora José Olympio. 1977. Disponível em www.modernosdescobrimientos.com.br.

MICHELET, Jules. *O Povo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MIRANDA, Wander Melo. “A ilusão Autobiográfica”. In. _____ *Corpos Escritos: Graciliano Ramos e Silvano Santiago*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: UFMG, 1992.

NEVES, Alexandre Gomes. *Câmara Cascudo e Oscar Ribas: Diálogos no Atlântico*. Dissertação do Programa de Pós- Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Inglesa, USP, São Paulo, 2008

NEVES, Margarida de Souza. “Viajando o Sertão: Luís da Câmara Cascudo e o solo da tradição”. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Histórias em cousas miúdas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

_____. “O sertão (en)cantado: Cores e sonoridades”. In.: *Decantando a República: um inventário histórico e político da música brasileira*. V. 3 – A cidade não mora mais em mim. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2006.

OLIVEIRA, Giuseppe Roncalli Ponce Leon. *Luís da Câmara Cascudo e a Invenção do Feminino na Cultura popular Nordestina (1938-1977)*. Campina Grande, Paraíba: EDUFPG, 2009.

PEREIRA, Lauro Ávila. “O Tempo e Eu”. In. SILVA, Marco. (Org.). *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva: FFCLCH/USP: FAPESP; Natal: Ed. Da UFRN: Fundação José Augusto, 2003.

POWERS, Alan. *Era uma vez uma capa: História Ilustrada da Literatura Infantil*. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2008.

PROST, Antoine. *Doze Lições sobre A História*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

ROCHE, Daniel. *O Povo de Paris: Ensaio sobre a Cultura Popular no Século XVIII*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SALES NETO, Francisco Firmino. *Palavras que silenciam: Câmara Cascudo e o regionalismo- tradicionalista nordestino*. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 2008.

_____. *Luís Natal ou Câmara Cascudo: O autor da cidade e o espaço como autoria*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em História- Cultura, poder e Representações. Natal, Rio Grande do Norte, 2009.

SILVA, Marcos. “Câmara Cascudo e a Erudição Popular”. In: *Projeto de História: Trabalhos de Memória. Revista do Programa de Estudos Pós- Graduados em História e do Departamento de História*. São Paulo: EDUC, 1998.

_____(Org.). *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva: FFCLCH/USP; FAPESP; Natal: Ed. Da UFRN: Fundação José Augusto, 2003.

_____. *Cultura como patrimônio popular: perspectivas de Câmara Cascudo*. Projeto História, São Paulo, n.33, p. 195-204, dez. 2006.

_____. *Câmara Cascudo, Dona Nazaré de Souza & Cia: Guerras do Alecrim*. São Paulo: Terceira Imagem, Natal: EDUFRN, 2007

SOUZA, Ricardo Luiz de. “Câmara Cascudo e o elogio da tradição”In.:*Identidade Nacional e Modernidade Brasileira: O diálogo entre Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre*. Belo Horizonte: Autêntica: 2007.

SUASSUNA, Ariano. *Manifesto do Movimento Armorial*. Recife-PE: UFPE, 1976.

ZILBERMAN, Regina. Et al. *As Pedras e o Fogo: Fontes Primárias, Teoria e História da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.